GARRETT

Camões


ALEMTEJO

MADEIRA



COLECÇÃO LUSITÂNIA

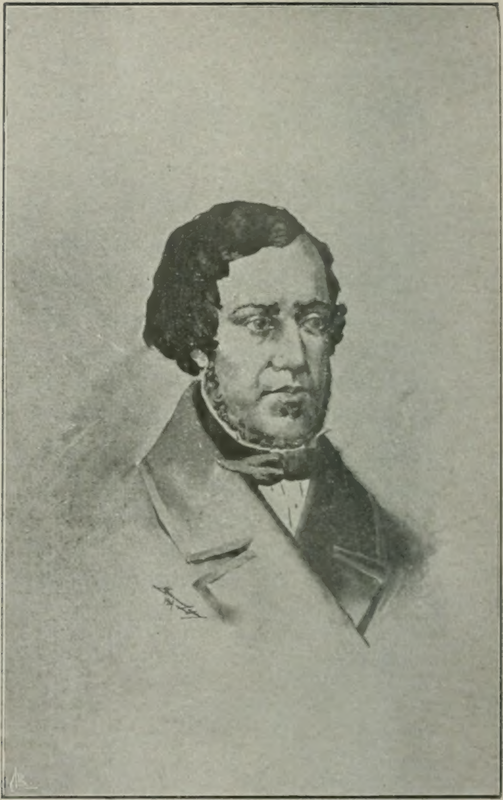
ALMEIDA GARRETT

CAMÕES

Colecção Lusitânia

Esta colecção, de que já estão publicados **74 volumes**, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têm editado em português, e destina-se a vulgarizar, não só as obras-primas da literatura pátria, como também, em cuidadas traduções, as melhores da literatura estrangeira.

Possuir a **Colecção Lusitânia** completa, é o mesmo que possuir uma pequena biblioteca.



ALMEIDA GARRETT

ALMEIDA GARRETT

CAMÕES

Edição conforme a revista pelo autor
com um estudo

POR

CAMILO CASTELO BRANCO

LELLO & IRMÃO — EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PORTO

ARTES GRAFICAS — PORTO

LUÍS DE CAMÕES

APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DO «CAMÕES» DE GARRETT COM NOTAS DE TEÓFILO BRAGA

I

O protagonista do sempre formoso poema de Almeida Garrett é um Luís de Camões *romântico*, remodelado na fantasia melancólica de um grande poeta exilado, amoroso, nostálgico. A ideal tradição romanesca impediu, com as suas névoas irisadas de fulgores poéticos, passante de duzentos e cinquenta anos, que o amador de Natércia, o trovador guerreiro, fosse aferido no estalão comum dos bardos que imortalizaram, a frio e com um grande sossego de metrificação, o seu amor, a fatalidade do seu destino em centúrias de sonetos. Garrett fez uma apoteose ao

génio, e a si se ungiu ao mesmo tempo príncipe reinante na dinastia dos poetas portugueses, criando aquela incomparável maravilha literária. Ensinou a sua geração sentimental a ver a corporatura agigantada do poeta que a crítica facciosa de Verney e do padre José Agostinho apoucara a uma estatura pouco mais que regular.

Camões ressurgiu em pleno meio-dia do romantismo do século XIX, não porque escrevera os LUSÍADAS, mas porque padecera de uns amores funestíssimos. O século XVIII citava-o apenas nos livros didácticos e nas academias eruditas, como exemplar clássico em epítetos e figuras da mais esmerada retórica. Tinha caído em mãos esterilizadoras dos gramáticos que desbotam sapientìssimamente todas as flores que tocam, apanham as borboletas, pregam-nas para as classificarem mortas, e abrem listas de hipérboles e metáforas para tudo que transcende a legislatura codificada de Horácio e Aristóteles.

Luís de Camões, qual o figuram Garrett no poema trágico e Castilho no drama ultra-romântico, e as musas indígenas e forasteiras nas suas contemplações plangentes, é o que se requer que seja o mártir do amor, o soldado ardido, o talento menoscabado pela camarilha dos reis. Os maviosos sentimentalistas afizeram-nos a estas cores prismáticas — às refulgências das auroras e dos luares teatrais. Mal podemos encarar o nosso Camões a uma grande luz natural. Queremo-lo na tristeza crepuscular das tardes calmosas, na mesta solidão dos mares, nas

saudades do desterro, no desconforto das primeiras precisões, vivendo da mendicidade do Jau — do *escravo*, como se alguma hora houvesse em Portugal escravos de procedência asiática — e das economias da preta, arrastando-se sobre muletas do adro de S. Domingos para o catre do hospital. Quem nos mostrar Camões à luz com que a história e a crítica indutiva elucidam as confusas obscuridades dos homens extraordinários — e por isso mais expostos à deturpação lendária — poderá avizinhar-se da verdade; mas, do mesmo passo, se desvia da nossa inveterada opinião, e talvez incorra em delito de ruim português. [1]

Eu me vejo neste perigo e não me poupo às eventualidades da ousadia. Pretender exibir novidades inferidas de factos comparados e probabilidades em uma biografia tantas vezes feita e refeita, será irrisório atrevimento quando mas puderem contraditar com provas sòlidamente cimentadas. O que não parecer novo nestes traços será uma jus-

---

[1] Camilo, para fugir à deturpação lendária, apresenta Camões como um criminoso defraudando os dinheiros do cofre dos Defuntos e Ausentes, que só o seu grande génio faz perdoar! Também para se libertar dos convencionalismos da lenda, Antero de Quental considera a vida de Camões como a de um rapaz que teve a ventura de dar largas às solturas da idade. É um realismo subjectivo feito à *imagem* dos críticos; e quem não for nestas águas, por mais investigações que apure, só faz « *um misto de ingenuidade crítica e paixão idolátrica* ». (T. B.).

tificada emenda aos erros dos biógrafos antigos e recentes em que nomeadamente avultam os senhores visconde de Juromenha e doutor Teófilo Braga que segue muito confiado aquele douto investigador com uma condescendência extraordinária para escritor que tanto averigua. [1]

II

Direi primeiro do amor meio lendário de Luís Vaz de Camões a D. Catarina de Ataíde, como causa essencial da sua vida inquieta e dos reveses da sinistra fortuna procedentes desse desvio da prudência na mocidade.

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do celebrado orador, deixou umas LEMBRANÇAS inéditas que passaram da opulenta livraria do advogado

---

[1] Camilo ressentia-se nesta época das *agulhas ferrugentas*, que o intrigavam capciosamente contra Teófilo Braga. Quando o veio a conhecer, confessou que estava farto daqueles medíocres que se escondiam detrás dele para atacarem Teófilo. E citava-lhes os nomes. Depois disso deu o mais belo testemunho da sua generosidade de espírito no inigualável Soneto da *Maior Dor Humana*.

Outros críticos também acusaram Teófilo Braga de ir nas pegadas de Juromenha; é tão fácil dizer coisas! Quem corrigiu o erro de Juromenha do pai de Camões, Simão Vaz de Camões, confundido com o homónimo turbulento primo do Poeta? Quem apagou o erro de *Camões* conhecido por Sá de Miranda e memorado pelo

Pereira e Sousa para o meu poder. [1] Diogo de Paiva nascera em 1576. É contemporâneo de Camões. Conheceu provàvelmente pessoas de convivência do poeta. Poderia escrever amplamente, impugnando algumas notícias de Mariz, de Severim e de Manuel Correia. Era cedo, porém, para que o assunto lhe interessasse bastante. Na juventude de Paiva, as memórias de Camões não tinham ainda atingido a consagração poética de que se formam as nebulosas do mito. Diogo de Paiva pouco diz; mas, nessas poucas linhas, há duas espécies não relatadas pelos outros biógrafos:

«*Luís de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18 anos, namorou Catarina de Ataíde, e principiou a inclinação em 19 ou 20 de Abril, do ano de 1542, em sexta-feira da Semana Santa, indo ela à igreja das Chagas de Lisboa, onde o poeta se achava. A esta senhora dedicou muitas das suas obras, e ainda que com diferentes nomes é a mesma de que fala repetidas*

---

cunhado Manuel Machado de Azevedo, mostrando que se referia a *Vasco Pires de Camões*, terceiro avô do Poeta. Como estes podem apontar-se mais factos, que não foram exibidos como erros de um benemérito investigador, mas como elementos mais seguros de construção, tais como o quadro dos estudos de Camões em Coimbra, a corte literária de D. João III, o problema de Ternate e de Macau, dos dois naufrágios e da sua sepultura. Mas a Juromenha caberá sempre a glória de nos ter libertado do quadro de Faria e Sousa e de ter encetado a pesquisa dos cancioneiros manuscritos. (T. B.).

[1] Por compra feita ao livreiro Sr. Rodrigues, da Travessa de S. Nicolau, em 1871.

vezes. Foi depois dama da rainha D. Catarina, e continuando os amores com boa correspondência, mudou ela de objecto para os agrados de que Camões se queixa em suas composições. Por estes amores foi quatro vezes desterrado: uma de Coimbra, estando lá a corte, para Lisboa; outra de Lisboa para Santarém; outra de Lisboa para a África; e finalmente de Lisboa para a Índia, de onde voltou muito pobre, sendo já falecida D. Catarina, por quem tão cegamente se apaixonara.»

O desterro de Camões de Coimbra, onde estava a corte, é a novidade que não pude conciliar com o facto de ter residido D. João III em Coimbra nos anos imediatos a 1542, ano em que o poeta vira D. Catarina na igreja das Chagas. Os impressos que consultei, e não foram poucos, não me esclareceram. Sei tão sòmente que o rei esteve em Coimbra por 1527 e 1550. Nesta segunda data já Camões se repatriara do segundo desterro em África. Quanto à inconstância da dama da rainha — novidade de mais fácil averiguação — os factos que vou expender a persuadem coerentemente.

D. João III, o rei inquisidor, e *piedoso* por antonomásia, antes de fazer um filho em Isabel Moniz, fizera outro em Antónia de Berredo. Eram ambas de linhagem ilustre. A primeira finou-se num convento da Guarda, sem ter visto seu filho Duarte que, aos 22 anos, morreu arcebispo de Braga. A segunda ficou na corte, e achou marido de raça fina, sem embargo da concubinagem real, agravada pelo acto da sua notória fecundidade. A criança

tinha morrido. Os nobiliaristas chamaram-lhe *Manuel* e ocultaram-lhe o nome da mãe, visto que ela propagou altos personagens, sujeitos envergonhados.

Antónia de Berredo casara com um viúvo rico e velho, António Borges de Miranda, senhor de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, que de sua primeira mulher, da casa de Barbacena, tivera dois filhos, a quem competia a sucessão dos vínculos. D. Antónia concebeu do marido, e deu à luz um menino que se chamou Rui Borges Pereira de Miranda. O marido faleceu. Os filhos do primeiro matrimónio, Simão Borges e Gonçalo Borges foram esbulhados da sucessão dos vínculos — um estrondoso escândalo em que influiu o arbítrio despótico do rei a favor do filho da sua amante.[1]

---

[1] *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho* escrito por *Manuel de Sousa da Silva.* Deste genealógico nos dá notícia abonatória D. António Caetano de Sousa, no *Aparato à História Genealógica*, pág. CLXIII: « Manuel de Sousa da Silva, filho de António de Sousa Alcoforado e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha de Duarte Carneiro Rangel. Foi capitão-mor do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega: escreveu notas ao conde D. Pedro em um grande volume em fólio que se conserva original da sua mesma letra na livraria de Luís Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cávado. Escreveu em quintilhas os solares de todas as famílias do reino manuscritas e um grande número de títulos de famílias com muita exacção porque viu os cartórios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as famílias de que tratou ».

Apossado iniquamente dos senhorios de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, Rui Borges, filho de Antónia de Berredo, afeiçoou-se a D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa, veador da casa da rainha, senhor de Eixo e Requeixo, nas vizinhanças de Aveiro. D. Catarina era pobre, como filha segunda; seu irmão André de Sousa era um simples clérigo, prior de Requeixo; o senhor da casa era o primogénito Diogo Lopes de Sousa.

D. Catarina aceitara o galanteio do poeta Luís Vaz de Camões, talvez antes de ser requestada por Borges de Miranda. O senhor de Ílhavo, rivalizado pelo juvenil poeta, sentia-se inferior ante o espírito da dama da rainha. [1] Seria um estúpido consciente; queixou-se talvez à mãe. Não é de presumir que a mulher de D. João III se aviltasse protegendo o galanteio repelido do filho da Berredo — amante notória de seu marido; mas é natural que a mãe

---

[1] Camilo adoptou a lenda dos amores de Camões com D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa, mas esta hipótese caducou desde que José do Canto publicou a nota da certidão em que se dá baixa no Livro das Moradias da Rainha, em 1543, tendo deixado a corte por casamento com Rui Borges de Miranda. Portanto desmorona-se todo o romance dos ciúmes de Borges de Miranda, e vingança da Berredo, amante de D. João III, causa do conflito do poeta com Gonçalo Borges na procissão de Corpus: e também a inferência de que a conhecesse Camões ja de Coimbra, pelas proximidades em que estava de Aveiro. A frase de Paiva de Andrade, nas *Lembranças*: « Por estes amores foi quatro vezes desterrado: *uma vez de Coimbra*... » tem outra inter-

de Rui Borges recorresse directa e clandestinamente ao rei solicitando o desterro do perigoso émulo de seu filho. Assim pôde motivar-se o primeiro desterro de Camões para longe da corte, e o segundo para África em castigo da teimosia dele e das vacilações de Catarina de Ataíde na aceitação do opulento Rui Borges — vacilações transigentes com a riqueza do rival do poeta pobre, a meu ver. A dama não seria muito escoimada em primores de fidelidade. Das damas da corte de D. João III, dizia Jorge Ferreira de Vasconcelos: «todas são mui próvidas em não estarem sobre uma amarra por não ser como o rato que não sabe mais que um buraco» — e talvez pensasse em Camões quando escrevia: «Ele cuida que por discreto e galante há-de vencer tudo: eu quisera-lhe muito mais dinheiro que todas suas trovas, porque este franqueia o campo, e o al é martelar em ferro frio». [1]

---

pretação, que se não pode referir a Catarina de Ataíde de *Lima*, porque estava na infância e nunca viera a Coimbra.

Transcrevendo a Nota à margem do Assentamento do Livro das Moradias da Casa da Rainha a VII de Dezembro de 1543 para ser riscada Catarina de Ataíde por ter certificado o seu casamento, concluiu José do Canto: «A esta aérea presunção se opõe um documento existente na Torre do Tombo respectivo ao Livro das Moradias da Casa da Rainha, que fixa o casamento de Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa no ano de 1543». (*Catálogo Camoniano*). T. B.

[1] *Eufrosina*, ac. I., c. VI, e act. II, c. II.

Saiu Camões para a África em 1547, e lá se deteve pròximamente dois anos. Quando regressou, a dama da rainha era já casada com Rui Borges e vivia na casa do esposo convizinha de Aveiro, entregue ao ascetismo, sob a direcção de frei João do Rosário, frade dominicano.

Subsistem umas MEMÓRIAS comunicadas a Herculano em 1852, e datadas em 1573 por aquele frade, nas quais o confessor revela que D. Catarina, quando ele a interrogava acerca do desterro de Camões por sua causa, a esposa discreta de Rui Borges respondia que não ela, mas o grande espírito do poeta o impelira a empresas grandiosas e regiões apartadas. Esta resposta, um tanto anfibológica, argúi e justifica o honestíssimo melindre da esposa.

Se respondesse: «fui a causa de seu desterro», daria testemunho menos nobre da sua ingratidão, e teria de corar como esposa voluntária de Rui Borges, como treda amante do desditoso poeta, e ainda como filha espiritual do frade nìmiamente indagador que várias vezes e indelicadamente a interrogava sobre o caso melindroso: *E todas las vezes que no poeta desterrado por saa rasão lhe falava...* — escreve frei João do Rosário.

O arrependimento, o tédio e a saudade não a mortificaram longo tempo. Morreu Catarina de Ataíde em 28 de Setembro de 1551, e foi sepultada na capela-mor que dotara no mosteiro de S. Domingos de Aveiro em sepultura que talvez mandasse construir.

Camões não ignorava a tristeza raladora de Catarina. Este soneto exprime o sentimento de uma vingança nobre até ao extremo de compadecida:

Já não sinto senhora, os desenganos
Com que minha afeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão, que me negastes,
Merecido por fé há tantos anos.

A mágoa choro só, só choro os danos
De ver por quem, senhora, me trocastes!
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o ofendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males a esquivança
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quisera tanto à vossa custa.

Semelhante soneto dirigido à outra D. Catarina de Ataíde, dama do paço que morreu solteira, não tem explicação. Claro é que Luís de Camões alude à mulher que o vinga padecendo as mágoas resultantes de uma aliança em que ele foi ingratamente sacrificado. À outra dama que morreu, estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biógrafos, não diria Camões:

. . . a vingança
Não a quisera tanto à vossa custa.

Como o vingaria ela, desconhecendo as tristezas de casada que não chegou a ser? Era mister que se desse mudança de vida irremediàvelmente aflitiva e remordida de arrependimento para que o poeta se ufanasse de vingado — e tanto que implìcitamente lhe perdoa. O soneto que trasladei não atraiu ainda notável reparo de algum biógrafo, sendo a página mais para estudo nos amores de Camões.[1] Antes do generoso soneto, quando a julgava contente, Camões exprimia-se de mui diverso teor. O ciúme, o despeito e a cólera desafogara noutros

[1] O facto notado por Camilo está hoje esclarecido na *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa* (*Renascença*, p. 401 a 404). Na Canção I, Camões celebra uma desolada partida de Coimbra, e como ali passara a sua encantada mocidade, enlevado nos mais ideais amores. E esse idílio é celebrado em diferentes Sonetos em que o nome de *Belisa* e *Sibila* personifica o objecto desse sonho, orgulhosa, soberba e desigual no seu afecto; era sua prima *Isabel Tavares*, irmã do estouvado Simão Vaz de Camões. A família dela, opulenta em Coimbra, não levou a bem esses amores com seu primo pobre. E a saída de Coimbra foi forçada, como uma espécie de desterro, para evitar complicações. *Isabel Tavares* casou pouco depois. Podem-se nos Sonetos, Elegias e Églogas destrinçar aquelas que se dirigem a *Isabel Tavares* pela psicologia da mulher idealizada, tão diferente da tímida ternura e ingenuidade da Catarina de Ataíde de Lima, que ilumina outros Sonetos. João Vaz de Camões casara em segundas núpcias com Branca Tavares, e dela houve esta filha *Isabel Tavares*: e para cujo casamento obteve do seu primogénito Simão Vaz de Camões o solar da Porta Nova do Chão de Joane Mendes. Efectivamente casou com um Álvaro Pinto. (T. B.).

versos perdoáveis à dor, mas somenos fidalgos. Chamou-lhe *cadela*.

O viúvo Rui Borges passou logo a segundas núpcias como quem procura em outra mulher a felicidade que não pudera dar-lhe a devota Catarina absorvida no misticismo, como num refúgio aos pungitivos espinhos da sua irremediável ingratidão.

O poeta granjeara inimigos na corte. Deviam ser os Berredos e os parentes de Rui Borges de Miranda. Entre os mais próximos deste havia um seu irmão bastardo, Gonçalo Borges, criado do paço, a cargo de quem corria a fiscalização dos arreios da casa real. Teria sido esse o espia, o denunciante das clandestinas entrevistas do poeta com a dama querida de seu irmão?

Em Maio de 1552, Gonçalo Borges curveteava o seu cavalo entre o Rossio e Santo Antão, no dia da procissão de *Corpus Christi*, em que se mesclava um paganismo carnavalesco de exibições mascaradas. Dois incógnitos de máscara enxovalharam Gonçalo Borges com remoques. Houve um recíproco arrancar das espadas. Neste comenos, Luís de Camões enviou-se ao irmão de Rui Borges e acutilou-o no pescoço. O golpe, segundo parece, era a segurar; mas não deu resultados perigosos para o ferido. Camões foi preso; e, ao terminar um ano de cárcere, solicitou perdão de Gonçalo Borges que, voluntário ou coagido por empenhos, lhe perdoou, visto que não tinha *aleijão nem deformidade*. A *Carta de perdão*, produzida pelo snr. visconde de Juro-

menha, é datada em 7 de Março de 1553, e está integralmente copiada.[1]

Dias depois, Luís Vaz de Camões saía para a Índia, na mesquinha posição de substituto de um Fernando Casado, e recebia 2$400 réis como todos os soldados rasos que embarcavam para o Oriente; e para isto mesmo prestou a fiança de Belchior Barreto, casado com sua tia. Aqueles 2$400 réis eram o primeiro quartel dos 9$600 réis, soldo anual do soldado reinol.

Expatriou-se na humilhação dos mais desprotegidos. Devia de ter alienado a estima e o favor de amigos influentes, porque saía do cárcere rebaixado pelo desbrio com que implorara o perdão, e réu confesso de uma vingança por motivos menos honestos aos olhos dos velhos sérios, e desdourados na própria fidalguia pelas ribalderias amorosas de um mancebo de nascimento ilustre. Se Luís de Camões embarcasse para a Índia como o comum dos mancebos fidalgos, receberia 300 ou 400 cruzados de ajuda de custo.

A família *Camões*, no reinado de D. João III, esteve relegada da consideração da corte. O mais notável dessa família, o crúzio D. Bento, prior geral da sua Ordem, gozou apenas a prelazia monástica, mas sem influência civil de alguma espécie. Simão Vaz de Camões, parente do poeta, senhor de um

---

[1] *Obras de Luís de Camões*, ediç. Jur., tomo I, pág. 166.

morgado mediano, era, por esse tempo, um libertino espiado pela justiça, desonrado por delitos graves e alianças matrimonialmente ignóbeis. Os outros ramos vegetavam obscuros; e alguns dessa família que militaram na Ásia não alcançaram alguma qualificação notável nos minuciosos anais de Gaspar Correia. Diogo do Couto nem sequer os nomeia.

No reinado de D. João II, Antão Vaz, avô do poeta, casara com D. Guiomar da Gama, parenta de Vasco da Gama, a quem seguiu à Índia, capitaneando uma caravela, talvez escolhido por Vasco, em atenção ao parentesco. O herói dos LUSÍADAS enviou Antão Vaz embaixador ao rei de Melinde, a cumprimentá-lo, a levar-lhe presentes e a concertar as pazes.[1] Luís de Camões, com rara modéstia, omite o nome de seu ilustre avô; dá-lhe, porém, predicados de elegância oratória e compraz-se em o fazer discursar largamente. Na dilação do discurso transluz uma lícita vaidade. Vasco

> Manda mais um, *na prática elegante*,
> Que co'o rei nobre as pazes concertasse
> . . . .
> Partido assi o *embaixador prestante*,
> . . . .
> Com estilo que *Palas lhe ensinava*
> Estas palavras tais falando orava.[2]

---

[1] *Lendas* de Gaspar Correia, tomo I, pág. 560 e 561.

[2] Veja as estâncias desde LXXVII a LXXXIV do canto II.

Nenhum biógrafo, que me conste, aproximou ainda a passagem do poema do nome do embaixador Antão Vaz. Verdade é que João de Barros, Damião de Góis e o bispo Osório escondem o nome do enviado; e a maioria dos biógrafos não conheceu os mss. de Gaspar Correia, nem consultou senão os expositores triviais. Antão Vaz, como se lê noutros trechos daquele prolixo cronista, é sempre o preferido nas mensagens em que é essência o discurso. Conhece-se que Vasco da Gama o reputava eficaz no dom da palavra. Passado o ano de 1508 não tenho notícias dele, nem sei que se avantajasse no posto com que saiu do reino, comandante de caravela, em 1502. Provàvelmente não fez fazenda, como lá se dizia na Ásia, ou porque tinha espíritos por demais levantados da terra nas asas da eloquência, como se depreende do conceito do neto, ou porque pertencia à raça ainda generosa e desinteressada dos primitivos soldados do Oriente. O certo é que a sua descendência, filho e neto, não inculcam herdar-lhe os haveres.

III

Posto que na *Carta de perdão* se diga que o pai do soldado, Simão Vaz de Camões, cavaleiro fidalgo, morava na cidade de Lisboa, isto não afirma que ele, no ano em que o filho embarcou, ali residisse. Simão Vaz estanciara muito pela Índia, e possuíra em Baçaim, em 1543, a aldeia de Patarvali que

D. João de Castro, vice-rei, lhe aforara por 60 pardaus.[1] Estes aforamentos eram vitalícios e concedidos como remuneração de serviços a fidalgos pobres, porque, dizia o vice-rei, não dispunha de outra moeda. Falecido D. João de Castro, os governadores subsequentes Garcia de Sá e Jorge Cabral, insinuados por D. João III, que já vivia do expediente de empréstimos, anularam as concessões do vice-rei como nocivas aos interesses da monarquia. A aldeia de Patarvali foi reivindicada para a coroa, e a fortuna de Simão Vaz manifestou-se na pobreza da sua viúva e do seu filho único.

Pedro de Mariz e a série de biógrafos mais antigos testificam que Simão Vaz, tendo naufragado em terra firme de Goa, a custo se salvara e morrera depois nesta cidade. Ora, em 1552, a nau *Zambuco* varou no rio de Seitapor, a trinta léguas de Goa, salvando-se a tripulação. Seria essa a nau em que Simão Vaz de Camões ia novamente no engodo da fortuna esquiva? Se era, em Março de 1553, quando Camões saiu do cárcere, a morte de seu pai não podia ainda saber-se em Lisboa. É certo que, nas *Lendas* de Gaspar Correia e *Décadas* de Couto, o nome de Simão Vaz é inteiramente desconhecido. Seja como for, é necessário expungir da biografia de Luís de Camões um *Simão Vaz*, residente em Coimbra, primo do poeta, que o snr. visconde de

---

[1] *Tombo do Estado da Índia*, por Simão Botelho. (Na *Colecção dos Inéditos para a História das Conquistas dos Portugueses*, pág. 198).

Juromenha por desculpável equívoco da homonímia reputou pai de Luís, descurando as induções da cronologia e todas as provas morais que impugnam semelhante parentesco.

Das poesias de Camões nada se depreende quanto aos seus progenitores. Em toda a obra poética e variadíssima do grande cantor não transluz frouxo sentimento filial — nem um verso referente ao pai. Em todos os seus poemas escritos na África e Ásia, na juventude e na velhice, não há uma nota maviosa de saudade da mãe. Os poetas da renascença tinham esse aleijão como preceito de escola. Desnaturalizavam-se da família, da trivialidade caseira para se enaltecerem às coisas olímpicas. Gastavam-se na sentimentalidade das epopeias e das éclogas. O amor da família, se alguma hora reluz, não é o da sua — é o das famílias heróicas. Apaixonavam-se pelo mito, timbravam em nos comoverem com as desgraças de Agamémnon ou Níobe. Isto não desdoura a sensibilidade do cantor de Inês e de Leonor de Sá; mas vem de molde para notar que do poeta para com seus pais não se encontra um endecassílabo que lhe abone a ternura. O mesmo desamor se verifica em todos os poemas coevos, quer épicos, quer líricos. Só uma vez em Diogo Bernardes se entrevê tal qual afecto de família a um irmão que professa na Arrábida, e em Sá de Miranda a um filho e à esposa mortos: mas de amor filial é escusado inquirir-lhes o coração nas rimas. Parece que o haverem sido um produto fisiológico do preceito da propa-

gação os isentava de grandes afectos e respeitos a quem os gerou. Não os escandecia em raptos poéticos essa vulgar aliança de filhos a pais.

IV

Luís de Camões achou-se bem, confortàvelmente em Goa. As suas cartas conhecidas não inculcam nostalgia, nem a estranheza dolorosa do insulamento em região desconhecida. Rescendem o motejo, o sarcasmo e a vaidade das valentias. Não se demora a bosquejar sequer, com séria indignação, o estrago, a gangrena que lavrava no decadente império índico pelos termos graves de Simão Botelho, de Gaspar Correia, António Tenreiro, Diogo do Couto e dos teólogos. Narra de relance e com frases jocosas as façanhas desses ignorados acutiladiços, as bazófias de Toscano, a moderada fúria de Calisto, e as proezas do duelista Manuel Serrão. Era este Serrão um ricaço de Baçaim, senhor de quatro aldeias, que fizera desdizer um bravo da alta milícia. Comprazia-se Camões nestas histórias façanhosas, chasqueando os pimpões de lá e os de cá, uns que nunca lhe viram as solas dos pés por onde ùnicamente podiam vulnerá-lo como ao herói grego. Acha-se tranquilo como em cela de frade pregador, e acatado na sua força como os touros da Merceana. Preocupava-o fortemente a bravura. Como a metrópole da Índia portuguesa, não havia terra mais de feição para chibantes.

Escrevia Francisco Rodrigues da Silveira: «Dentro em Goa se cortam braços e pernas e se lançam narizes e queixadas em baixo cada dia e cada hora, e não há justiça que sobre o caso faça alguma diligência: dando por razão que o não permite a Índia, porque cada qual pretende satisfazer-se por suas mãos de quem o tem agravado». [1]

Depois, as mulheres. As portuguesas caem de maduras, ou porque a lascívia as sorvou antes de sazonadas, ou porque vêm ao chão de velhas: — é opiniativa a inteligência do conceito picaresco. As indígenas são pardas como o pão de rala, têm uns palavriados que travam a ervilhaca, e gelam os mais escandecidos desejos. São carne de salé onde amor não acha em que pegue. Lembra-se das lisboetas que chiam como pucarinho novo com água, e manda-lhes dizer que, se lá quiserem ir, receberão das mãos das velhotas as chaves da cidade. De envolta com estas prosas facetas, envia um soneto e uma écloga fúnebres à morte de um amigo.

Esta carta encerra a nota melancólica de uma frase de Cipião: *Pátria ingrata, não terás meus ossos*. Mas a comparação, para não ser um dislate de orgulho, era decerto um gracejo de Luís de Camões. Que lhe devia a Pátria em 1553? Ele tinha 30 anos; escrevera poemas líricos excelentes, apenas louvados na roda dos palacianos e dos menos cultos. Ferreira e Sá de Miranda parece que não

---

[1] *Memórias de um Soldado da Índia*, compiladas por A. de S. Costa Lobo. Lisboa, 1877.

o conheciam. O bravo que saíra do cárcere com perdão de Gonçalo Borges a quem golpeara o cachaço, ou o toutiço, como disseram os físicos do exame, em verdade, confrontando-se com Cipião Africano, ao desterrar-se, não primava em pontos de modéstia. O seu avantajado e indiscutível direito à gratidão da pátria era um poema começado apenas, ou talvez ainda não tracejado. Camões tem ante si dezasseis anos para pleitear com Vasco da Gama a imperecedoura glorificação que lhe prepara. A pátria desconhecia ainda o seu grande acredor que se estava germinando no cérebro potentíssimo daquele seu filho — único filho que todas as nações cultas conhecem, e o máximo na imortalidade que tem de sobreviver à terra que cantou.

Os feitos valorosos de Luís de Camões na Ásia não tiveram a notabilidade que os cronistas do Oriente e de D. João III deram a lances insignificantes de homens obscuros. O difuso autor das Décadas, Couto, apenas o nomeia numa crise de pobreza convizinha da mendiguez. Os antigos biógrafos e comentaristas não o condecoram como quinhoeiro nos fastos das carnificinas memorandas. Seria grã elogio à primorosa probidade de Camões o excluí-lo desses canibalismos, dessa

. . . . . . bruta crueza e feridade,

como ele invectiva na estância XCIX do canto IV.

Mas entrevejo na cerração de três séculos que o poeta, na apoteose do Albuquerque terrível e do

Castro forte — elaborando a epopeia que sagrou em idolatria de semideuses uma falange de piratas, escrevia com as mãos lavadas de sangue inocente do índio, a quem apenas os conquistadores concediam terra para sepultura como precaução contra a peste dos cadáveres insepultos, quando não exumavam as ossadas dos reis indígenas na esperança de que lhas resgatassem em aljôfar e canela. [1] Façanhas de Camões não sei decifrá-las nos seus poemas; eles — os poemas — só por si sobejam na sua história como acções gloriosíssimas.

V

As suas composições satíricas aos festejos do governador Francisco Barreto parece-me que nunca seriam vistas dos ofendidos nem explicam ódios desnecessários à motivação dos infortúnios do poeta. Esse papel em prosa chegou a Portugal, incluso na carta que *vinha com a candeia na mão morrer nas mãos do amigo.* [2] Os DISPARATES NA ÍNDIA não ofendem, não individualizam nem exprimem nitidamente a feição social. São banais. O desterro para Macau é uma lenda. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa.

---

[1] *Lendas* de Gaspar Correia, III, 637.
[2] *Carta II.*

Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos lavores a epopeia arquitectada. O poeta gastava à medida dos proventos e talvez o que licitamente podia dispensar sem menoscabo da sua rectidão. Mariz culpa-o de demasias nas liberalidades consigo e com os outros: *Gastador, muito liberal e magnífico, não lhe duravam os bens temporais mais que em quanto ele não via ocasião de os despender a seu bel-prazer. Mas nem a enchente de bens que lá granjeou* (em Macau) *o pôde livrar que em terra gastasse o seu liberalmente, e no mar perdesse o das partes em um naufrágio que padeceu terrível.* [1]

Sem umas intermitências de estouvanice dissipadora e destemperada desordem de costumes, Camões seria a excepção do génio. Tem o talento transcendente crises vertiginosas, doudices sublimes que o extraviam da pauta do bom viver. Ele apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Sabia que o arranjar dinheiro na Índia era fácil, excluídos os escrúpulos. Disse-o ele: *Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas; mas os que sua opinião deita à las armas Mouriscote como maré corpos mortos à praia, sabei que antes que*

[1] *Vida de Camões.*

amadureçam se secam.[1] Parece pois que não procedeu com o espólio dos defuntos e o direito dos ausentes de modo mais zeloso e exemplar que o comum dos provedores das cidades asiáticas.

Os políticos organizadores e residentes na Índia aconselhavam D. João III que nomeasse tesoureiro privativo para o espólio dos mortos, e obstasse a que os dinheiros passassem pelas mãos dos provedores. Logo citarei um exemplo desse alvitre que foi grande parte na acusação que Luís de Camões sofreu como delapidador dos espólios.[2]

Acusado e chamado a Goa, sob prisão, pelo governador Francisco Barreto, antes de fechado o triénio da sua provisão, naufragou e perdeu os haveres próprios e os alheios de que lhe pediam

---

[1] *Carta I.*

[2] Camilo escrevendo em 1880 embalava-se na tradição errada da ocupação de Macau antes de 1558, e do estabelecimento aí de uma *Provedoria dos Defuntos e Ausentes.* Partindo Camões de Goa na expedição do princípio de 1556, como é que podia ser despachado Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, que era ainda a ilhota chamada dos Ladrões onde se acoutava o pirata Chassilau? Aceitando este erro dos antigos biógrafos, Camilo tira-lhe as consequências, explicando o *injusto mando*; pôs Camões, nas crises vertiginosas do talento e sublimes loucuras que o extraviam: «Sabia que o arranjar dinheiro na Índia era fácil, excluídos os escrúpulos». A publicação de uma carta do capitão-de-mar Leonel de Sousa, de 1561, em que descreve o naufrágio nos baixios das ilhas de Pracel, no princípio do ano de 1559, vindo a comandar a nau de Prata, veio revelar o quadro do naufrágio de Camões, que era seu

conta. Recolhido à cadeia, instaurou-se-lhe processo para o capitularem e remeterem ao reino. Raramente, porém, os capitulados por culpa dessa espécie vinham ao reino.

Francisco Barreto, gabado exageradamente na sua honra e limpeza de mãos pelo bispo D. Francisco Alexandre Lobo e pelo snr. visconde de Juromenha, havia sido também concussionário quando, oito anos antes, governava Baçaim. Contra-ordem expressa de el-rei D. João III desmoutava as matas e de mãos dadas com o feitor vendia ao Estado a madeira pelo triplo da quantia que lhe custava o corte — uma ladroeira que não o impediu de ser

---

companheiro de viagem, e com ele se salvou na foz do rio Mecom em uma lancha com vinte e três companheiros. Leonel de Sousa diz nessa carta que trazia o dinheiro da Provedoria dos Defuntos, que nesse naufrágio perdeu, e ao chegar a Goa o obrigaram a repor imediatamente. Queixava-se disto ao celebrado ministro Pêro de Alcáçova Carneiro.

Acabe-se de vez com a lenda dos *Defuntos e Ausentes*, que era degradante para o nobilíssimo génio de Camões, arrancado ao rigor da justiça criminal por prepotentes amigos, e tudo o mais que o artificioso estilo fabrica.

Como em 1880, Camilo escrevia que os feitos valiosos de Camões na Ásia não tiveram notoriedade. Antero de Quental em 1891 seguia a mesma ideia explicando *pela vida repousada na prolongada residência de Macau, em um emprego civil.* Na Elegia III, escrita logo ao chegar à Índia, fala Camões da sua expedição ao Chembé, e sucessivamente nos cruzeiros do mar Roxo em 1554 e de Aden em 1555 « Numa mão *sempre a espada* e na outra a pena ». (T. B.).

governador da Índia, assim como Garcia de Sá, duas vezes preso como concussionário, substituiu no governo o honrado D. João de Castro. Em 1552 escrevia o veador da Índia, Simão Botelho, a D. João III estas graves acusações de Francisco Barreto: «O capitão de Baçaim tomou tanta posse com os poderes que lhe vossa alteza mandou, que fez mercês em seu nome, como o vice-rei; vi-o por dous mandados seus; fez escrivão de fazenda a que pôs de ordenado cento e cinquenta mil-réis, sem licença do vice-rei, e mandou-lhe logo pagar um ano de antemão; paga quanto soldo quer... *E conquanto vossa alteza defendeu por sua provisão que os capitães de Baçaim não cortassem madeira, não o quis Francisco Barreto deixar de fazer, mas antes pediu ao vice-rei, depois de a tirar, que lha tomasse para vossa alteza por avaliação; e custando-lhe a corja de dezoito até vinte pardaus, lha avaliaram a cinquenta e oito pardaus em que se montou perto de dezoito mil pardaus de ouro, que se fez bem a sua vontade; e assim tinha certos cavalos seus, e vende-os no soldo, para que também lhe o vice-rei deu licença para se pagar dele, o qual comprou, em que se montou seis ou sete mil pardaus; e dizem alguns que estavam concertados ele e o feitor sobre estes ganhos, e por se agora desavirem se souberam estas cousas e outras, e mal pela fazenda de sua alteza...*» [1]

---

[1] *Carta de Simão Botelho*, pág. 32. (Na *Colecção de Monumentos Inéditos para a História das Conquistas dos Portugueses*, tomo v).

Aqui está o perfil do tão encomiado Francisco Barreto que pôs em justiça Luís de Camões. Daquele governador diz magnânimamente o snr. visconde de Juromenha: *homem por todos os respeitos mui digno de ocupar um lugar tão elevado*... E não acha motivo para que o poeta o censurasse apaixonadamente. [1] Chama-lhe *jovem* e o snr. Teófilo Braga também adjectiva de jovem o governador. Porquê? Francisco Barreto em 1548 saiu do reino capitão-mor de três naus. Tão importante cargo não era dado a moços. Nove anos depois era provido no governo da Índia. Orçaria por perto dos cinquenta anos — uma juventude realmente duvidosa.

Camões estava preso quando cessou o governo de Barreto. D. Constantino de Bragança deu-lhe liberdade, quer movido por compaixão do poeta, quer por induções de sua inocência. Livre deste perigo, Luís de Camões voltou à vida dos amores e das suciatas. Um dia, banqueteava os seus amigos: a primeira cortina do jantar, espiritualmente suculenta, eram trovas. Fez poesias elegíacas à incógnita Dinamene, uma quem quer que fosse que morreu afogada.

Ah! minha Dinamene! assim deixaste
Quem nunca deixar pode de querer-te!...
Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste!...

[1] Ediç. Jur., tomo I, pág. 70 e 83.

Nesta dor, porém, deve descontar-se o que vai de artifício no ritmo, e de engenho calculado:

« .... Torno a bradar *Dina*...
E antes que diga *Mene*, acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter. »

Cantou a baiadera Luísa Bárbara, cativo,

Da cativa gentil que serve e adora.

Sempre amores.

Diz ele sinceramente:

No tempo que de amor viver soía
Em várias flamas vàriamente ardia.

O certo é que não há vestígios de lágrimas nem sinais de uma grande mortificação. Vivia de empréstimos. Miguel Coutinho embargava-o na cadeia por dívidas, e ele satirizava o *fero Miguel armado* com a sua espada de *fios secos*. Não caía aquele forte espírito a repelões de infortúnio. Transigia com a desgraça como quem não pode queixar-se conscienciosamente da injustiça humana e da fatalidade das coisas. Arrostou os perigos de segundo encarceramento. A não se darem novos motivos, Camões não pudera ainda ilibar-se da nota de peculato, quando o conde de Redondo lhe deu liberdade.

Os snrs. visconde de Juromenha e doutor Teófilo Braga, encarecendo a estima que o poeta granjeara com o vice-rei conde de Redondo, citam uma carta escrita para o reino em que o conde, falando

do expediente do seu governo, mostra a consideração que lhe merece Camões, nesta passagem: «Remeto-me a S. Domingos, e mando tirar os pregadores do púlpito para que venham despachar comigo os feitos; *agora me valho algum tanto do provedor-mor dos defuntos*».

Este equívoco original do snr. visconde, como feição nova na história de Camões, é disparatado pelas incongruências que sugere. Como se há-de crer que o vice-rei chamasse à mesa do despacho um ex-funcionário arguido de concussão no exercício da provedoria de Macau, e ainda não julgado nem absolto, porque, segundo Pedro de Mariz, devia vir para o reino *capitulado* — acusado em capítulos, ou, como hoje se diria, *pronunciado?* Concedido ainda que o ouvidor-geral de Goa o absolvesse de ambas as vezes que foi preso — o que se não prova, porque a sua liberdade foi acto arbitrário e porventura equitativo de dois governadores — como admitir que os magistrados se acamaradassem com o manchado ex-provedor dos defuntos no expediente dos negócios? Esta incompatibilidade fàcilmente se deslinda, e não viria a lume na obra erudita do snr. visconde de Juromenha, se ao versado escritor ocorresse que em Goa havia um *provedor-mor de defuntos* e que esse devia ser o provedor a quem aludia o conde de Redondo. E, de feito, esse magistrado era o licenciado Cristóvão Ferreira, homem probo, consoante o testemunho do veador Simão Botelho de Andrade que, em carta de 30 de Janeiro de 1552, dizia a el-rei

D. João III: «...O ouvidor-geral André de Mendanha é infamado nesta terra acerca de peitas: pode ser que será mentira: e no mais do seu cargo parece que o faz bem: o *provedor-mor* Cristóvão Fernandes é muito bom homem, segundo dizem, se não é um pouco embaraçado no cargo: parece que havia de haver tesoureiro do dinheiro dos defuntos, porque será melhor despacho para as partes, e andará o *dinheiro mais líquido e certo, quando o não houver de arrecadar a pessoa que houvesse de julgar*».[1] O frade dominicano que o vice-rei chamava ao seu despacho era esse mesmo Simão Botelho das cartas austeras, que depois de ter sido muitos anos veador e capitão de Malaca, vestira o hábito de S. Domingos, e assim mesmo era consultado por todos os vice-reis, e acompanhara D. Constantino na jornada de Jafanapatão, em 1560, arvorando à frente da hoste um Cristo crucificado. Rodrigo Felner, prefaciando os escritos inéditos de Simão Botelho, mostrou-se pesaroso por não saber o fim daquele homem, «um dos mais ilustrados do seu tempo, e alma incorruptível». Fácil era averiguá-lo, se buscasse na vulgar *Crónica de S. Domingos*, por frei Luís de Sousa, ou

---

[1] *Cartas de Simão Botelho*, pág. 40 e 41. Este alvitre do veador, sempre honrado e muito aceito ao monarca, surtiu as cautelas e desconfianças que puseram Camões ao lado de muitos réus do mesmo delito, porque sentenciavam a entrega dos dinheiros que «arrecadavam», tornando-os por isso menos *líquidos e certos*.

sequer em Diogo do Couto os últimos actos de tão interessante personagem.

Outra hipótese que me não parece aceitável: — a do provimento da feitoria de Chaul em Luís de Camões pelo vice-rei D. Antão de Noronha. Achou o snr. visconde de Juromenha o alvará de Filipe I de Portugal que concede a Ana de Sá a tença de 15$000 réis que recebia o filho falecido. Diz o alvará: *...havendo respeito aos serviços de Simão Vaz de Camões e aos de Luís de Camões, seu filho, cavaleiro da minha casa e a não entrar na feitoria de Chaul de que era provido, etc.* Disto depreendeu o biógrafo que Luís de Camões fora provido pelo vice-rei D. Antão de Noronha.

Camões não regressaria pobre, empenhado, vivendo do bem-fazer dos passageiros, se o vice-rei o provesse na vaga de uma feitoria que avultava ao rendimento de 500 pardaus, como rendimentos e cargos anexos lìcitamente percebidos. Esse provimento lhe bastaria como hipoteca a adiantamentos e independência relativa. [1] A mim me quer parecer

---

[1] Camilo desconheceu o facto apontado por Diogo do Couto no *Soldado prático*, que estas nomeações para as capitanias se faziam por *sobrevivência* em capitanias que estavam providas. Era o que se chama estar à bica, para entrar em uma vagatura. Às vezes uma nomeação era para uma quarta ou quinta sobrevivência. Camões nomeado em 1565, pelo vice-rei seu amigo da mocidade, resolveu em 1569 regressar a Portugal, para não morrer na Índia à espera da sobrevivência da feitoria de Chaul. (T. B.).

que a feitoria de Chaul lhe foi dada por provisão real depois da publicação dos *Lusíadas* ao mesmo tempo que se lhe deu a tença, sob condição de residir na corte. A condição de residência seria inexplicável de outro modo. Logo que a feitoria vagasse, cessaria a tença. A condição inibia-o de auferir a tença desde que exercesse o ofício.

VI

A tença dos 15$000 réis, o apregoado escândalo da sovinaria dos ministros, não era, àquele tempo, a miséria que se nos cá figura. Vejamos e comparemos os ordenados daquela época. O ordenado dos desembargadores do cardeal-infante eram de 30$000 réis, do copeiro-mor 6$000 réis, do vedor das obras 4$000 réis, do guarda-mor 13$000 réis, e do veador da fazenda 30$000 réis. As tenças de 30$000 réis eram apanágio de homens de muitos serviços.

Na conta de receita e despesa de 1557 vê-se que o regedor da justiça, 45 desembargadores, e os do paço que não eram poucos, e os da fazenda que eram muitos, todos juntos, receberam dos seus ordenados 3.777$800 réis. O governador da casa do cível, 24 desembargadores, 6 alcaides, 100 empregados e outros oficiais de justiça, todos juntos, receberam dos seus ordenados 1.664$200 réis.[1] Trinta

---

[1] Rebelo da Silva, *História de Portugal*, tomo v.

anos depois, o numerário não estava mais barato, e os 15$000 réis de tença de Camões haviam de parecer um excesso, um esbanjamento da fazenda nacional a qualquer daqueles desembargadores. Diogo Botelho, tão celebrado em África e Ásia, recebia 12$000 réis de tença. [1] Luís de Camões não se julgaria desdourado com os 15$000 réis, nem essas hipóteses de fomes, frios e mendicidades que se encarecem deve aceitá-las a crítica desligada de velhos preconceitos.

Eu creio tanto na mendicidade de Homero como nos peditórios nocturnos de esmola do António de Java para sustentar Camões. Se o poeta chegasse ao extremo da penúria, acharia no refeitório dos seus bons amigos dominicanos com quem tratava frequentemente a farta mesa que ali encontravam somenos beneméritos. Não me sofre o conceito que formo desse egrégio espírito que ele quisesse a vida sustentada com tão desprimorosos expedientes. É a lenda da miséria em que se comprazem as imaginações sombrias. Porque ele pediu em verso uma camisa em Goa, decidiram que o poeta não tinha camisa. [2] Parece ignorarem que a dádiva de uma camisa como elas por esse tempo se presenteavam

---

[1] *Hist. gen. da casa real. Provas*, tomo VI, pág. 633 e seg.

[2] Refere-se a Oliveira Martins que fazia história na efervescência do estilo: essa camisa era *galante*, como o declara a rubrica da poesia, porque se tratava de uma festa. (T. B.).

era um objecto caro e luxuoso. A fábula tecida sobre a fome de Camões originou-se talvez de alguns poetas subalternos que entenderam desforçar-se da sua pobreza afrontando a nação que vira finar-se no desconforto o príncipe dos poetas da Espanha. Consolavam-se assim com a camaradagem e vociferavam contra a ingratidão dos parvos. Espanta, porém, que se não clamasse com mais justiça contra os áulicos que deixaram morrer no hospital António Galvão, o apóstolo das Molucas, e Duarte Pacheco Pereira.

Não se pode ajuizar que os proventos do poema impresso lhe auxiliassem a vida. Os *Lusíadas* talvez lhe não surtissem o equivalente da tença nos oito anos de sua maior popularidade. Devia ser vagarosa a extracção da obra, atentas as calamidades daqueles anos — pestes, ameaças de guerra, pobreza do estado, corrupção de costumes, desavenças no paço, a preponderância dos livros místicos e o descaimento das letras profanas. A segunda edição do poema, no mesmo ano de 1572, em vista dos argumentos plausíveis do académico Trigoso,[1] não é aceitável nem sequer verosímil. Falsificaram retrospectivamente a data porque havia razão para recear que uma censura mais severa proibisse nova edição sem os cortes das estâncias que desagrada-

---

[1] *História e Memórias da Academia Real das Ciências*. — Tito de Noronha no estudo da *Primeira edição dos Lusíadas* deu pelo exame tipográfico dos textos a solução definitiva do problema literário. (T. B.).

ram à clerezia e à pudicícia de uns velhos que poderiam, na verdura dos anos, ter assistido sem pejo às chocarrices obscenas de Gil Vicente. Não se pode calcular quantos anos intercorreram da primeira à segunda edição; é, todavia, provável que a segunda se fizesse em vida do poeta.

Luís de Camões, se a vida se lhe prolongasse, teria mais abastada velhice. Filipe II de Castela, vindo a Portugal meses depois da morte do poeta, perguntou pelo autor dos LUSÍADAS. Não me consta que os reis naturais, os legítimos, alguma hora perguntassem por Camões. O intruso concedeu à provecta mãe do poeta falecido a tença que o filho recebia. Este procedimento, e a curiosidade benévola do usurpador é o único acto honorífico que liga a biografia de Camões à dos monarcas. D. João III desterrara-o. D. Catarina e o cardeal desprezaram-no, D. Sebastião ouviria novas do seu poema, lê-lo-ia, e não impugnaria a concessão da tença e do ofício na Ásia. No desprezo, se não ódio da rainha D. Catarina transpira a vingança do rancoroso Francisco Barreto contra quem Camões, livre dos ferros, dardejaria violentas, mas não injustas sátiras. Barreto, chegado a Lisboa, vingou-se de quantos inimigos deixara na Índia. O bravo Gonçalo Falcão, que logo que ele saiu do governo o desafiara a combate singular, foi mandado carregar de ferros e conduzir a Lisboa. Pôde fugir a tamanha ignomínia o bravo de Jafanapatão, escondeu-se em Lisboa, e conseguiu ser absolvido, alegando que os duelos ainda não eram proibidos pelo

concílio tridentino, quando ele reptou Francisco Barreto. Não obstante, a rainha mandou-o riscar dos livros da nobreza e reduziu-o à miséria. D. Sebastião, volvidos anos, restituiu-o à capitania de Sofala, onde expirou apenas tomou posse. Barreto fanatizara a rainha brindando-a com uma pedra milagrosa que levou da Índia. O seixo tinha sete céus de cores diversas e uma figura de mulher com um menino no colo. Era Nossa Senhora, achada nas mãos de um bonzo! Água onde mergulhassem a pedra sarava muitas doenças; *mulheres de parto muito bem pariam*, assevera Miguel Leitão de Andrade na MISCELÂNEA; e nas mãos da rainha o calhau fazia os mesmos milagres. A viúva de D. João III, além destes seixos milagrosos, gostava muito que os governadores do Levante lhe vendessem bem e pelo maior preço a pimenta. É o que ela pedia fervorosamente a D. João de Castro e aos outros vice-reis. A respeito de poetas e viajantes, dava tanto por Luís de Camões como por Fernão Mendes Pinto—rivais no infortúnio, mas não iguais no merecimento de melhor sorte. Os favores, embora apoucados, que Luís de Camões recebeu da corte são posteriores às finais desavenças de D. Sebastião com sua avó. Esse divórcio deu-se em 1571, e o alvará da tença é lavrado em 1572.

Não vituperamos Filipe I pelo desamor com que tratou os nossos escritores. Não cai a ponto aqui a lista dos talentosos protegidos pelos reis castelhanos, desde Diogo Bernardes, o moço da toalha, até Manuel de Sousa Coutinho, o incendiário

da casa de Almada, que, depois de frade, oferecia a sua crónica ao terceiro dos usurpadores. Se Camões se bandearia com Castela como Gabriel Pereira de Castro, Caminha, Pereira Brandão e Corte Real não sei; porém, quando o snr. Teófilo Braga me nomeia os amigos de Camões parciais do prior do Crato, e entre eles está Miguel Leitão de Andrade, lembra-me se Camões, vivendo, seria tanto por D. António como o preconizado Leitão de Andrade. Diz o snr. doutor Teófilo Braga na sua primeira VIDA DE CAMÕES e repete na segunda, publicada há dias, que o autor da MISCELÂNEA «esteve a ponto de ser degolado pelo invasor espanhol». O snr. Braga entendeu a passagem do carnaz. Miguel Leitão esteve a pique de ser decapitado justamente porque fugia de D. António para o usurpador Filipe. Ele mesmo o refere na MISCELÂNEA nestes termos explícitos: *No tempo que o Snr. D. António se levantou rei, me achei com ele em Lisboa, por não poder escusar servi-lo, sendo fidalgo de sua casa. Porém, vendo entregar-se a fortaleza de S. Gião a sua majestade me pareceu ir-me para o dito senhor, e indo já na Golegã, a meu parecer fora já do perigo de morte a todos os que se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manuel da Silva, fronteiro de Santarém, ali me prenderam*, etc. E conta depois como pôde evadir-se pela latrina, e foi depois mais tarde a Madrid requerer com o traslado autêntico dos trabalhos que passou para fugir. Também o senhor visconde de Juromenha conjecturou que Camões estivesse no Pedrógão,

convidado por Miguel Leitão de Andrade quando foi desterrado para Ribatejo. Camões sofreu este desterro em 1546, e Miguel Leitão de Andrade nasceu em 1555. Não me parece aceitável que Camões fosse visitar um sujeito que nasceu nove anos depois da visita. Que processos tão de palpite e fantasmagóricos têm usado estes doutos na biografia de Camões! Se não seria melhor estudar o assunto!

Acusam os jesuítas de propulsores da jornada de África, porque aferventavam o zelo religioso do príncipe fanatizado contra a mourisma. Porque não acusam com maior justiça e sobre provas escritas Luís de Camões? Afirma o Snr. Teófilo Braga que o *poeta não simpatizava com a jornada de África.* Tanto simpatizava que, ao propósito da seta enviada pelo papa a D. Sebastião, lhe escreveu uma epístola recheada de versos assinalados por uma virulenta retórica sanguinária:

Já por ordem do Céu, que o consentiu,
Tendes o braço seu, relíquia cara,
Defensor contra o gládio que feriu
O povo que David contar mandara,
No qual, pois tudo em vós se permitiu,
Presságio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gládio mauritano.

. . . .

Que as vossas setas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Caindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do rei.

Está revendo a incitadora carta um coração que ainda vibra hostil como outrora o braço valoroso do mancebo que se estreara em Ceuta. Não se condene Luís de Camões por esse entusiasmo; mas reservemos os louvores da prudência discreta e previdente para o bispo Jerónimo Osório e Martins Gonçalves da Câmara. Se pretendem ilibar Camões da nódoa quase comum dos fidalgos — para que nos dizem que o alquebrado poeta escreveu bastantes estâncias cantando, por hipótese, o regresso triunfal do coroado imperador de Marrocos? Essa mal estreada epopeia condiz à índole belicosa de Camões — foi a última e malograda explosão do seu patriotismo; todavia, é uma prova negativa do seu juízo político. Enfim, sempre poeta e sublime poeta do amor e das batalhas, foi astro que refulgiu até ao ocaso, apesar dos anos agravados de doença, de necessidades suportadas com a impaciência da velhice, e um pouco do fel do ciúme de outros poetas eleitos para cantarem a Ilíada africana.

VII

Se Luís de Camões, em pureza de costumes, condissesse com a sobreexcelência do engenho, seria exemplar único de talento irmanado com o juízo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pautada com as convulsões da fantasia. Amores de alto enlevo e de baixa estofa, o ideal de Catarina de Ataíde e as carnalidades das malabares

e baiaderas levantinas — o exalçar-se a regiões de luz divina e o cair nos tremedais do vulgo — essas vicissitudes que a si mesmo fazem o homem assombroso em sua majestade e miséria, tudo isso foi Camões, e em tudo isso foi semelhante aos génios eminentíssimos,[1] mas nenhum homem como ele pôde redimir-se de suas fragilidades, divinizando os erros da imprudência, fazendo-se amar nos extravios, e imortalizando-se em um livro que ao fechar de três séculos, alvoroça uma nação. É de nós

---

[1] Antero de Quental, que sofreu a mesma hiperestesia de Camilo, também retrata Camões visto através do seu temperamento. Agradecendo ao lusófilo Maxime Formont o livro *Les Inspiratrices* em que estuda o tipo de Catarina de Ataíde e o amor de Camões, desenha um extraordinário retrato moral do Poeta como um flagrante *vencido da vida:*

« A verdade é que Camões não foi na Índia se não um soldado como os outros soldados; não se cita dele nenhum feito de armas particulares; o seu nome não está ligado a nenhum acontecimento militar importante, e mesmo uma parte da sua vida no Oriente passou-se em Macau, onde se não batalhava e em funções civis. Ele não foi mesmo tão particularmente desgraçado como se pretende: à excepção de alguns altos fidalgos, providos de bons governos, toda a outra gente levavam ali vida de aventureiro, cheia de altos e baixos, mas passavam-na alegremente, porque geralmente era-se rapaz, e no fundo isso era uma vida heróica. Camões divertia-se por lá como os outros; aí fazia representar os seus Autos, compunha versos facetos, banqueteava-se com amigos, e consolava-se da sua grande paixão com as moças indígenas, com o que não se dedignava tanto, que as *Endechas à Bárbara cativa*, provém, que nisso entrava

todos esse tesouro legado por um homem que no dia 10 de Junho de 1580 expirava na obscuridade. Ele teve de esmola a mortalha. Permita a Providência das nações que os *Lusíadas* não sejam a esplêndida mortalha que Luís de Camões deixou a Portugal.

CAMILO CASTELO BRANCO.

---

mais que o capricho dos sentidos, que até metia muito dos seus afectos e do seu coração. Eu creio que há ainda uma boa parte de legenda e de romantismo na ideia que se faz da vida de Camões; bem ponderado tudo, Camões foi antes um homem mais feliz do que um homem desgraçado. A ventura burguesa e sossegada não lhe convinha; ele teve a vida da aventura e da forte emoção que quadrava ao seu génio, e «que todo o verdadeiro poeta preferirá sempre do que estou convencido, não se importando com tal ventura calma e monótona». (*Cartas de Antero de Quental*, pág. 232. Coimbra, 1915).

As palavras que com mais justiça se podem aplicar a este juízo sobre Camões, serão as próprias palavras de Antero de Quental amesquinhando o Centenário em 1880: «Há para um grande poeta alguma coisa mais triste do que ter morrido miseràvelmente, como diz o Epitáfio de Luís de Camões. É não ser compreendido, nem ainda depois de morto, e julgado por aqueles que se apregoam herdeiros e intérpretes do seu pensamento». (No *Círculo Camoniano*).

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca dantes navegados.

Conheço que ele está fora das regras; e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensìvelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo de Byron, que tão ridìculamente aqui macaqueiam hoje os Franceses a torto e a direito, sem se lembrarem

que para tomar as liberdades de Byron, e cometer impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, ofusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas ideias boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas deles: isso é para literatos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos *Lusíadas;* os outros sucessos que ocorrem são de facto episódicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tão sabida é a fábula ou enredo dos *Lusíadas* e a vida de seu autor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difícil ao leitor o distinguir no meu opúsculo o histórico do imaginado: mas não separará decerto muita coisa, porque das mesmas ficções que introduzi têm sua base verdadeira as mais delas.

Sobre ortografia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etimologia *em razão composta* com a pronúncia; que acentos, só os pus onde sem eles a palavra se confundira com outra; e que de boamente seguirei qualquer método mais acertado, apenas haja algum geral e racionável em Português: o que tão fácil e simples seria se a nossa

academia e governo em tão importante coisa se empenhassem. [1]

Paris, 22 de Fevereiro
1825.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição deste poema, que se concluiu em Paris em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dois anos pelo ingénuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escritos a tanto por linha nas colunas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscrito: apenas se anunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um ano depois de publicada e mais de meia extraída a edição, é que dela se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema *Camões*. Mas primeiro as vicissitudes políticas do reino e ocupações graves do autor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, aperfeiçoando e corrigindo em idade de mais refle-

[1] A lacuna a que se refere o ilustre autor do *Camões* e de tantas obras-primas da literatura portuguesa foi preenchida pelo Governo Provisório da República, pelas portarias de 15 de Fevereiro e de 16 de Março de 1911.

xão o que ele sinceramente entendia que só lhe fora desculpado por verdura juvenil, foram adiando indefinidamente a execução deste que era comum desejo do autor e do público.

No entretanto contrafeições brasileiras reproduziram as primeiras edições desta assim como de outras obras do autor: estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar às horas do descanso de suas ocupações para corrigir a obra e a entregar de novo ao prelo.

Muitas publicações literárias nacionais e estrangeiras tinham, no intervalo, examinado, censurando e louvando o poema *Camões*. Entre outros jornais, o *Português em Londres*, o *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles Emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foring Quaterley Review*, e ùltimamente a *Revista* do Porto. Cada um a seu modo e gosto notou o que lhe pareceu beleza ou defeito: todos porém o fizeram com urbanidade e indulgência tal que não só penhorou o autor mas produziu em seu ânimo o que infalìvelmente sempre produz a censura bem-criada — o contrário das invectivas grosseiras que hoje são moda — desejo e empenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si próprio descobrira e de que se acusava.

Neste intuito releu o seu juvenil ensaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e traria inteiramente em novo plano. Resolveu porém não o fazer, porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não já a

mesma: e entendeu ser quase um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e título, uma composição diferente da que já merecera, ainda que por insigne indulgência, a sua incontestada aprovação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o estilo, a suprir algumas não poucas deficiências no desenho de vários quadros, a aperfeiçoar as cores de todos, enriquecendo-o e aumentando-o tanto, que, sendo indisputàvelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que nesta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessárias à inteligência do texto, ou úteis para ilustrar alguns pontos de arqueologia e história literária, foram aumentadas. Repetimos que é inteiramente uma nova obra e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmero e cuidado: algumas pequenas incoerências ortográficas são devidas à incerteza da medida legítima entre nós, que o autor tanto tem forcejado por fixar, aferindo-a pelo seu único tipo verdadeiro e possível, a etimologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Setembro
1839.

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Demos a segunda edição autêntica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um ano estava extinta, quase no só consumo da Europa, pois que as contrafeições brasileiras impedem o da América. Vem tão demorada esta terceira edição porque o autor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e aumentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se enfim a satisfazer ao empenho do público: e hoje sai outra vez o poema *Camões* mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correcção, aditamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este belo poema tem recebido de nacionais e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar lugar aqui e para mais ilustrar esta nossa terceira edição, a elegantíssima ode de M.lle Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida colecção que tem por título *Au bord du Tage* (Paris 1841). Ao pé dela achará o leitor, no lugar competente, a linda tradução que dedicou ao nosso ilustre poeta um de seus mais distintos admiradores, o Snr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brasil na Rússia.

Lisboa, 21 de Julho
1844.

NA QUARTA EDIÇÃO

Concluímos enfim esta quarta edição autêntica do poema *Camões* que já há tanto era desejada. Foi revista e aumentada pelo autor ainda com mais escrúpulo e esmero do que as antecedentes, que nenhuma delas, e esta menos que nenhuma, se pode dizer reimpressão da antecedente: todas têm sido aditadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegância tipográfica da presente edição também é fácil de ver quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo autor à excessiva indulgência e favor público com que esta obra tem sido universalmente acolhida.

Lisboa, 21 de Março
1854.

A. M. DE ALMEIDA GARRETT

SUR SON POËME DU CAMÕES

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a d'eclat ! que ton luth est sublime
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime.
Consolé, radieux,
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des vœux ?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
S'ouvrit-elle à tes yeux ?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire ?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâlissant d'une terreur divine ?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine ?
Fuir ton genou tremblant ?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant :

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse !
Sur le char embrasé qui porte et soleil !
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
Quand, fuyant le sommeil,
Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse ?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
Aigles ! allez de front sur vos ailes géantes !
Dites vos fiers aieux au noir cap des tourments ;
Bardes, vos chants sacrés
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes,
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
Eclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant :
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidéles
Brillent au firmament.
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend !

P. de Flaugergues.

AO SR. ALMEIDA GARRETT

SOBRE O SEU POEMA «CAMÕES»

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
Estro sublime em lira altissonante!
Ao teu cantar se move e ressuscita,
Ovante e já sem mágoas,
D'ingrato séc'lo o bardo mal-prezado,
Herói que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou? — Fizeste votos
No silêncio da noite, em ermo templo?
E em teu orar que viste? — Erguer-se a campa
Do desprezado túmulo?
Ouviste ecoar pela calada nave
Em graves sons cantar misterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
Sopro ligeiro, qual corisco ardente?
Nesse pavor faltaram-te, arquejante,
Os trémulos joelhos?
Viste, como esse que em delírios arde,
No ar coruscante cintilarem fogos?

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
Vinha do Sol no carro flamejante?
Ou nas da noite pavorosas sombras,
Quando esquivado ao sono
Cantavas aguardando a rósea aurora,
Ou seguindo co'a mente a estrela d'alva?

Correi, correi de par, águias gigantes,
Subi aos astros nas possantes asas!
Cantai vossos avós, os feros nautas
Do cabo das Tormentas:
Longe Deus lhes guiou as naus ovantes...
Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo céu, são vossas harpas
Faróis eternos que dão brilho à pátria;
Tais fulguram no Olimpo essas, dos gémeos,
Fabuladas estrelas
Co'as mesmas palmas enramais as frontes,
Reinais no mesmo altar, co'o mesmo culto.

Trad. de *J. M. do Amaral.*

CAMÕES

CANTO PRIMEIRO

Esta é a ditosa pátria minha amada,
A qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.

Lusiad.

I

SAUDADE! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres — Saudade!
Misterioso númen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas — Saudade!

Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras — Oh Saudade!
Mágico númen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo,
Do vago amante à amada inconsolável,
E até ao triste, ao infeliz proscrito
— Dos entes o misérrimo na terra —
Ao regaço da pátria em sonhos levas,
— Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! — Celeste númen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endechas, se piedoso
Em teus altares húmidos de pranto
Depus o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsofrido
À foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Tímido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies e acintosa mofa
Desta volúvel, leviana gente:
Não te conhecem eles. — Eia, vamos!

Deixa o caminho da infeliz Pirene:
Tais mágoas, como aí vão, poupa a meus olhos;
Assaz tenho das minhas. — Largo! aos mares
Livres corramos sobre as ondas livres
Do Oceano indomado por tiranos,
Livre como saiu das mãos do Eterno,
Sua feitura única no globo
Que ímpias mãos d'homens não puderam inda
Avassalar, destruir. Aí d'entre as vagas
Surge a princesa altiva das armadas,
Pátria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Britânia, salve, flor dos mares,
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,
Pudesse ir abraçar fiéis amigos
Que pelas ribas desse nobre Thamesis
Vivem à sombra da árvore sagrada
De abençoada independência a vida
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelével, e a voz não morredoura
Da amizade gratíssima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Mirradores que a vida me entravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste à roda do infortúnio
Cravo que o giro bárbaro lhe impeça;

A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconforto, devo,
A ti minhas endechas mal cantadas
Nas solidões do exílio, onde as repetem
Os ermos ecos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lira:
Quebrada sobre o escolho da desgraça
Inda lânguidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memórias
Lembrar da pátria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
— « Terra, terra! » bradou gajeiro alerta.
— « Terra! » ecoa confusa vozeria
Da marítima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gozo e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,
Nessa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da pátria! Debuxada
Se vê pulando a mágica alegria
Nos semblantes de todos. Já contentes,

Um se afigura surpreender o amigo,
Outro à esposa fiel cair nos braços;
Este da velha mãe, que há tanto o chora
Ir enxugar as lágrimas aflitas;
Aquele, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pai enfermo
Na descarnada mão rugosa e seca
Ósculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir — ou se a ternura,
Se o amor de filho sobre a laje avara
Se irá quebrar de gélido sepulcro
Que em sua ausência — tão longa — lho roubasse,
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos, lha pintou de longe
A namorada ideia — perto agora
Começa de temer que tal distância,
Separação tamanha e tão comprida,
Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
Talvez... — E esse *talvez* é de esperança
Sempre querida, sempre lisonjeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
Quase insensível jaz: calado e quedo,
Encostado à amurada, os olhos fitos
Tem nesse ponto que negreja ao longe
Lá pela proa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontório

Que dos montes de Cynthia[1] se projecta
Sobre o fremente Oceano que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto senhoril, mas anuviado
De sombras melancólicas, impresso
Tem o carácter da cordura ousada
Que os filhos enobrece da vitória:
Gesto onde o som da belicosa tuba
Jamais a cor mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que envergonhara
Adamados de corte, dá realce
Às feições nobres do gentil guerreiro.
Desses olhos que a luz ateou do engenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e ávido se alonga
À recobrada pátria. — « Pátria » disse
Em voz tão baixa, que a tomaras antes
Pelos ecos do interno pensamento
Falando ao coração sem vir aos lábios,
« Pátria, alfim torno a ver-te » — E lacerando
Entre os lábios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia,
Recaiu na tristeza taciturna
De que a ideia da pátria o despertara.

[1] Os montes ou serra da lua, i. é, a de Sintra.

VII

Galerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Já na terra,
Que a olho se avizinha, as mal distintas,
Diversas cores surdem; — logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos; depois vêem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. — Tal observas,
Sob os pincéis de artífice divino,
Primeiro a incerta cor de vagas tintas
Que aos toques mestres, nesse caos d'arte,
Se desenvolvem claras, se aviventam;
Azula o céu, alteia-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se os rochedos,
De amenas flores se recamam prados
Que pisam ninfas belas... Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

VIII

O Sol já descia rápido e já perto
De seu diurno termo, começava
A distinguir no verde-mar das águas
A açafroada cor de que se adorna
No ocaso derradeiro. Leves giram,
Do seguido baixel cruzando em torno,
Como um bando de loucas mariposas

Em derredor da chama — as destemidas
De férrea proa rápidas muletas,
Grosseiros parabéns em brado rudo
Dos leves barcos soam: modulada
Ao rouco som das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como elas.
— « Piloto! » gritam; e a um sinal de bordo
Do alteroso galeão, dum salto pula,
— Qual delfim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar — o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra falador apito:
— « Ala... amaina! » Eis passada a estreita boca
Por onde seus tributos d'água e d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulisseia.
Junto da torre antiga e veneranda,
— Hoje[1] tão profanado monumento
Das glórias de Manuel — âncora desce;
E aos ingratos, inóspitos baloiços
Do longo velejar, sucede o brando
Meneio da suavíssima corrente,
Que no remanso de seguro porto
Tão doce é de sentir ao nauto exausto
Dos repelões irados de Neptuno.

---

[1] Em 1824. A torre de Belém foi restaurada em 1843. Veja nota no fim.

IX

À monótona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife
Ao bordo erguido, donde desce às águas.
Alegres — como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortejo que em triunfo
A leva às casas do ansiado esposo —
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a ávida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

X

— « Rema! » Da popa onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece à voz o remo:
E ao golpe certo resvalou dum pulo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Maquinalmente ao sítio donde veio.
Quem viram nele? Um pálido semblante,
Onde à malaia cor requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros
Nessas faces tostadas do sol d'Ásia,
Brilham por entre as névoas duma lágrima,
E parecem dizer na muda súplica:
— « Oh! não abandoneis o pobre escravo! »

XI

Do homem, que é mau do berço à sepultura,
Uma só coisa à natureza deixam
Os hábitos ruins que não pervertam:
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto aflito do Índio suplicante
Dos remeiros contrai as mãos calosas,
E involuntária a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A sufocar a débil voz do instinto
O que chamaram *reflexão* do mundo:
Melhor dirias *reacção* dos hábitos
Que um instante vergou a natureza.
— « Avante! » clama o torvo mestre. « Avante! »
Como que envergonhado do momento
Que involuntário ao coração cedera.
— « À fé que não », gritou c'o acento austero
Que tão bem fica aos lábios da virtude,
Quando ante a prepotência ousam de abrir-se,
« À fé que não », bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancólico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,
« Encontrai a tomá-lo. »
— « O quê, amigo?
Por vida minha o que quereis ao Índio?
Neste meu escaler dessa fazenda
Não levo a terra. »
— « Tal fazenda é ela,
Que desse estofo a não vereis a miúde. »

— « Grã valor é o do escravo! »
— « É meu amigo. »
— « Amigo! amigos tais trazeis ao reino!
Rico vindes da Índia. »
— « Rico!... certo:
De feridas ao menos... »
Suspendeu-se,
Corrido das palavras que soltara
Diante de tal gente: a cor do rosto
Claro lhe indica o pejo que envergonha
O homem honrado se indiscretos lábios
No calor da disputa lhe caíram
Em repreensível garbo de si próprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram
Os olhos circunstantes; e o respeito
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aqueles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre não se corre
Do feito descortês: e os sinais tantos
Da desaprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas soam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo. — Um movimento
De involuntária cólera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsofrido

Da espada ao punho. — Olhou-o, e c'um sorriso
Que parece dizer: « Quem sobre as ondas
Vida de p'rigos vive, não enfia
Aos lampejos da espada » — só responde
O carrancudo mestre. — Nesses tempos,
Que heróicos chama o entusiasta ardente,
Bárbaros o filósofo, e que ao certo
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades — de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de tais pendências,
E ao defeito da lei supria a espada.
Bárbara usança!... porém nobre ao menos.
Hoje que hemos sofrido de covardes,
Sem pejo que nos roube a prepotência
Dos tribunais as leis, das mãos a espada...
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de bárbaros?

XIII

Vira o Tejo suas águas cristalinas
Roxas ali de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as iras
Da mal-avença aos dous, se um poder alto,
Tão forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
Num canto do escaler humilde e absorto
Em pensamentos que não são da terra,
Um velho, em que até'li não atentaram
Indiferentes olhos, se assentara.

Alvejavam-lhe as cãs das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tão longo tem passado
Pela acurvada frente, lhe ceifara
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,
— Raro respigo ao segador caído —
Tira à cor baça do ligado argento,
Como que a humanas cousas retirados,
Se encovaram nas faces descaídas
Os olhos, onde a luz quase assemelha
À lâmpada que ardeu no tabernáculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Falece à míngua d'óleo. A mão tremente
Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandálias costumadas
A sacudir o pó da terra do ímpio.
Rico de afrontamentos e trabalhos,
Vinha de longe oriente à ocídua praia,
Não ao repoiso plácido à velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa doutras. Destes eram,
— Antes de se enredar em vãs disputas
De orgulho e presunção mais que mundana —
Os que n'Ásia opulenta, África adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais santa,
Que — tirai-lhe o que homens lhe hão mesclado —
Jamais na terra apregoaram homens.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fremento
De azedas iras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
— « Cavaleiro, essa mão na cruz da espada »
Disse grave e solene o missionário,
« Quer dizer inimigo, à frente — na aze [1]
Da batalha, em pendência generosa
Pelo rei, pela pátria... — Aqui amigos,
Cristãos, mercê de Deus, somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao céu não praza
Que um cavaleiro português arranque
Contra seu natural armas de sangue.
Perdoai as lhanezas de um soldado
Que cercos também viu, e jogou lanças
Com mouros e gentios: — neste velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha também vestiu... — mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavaleiros,
Ou fora dela a rufiões só cabe. »
— « Tão covarde não sou que a tal contrário... »
Balbuciou, serenando o cavaleiro:
« Mas » — e de novo a voz se lhe animava,
« Mas o meu Jau fiel, o meu amigo,
Único amigo! »
                    — « Honra-vos dizê-lo,

---

[1] Ala.

Honra-vos, cavaleiro », torna o velho,
« Que andrajos e pobreza vos não pejam,
E ousais chamar amigo ao desgraçado.
Mas, filho... mas, senhor, não há bom feito
Que justifique um mau. »
Ao duro nauta
Voltando-se lhe diz:
— « Amigo, é justo
O que pede este nobre cavaleiro.
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pesa o pobre escravo? Ir-me-ei a bordo,
E o meu lugar lhe cederei com gosto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal enroupado? corações bem nobres
Encobre a miúde o saio remendado.
Se o cavaleiro te ofendeu, seguro
Que não é ele de negar o justo
A quem devido for.
— « Não sou por certo. »
O guerreiro acudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa:
— « Aí tendes, mestre;
Poucos pardaus contém... (Menos me ficam,
Talvez nenhuns... » em tom mais baixo e trémulo,
Quase de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
« Porém daqui à praia não vai muito,
E a passagem de Jau... »
— « Guarda a tua bolsa »
Ruda interpôs a rouca voz do nauta,
« Cavaleiro orgulhoso; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.

Mas este padre fala como um anjo;
E o que ele disse, é dito. Atraca a bordo;
E abaixo o amigo Jau. — Rema!»
Dum salto
O Índio na lancha; e a lancha em mores pulos
De oito nervosos braços compelida
Sobe o Tejo a límpida corrente.

XV

Após o disputar veio o silêncio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O ânimo pede — e aos na contenda estranhos
Por simpatia natural se estende.
Era então noite: rápidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacilam curtos.
A natureza, pródiga em beldades
Por tão risonhas terras, lhe há negado
A mágica ilusão que os véus estende
Nessa hora de saudosos pensamentos
Sobre os campos boreais: — hora tão triste,
Mas de tal suavidade melancólica!
— Não te hão formado o coração no peito
As maternais entranhas, se não ouves,
Nessa hora misteriosa do crepúsculo,
Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitária amante,
O pai longe, o filhinho em terra estranha,

Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepúsc'lo formam,
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao génio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulcro,
Entre o nada das cinzas — quando a noute,
Qualquer que seja o ângulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, nesse intercalar de dia e noite,
Da nublosa Albion gozei nos campos.
Quando no berço teu, bardo [1] sublime,
Inimitável, único, espraiava
Por infindas planícies d'alvo gelo
Os desleixados olhos, e topava,
Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas
Das elevadas grimpas que se aguçam
Sobre as arcadas símplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me afigurava à mente alheada
Ouvir o canto fúnebre das harpas
Que da sensível Julieta ao túmulo
As nénias acompanham.

---

[1] Shakespeare. — Veja as notas no fim.

XVI

Mas quão longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis,
Cortado de memórias que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noite
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas torres da ínclita Ulisseia.
Naquele puro céu nem leve sombra:
Ausente era Diana e seu modesto,
Sereno brilho: mas, sem luz que as vexe
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das cândidas estrelas,
Que em trémulos reflexos pelas águas
Do cristalino rio se espelhavam;
Donde consoladora se exalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noite, refrescando
Os corpos então áridos das chamas
Com que o touro celeste em fúria ardia.
Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas góticas janelas,
As veladoras luzes: acalmava-se
O vivaz borborinho da cidade
E no sossego plácido da noite,
Pouco a pouco, insensível se perdia.

XVII

Esta se abria majestosa cena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Áureos caudais do Tejo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tão magnífico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, ali aceso,
Descobrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fumo que do lar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apronta a cara esposa, mal cuidosa
Que há-de aquinhoá-la o pai c'os tenros filhos.

XVIII

Tão vivas se pintavam nos semblantes
Estas ideias aos calados nautas,
Que lhas leu neles quem tais pensamentos
Triste não participa. — Quem é esse?
O filho melancólico da guerra.
Leu-lhas; e um sentimento quase inveja...
Não é tão baixo — e amarga, oh! mais do que ela!
Lhe trouxe do mais íntimo do peito
Um suspiro que morre à flor dos lábios,
E sufocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho
Que esse ai lhe pungiu d'alma. — Quem soubera

Os mistérios desse ai! Quem revelara
Os segredos do incógnito guerreiro!
Consome-o acaso a eiva da doença?
De mal vingada afronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas d'amor? — Silêncio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo,
Espreitar indif'rente os pensamentos
Que os lábios do infeliz fecham no peito.
Curiosidade é vã, mal generosa
E de ânimo insensível: não exijas,
Se o podes consolar, preço tão duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não enxuga as lágrimas do aflito,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga,
E a suspirada terra enfim pisaram
Os desafeitos pés. Quantas penúrias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado.
Este momento só, esta alegria,
Oh quão sobejo as paga! O sentimento
Quase devoto com que beija o nauta
As areias da pátria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
— Se exceptuas a morte — o mais solene.

XX

Separaram-se; e foi caminho usado
Cada um de seu lar. Ledos se foram...
Todos? — Não: três diviso sobre a areia,
A quem parecem vacilar na mente
As ideias penosas que acometem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dous. Que pátria, longe
Do país lusitano, os trouxe ao dia?
— Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infância folgou: deu-lhe ímpia guerra,
Em troco pela pátria e liberdade,
Ferros de escravidão; — mas há nos ferros
Vínculo às vezes que 'té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porém não chora
O Jau pelos palmares do seu ninho:
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo,
A seu senhor, amigo e companheiro.
— E essoutro? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cãs mal povoada,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;
Capelas de magnólia em mundos novos
Lhe deram sangue e crimes... Crimes foram,
Que o sócio de Cortes cobriu do saco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da vitória descingida.
Pardo burel lhe roça a penitência

Nos membros que luziram d'aço e d'oiro.
Voto solene e zelo doutra glória
O levou d'além cabo das Tormentas
Da aurora aos roxos seios. — Estes eram
Os que junto ao guerreiro silencioso
Mudos como ele e quedos o fitavam.

XXI

Longo o calar não foi: com passo trémulo
Do jovem se aproxima o ancião guerreiro:
— « Nesta grande cidade ambos estranhos
Somos, ao que parece. »
— « Estranho eu?... Quase
Sou e não sou estranho. »
— « Não me é d'uso
O meter mão curiosa nos segredos
A quem os tem. »
— « Segredos não nos tenho:
Sou português, e de ser tal me... prezo. »
— « Mas de Lisboa não? »
— É minha pátria.
Desejais saber mais? »
— « Minhas perguntas,
Cavaleiro, não são de curioso;
Outra vez o repito: um pobre monge
Tem uma pobre cela e magra ceia,
Mas ambas oferece d'alma e gosto.
É tarde e se outro hospício à mão não tendes,
Sereis bem-vindo a um gasalhado humilde

De quem melhor, a tê-lo, o oferecera.
Má noite passareis; mas um soldado
Não teme estrados maus nem leitos duros.
Soldado fui também: ser-me-á ventura
Em meus quartéis d'Inverno receber-vos.»
—«A cortesia é de ânimo sincero;
Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
Dela não mer'cedor, deve aceitá-la?»
—«E porque não, se lhe é mister e a preza?»
—«Conheço...»
—«A noite passa. Horas são estas
Impróprias de ir buscar poisada.
Se vos não peja de aceitar a minha,
Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre
É, já vos disse; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergaram.»
—«Ancião venerando, sou convosco:
Honra-me, não me peja a oferta amiga.
Uma só coisa... Nada. Eu já vos sigo.»

XXII

À parte chama o escravo, e da pequena
Bolsa tirou porção pouco avultada
De seu módico haver. —«Busca poisada
Para esta noite; e amanhã bem cedo...»
—«O que fazeis, senhor!»—acode ansioso
O velho que os intentos lhe percebe,
—«O que fazeis, senhor! Sou eu mais bárbaro

Que o mestre do galeão? Pude com ele
Que de um de servo fiel não separasse
O senhor generoso, e havia agora
De fazer eu pior! Envergonhais-me...
Ofendeis-me talvez. Amigo, vinde,
Segui vosso bom amo: para todos
Em nossa humilde casa há tecto e abrigo.»

XXIII

Ao Jau fiel caiu de puro gosto
Uma furtiva lágrima que havia
Rebentado de tímido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tamanhas ruas
A quem?... — Ninguém conhece o pobre escravo.

CANTO SEGUNDO

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido, a cor murchada,
Tal está morta a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor co'a doce vida.

Lusíad.

I

QUE sons descompassados troa o bronze
Nas torres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos uivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pálidas? Que fúnebres
Alas são essas de homens todos luto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hinos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um ataúde a fecha.

Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distinções queres pleitear ainda
Na igualdade terrível do sepulcro?
Desengano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos míseros viventes?
Quem desenganas tu? — Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta máxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste dos mortos. Sons perdidos
Do salmear monótono lhes trouxe
A gemedora viração da noite;
E o ar pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

II

Ruim agouro! Um saimento fúnebre
Ao regressar à pátria! Não se pôde
Conter do involuntário pensamento
O português viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece à vista
Dum gélido cadáver; costumados
A ver a face pálida da morte,
As agonias roxas, e o transido
Suor do passamento — não se movem
Seus músculos tão fácil. Mas ressumbra
Não sei quê tão solene e grave e augusto

De um funeral entrando a passo lento
As portas do jazigo, que essa pompa
Triunfal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquilo traz de força
Contracção impossível de encobrir-se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assinem
Qual queiram mais, que o sentimento d'alma,
A impressão natural é sempre a mesma.

III

Desta comum fraqueza — se tal era —
Não foi isento o Luso; — e porventura
Um presságio de incógnita desgraça,
Pressentimento vago e mal distinto
De não sabido mal, se uniu àquela.
O Jau supersticioso, como é de Índios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu à esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:
— « À esquerda, à esquerda,
Meu senhor, não encares um finado
Em sua última viage: há mal em vê-lo
Face por face. »
— « Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridículos. »
— « Embora,
Embora: mas na Índia... »
— « Não prossigas. »
— « E que há », disse, apontando para o féretro

Que entrava a igreja então, o missionário,
«Que há tão medonho e mau nesses despojos
Da passageira vida? Um tronco seco,
Pelos ventos do Outono despojado
Do viço e folhas — tenda abandonada
Pelo viandante que voltou à pátria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.»

IV

Chegavam aos cancelos do convento,
E o missionário disse: — «Cavaleiro,
Da casa do Senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças oferecer-lhe.
Cuido me seguireis: o humilde cântico
De nossa gratidão irá juntar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lho impedem
Superstições e medo, fique embora
E nos aguarde o escravo». — Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fosse terror, ou sentimento fosse
De mais oculta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Ele, que tantas vezes há rompido

As cerradas fileiras — que à guardada
Brecha se apresentou com o rosto frio,
E a entrou sem vacilar!—Oh! que ente és, homem,
Incompreensível tu! — Do templo em meio,
Alto e funéreo estrado se levanta,
Negro da cor dos túmulos. Em cima
Poisava um ataúde. Alva capela
De quase murchas, desbotadas rosas
Indicava que a vítima da morte
D'himeneu ilibada sucumbira.
Pesados lutos e arrastados fumos
Cobriam, perto, amigos e parentes
Fúnebre silenciosos. Arde em torno
Renque de brandões pálidos; e afumam
Do embalado turíbulo os vapores
Da resina sabeia. Ecoa o templo
Co'as tremendas notas desses hinos
Que, na solene entrada do sepulcro,
Terrível canta a igreja — quase um eco
Da profundez do abismo, que reflecte
Pavoroso na terra. — A ponto entravam
Os viajantes no templo quando o coro:
— « Tédio da vida concebeu minha alma;
E é força que desate a própria língua
Contra mim mesmo — e desabafe o peito,
A amargura falando de minha alma. »
« Direi a Deus: não me condenes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti caluniares-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?

« São teus olhos de carne como os d'homem?
Como eles vês e julgas? — Porque ao dia,
Do cárcere materno me hás trazido?
Oxalá que eu não visto perecera
De olho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fosse — trasladado
Do ventre à sepultura! »

«O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, à tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de míngua e trevas, habitada
Pelas sombras da morte — onde mais ordem
Que o sempiterno horror há hi nenhuma. » [1]

VI

As vibrações da música, as palavras
Não menos fortes, o lugar, a hora,
A grinalda de rosas sobre o túmulo,
Porventura ignoradas circunstâncias
Que às sombras deste quadro dão relevo
Com mais fortidão n'alma, tudo a um tempo

---

[1] Job, cap. x.

No predisposto cérebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.
Os cabelos na frente se ouriçaram,
Como selva de lanças se ergue súbito
Ao grito alarma em dia de batalha.
O coração parou-lhe — e o corpo túrgido
Pesou sobre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza envergonhado,
Baixa o rosto, e se encosta à balaustrada
Do coro que por acaso tem diante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação que o espírito aliena
Ao companheiro seu, o missionário:
Junto dele ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII

Findava o canto lúgubre das preces:
Quatro enlutados cavaleiros sobem
Os degraus do moimento; da essa tomam,
Levam nos braços o ataúde, e descem.
Todo o cortejo, murmurando os salmos
Das rogações extremas, se encaminha
Em passo lento à lateral capela

Que ornam vasados, góticos pilares
De mármore tão negro como as vestes
Dos enlutados vultos que os rodeiam.
Da procissão ao cabo, os anojados
Levam de uma das mãos o triste peso,
Co'a outra sobre os olhos segurando
O usado emblema de dorido choro.[1]

IX

Junto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensível objecto dessa pompa.
Fosse caso ou tenção, neste momento
Alevantando a face descaída,
Co'a vista no vizinho cavaleiro
Deu... estremece... ao ataúde os volve:
Já longe o levam; — mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Céus! que viu!... — A coroa d'alvas rosas,
Nesse instante um baloiço descontrado
Dos cavaleiros, a desprende — rola
Por terra, e junto dele pára...
Avante
Foram: ninguém nessa grinalda atenta
Que desprendeu do féretro o acaso.
Acaso foi? — Mistérios há na campa
Que em tradições de séculos fundados

[1] Choradeiras: uso que inda prevalece na corte.

Me travam da razão: crê-los não ouso,
Mas desprezá-los... também não: — pensava
O atribulado, incógnito guerreiro...

X

O cortejo passou... — e a c'roa fúnebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a contemplam,
Parecem perguntar-lhe: — « Flor de morte,
Em que pálida frente hás tu pousado? »
Quem lhe há-de responder? Em breve a loisa
Se fechará — como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lágrimas de aflitos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz de esperança mínima. — Segui-lo,
Antes que o cerre a campa, essè ataúde
Em que talvez... Ó bárbara incerteza,
Terrível, cruelíssima! E terrível
A verdade será... Mas antes ela.
Corre ao sítio onde viu encaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capela escura. — Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lâmpada que ardia
Longe no mor altar, só lá reflecte
Tanto de claridade quanto as trevas
Desse recinto fúnebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão fantástica
Toda a funérea pompa, o canto, o féretro
E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem. — Escuta: uns ecos
Soterrâneos — como hinos de finados
Por noute aziaga em cemitérios, se ouvem.
Inclina atento a orelha; um passo avante...
Tropeça... Em quê? — Numa revolta loisa.
Aberta está a porta do sepulcro.
Um ténue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abismo; os degraus últimos
De húmida escada vê: descerá? — Desce:
Na estância entrou das gerações extintas.

XII

Terra esquecida aí jaz, aí moram cinzas
Porque em vão falam epitáfios, letras.
Sobre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroísmo
Tua passagem nela assinalaram?
Nenhum? Inteiro ao túmulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pirâmides; — embalde!
Livra o mármore só do esquecimento:
É a memória do prestante feito
Que as idades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra.

XIII

Ei-lo vai, entre as tácitas falanges
De enfileirados ossos caminhando
O atónito guerreiro; — ao cabo extremo
Desse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortejo de dó que hóspede novo
Traz à morada eterna. A ponto o féretro
Ia baixar ao perenal encerro
Donde o não moverá senão a tuba
Terrível, quando o Sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argêntea chave
Laçada em fumo negro, um cavaleiro
Tinha na mão: o mais ilustre esse era
Ou o mais anojado: — uso sabido,
E venerada prática dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos
Verão a face lívida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida
Solene! E que expressão há hi na terra
Em língua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse acumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus encerra!

XIV

Já vacilante mão abre o ataúde...
Amortalhavam cândidos vestidos

O corpo ainda airoso duma dama
Não morta no botão d'anos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tão delicada não, porém mais bela.
Velada a face tinha; mas conhece-a...
Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

XV

Céus! ele mesmo, ele! — Precipita-se
Sobre o cadáver... ergue o véu... — «Natércia!»
— «Natércia» d'eco em eco repetiram
Os ecos dos moimentos, acordados
Do sono sepulcral. Estremeceram
Os do cortejo, e atónitos contemplam
O incógnito. — «É ele!» uma voz disse;
— «É ele!» em torno remurmuram todos.

XVI

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, separou da vida
As funções todas ao guerreiro; — em terra
De mortos semimorto fica. Entanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do ataúde; cai a lajem
Sobre a boca do túmulo. — A existência
Se esvaeceu... começa a eternidade.

CANTO TERCEIRO

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores
Alcançam os que são da fama amigos
As honras imortais e graus maiores.

Lusíad.

I

— « Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos. »
— « Sossegai, amigo;
Deixai-o repoisar: sono propício
Já lhe acalmou o sangue; e mais tranquilo
D'ânimo acordará ». — Submissas vozes
Murmuravam assim em baixo acento
Junto do leito em que prostrado e plácido
Por benigno Morfeu jaz o guerreiro.
De roxas violetas se toucava
No horizonte primeiro o alvor do dia,

E a claridade ténue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
À morredoura luz exausta lâmpada
Vinha juntar sua luz na humilde cela
Onde este curto diálogo passava.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do aposento as paredes guarneciam.
Sobre uma banca de igual custo e obra
Poisava antiga cruz donde pendia
Agonizante o Cristo: lavor fino
Que no índico dente a mão devota
Dum neófito d'Ásia executara,
E fora dom do grato catecúmeno
Ao que nas águas místicas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrara
Antigas abluções. Único um livro
De pesado volume ao pé do lenho,
O livro dos cristãos: dois férreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado
Da parede, enfumado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, à infância da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tintas fiéis dessa virtude
Que o filósofo disse humanidade,
Caridade o cristão. — Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero

Sem vaidade de língua, obra e não fala.
Pintado estava ali um nobre velho
Que a angélica beleza de sua alma
Toda tinha no rosto retratada.
Alvo-negro saial o ancião vestia;
Junto dele, de penas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De brônzea tez, jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lágrima essa nuve' imperceptível
Que rara os cobre — não lha choram dores,
Mas de sensível gratidão desliza.
Letra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias [1] no hemisfério novo.

III

Do habitador da cela amigo e mestre
Las Casas fora, quando guerra injusta
Seu braço d'ímpio ferro outrora armado,
Levou cruel aos povos mal defesos
Que ajoelhavam pávidos, devotos
Ante homens numes, dos trovões senhores. [2]
De tal amigo o comoveu o exemplo.
Pensada reflexão, não voto incauto,

---

[1] Las Casas.
[2] Verso de Filinto Elísio.

Extorquido à fraqueza ou cega infância,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas já no leito o adormecido acorda.
Seus mal abertos olhos se descerram
Ao primeiro luzir do Sol, que é nado
Neste momento, agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo aposento. Como quem se afirma,
Um e outro dos dous que o acompanham
Fita admirado, e a modo que procura
Reconhecer feições que há visto a alguém
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o envolto cérebro
A desligar ideias mal distintas.

V

Assim ao que tomou gelado espasmo
Toda a aparente vida, os membros rijos,
Sem cor os lábios, preso o sangue... é morto:
Ergue-se o carpir d'órfãos, da viúva...
Já no sudário envolto, já nas andas
Os doridos amigos o conduzem,
À morada dos findos... Repentino,
Do coração começa o calor vivo

A devolver-se, manso e manso, às veias;
Longes de esvaecida cor lhe tingem
Os beiços... pestaneja froixa a pálpebra...
Abre os olhos... que atónitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem. — Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risonho e com sossego apropriado
A sossego inspirar, lhe disse o monge:
— « Bons dias, cavaleiro; em pobre cama
Ricos sonos se dormem — diz o adágio,
E hoje o provastes bem. O Sol já nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
Às preces matinais me chama ao coro.
De refeições tereis mister; sadia,
Se não mui esquisita, vou buscar-vos.
No entanto levantai-vos: pouco tempo
Do vosso Jau fiel na companhia
Vos deixarei: não tardo. »
— « E aonde... estamos?
Não me recordo... »
— « Estais em casa amiga.
A nossa cela é esta: sossegai-vos.
Atribulado há sido vosso espírito:
Inseparável condição da vida
Padecimentos são; todos penamos.
Mas a constância é a virtude do homem,

E a paciência a do cristão. Mais largo
Conversaremos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Por ora conservai tranquilo o ânimo:
Breve aqui sou. »

VII

E cobre o manto, e parte.
O silêncio o seguiu; e o tardo piso
Apenas se escutava das sandálias
No longo dormitório ressoando.

VIII

— « Devo », dizia o incógnito guerreiro,
Quando, à volta do coro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhã tomavam:
« Devo a tão bondadoso e terno amigo,
Às solícitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera...
Quero explicar-vos o sucesso estranho
Que ontem presenciastes; — e do escândalo,
Se a meu pesar o dei, perdão vos peço. »
— « Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a rica jóia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais íntimo. Guardai-vos

De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança entendo)
A qualquer que sorrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Em barda os achareis... — oh! perdoai-me,
Sou velho, e pronta sempre a dar conselhos
É minha idade — se prestar-vos pode
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginais que posso,
Ouvir-vos-ei de gqsto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: provas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisível *quê*, essa lei mística
Que atrai o coração dum ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Moçambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me: — « Segue esse homem,
Deves amá-lo, é infeliz e honrado ».

IX

Do Lusitano ao descorado gesto
Esvaecido rubor assoma — e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rápido
Da trovoada longínqua. — Um tanto a face
Descaiu sobre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porém serena,
Disse: — « Luís de Camões tinha um amigo
Único só na terra. — Não te escondas,

Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja? — O pobre António
Foi atéqui, senhor, o único vivo,
Único ser na face do universo
Em quem meu coração achou abrigo».

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
Enternecidas lágrimas caíam,
E o peito sufocado comprimia
A custo grande o soluçar que o arfava.
Não pôde mais: aos pés se deita do amo,
E sem conter o choro:
— «Oh! não me digas,
Não me digas, senhor, que sou amigo.»
— «Não o diga! Porquê?»
— «Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macau, de Goa e Moçambique,
Todos faltaram; e eu fui sempre...»
Corta-lhe
Um mar de pranto a voz.
— «Tu foste sempre
O meu fiel António.»
Humedeceram-se
Os olhos do guerreiro; e como a efeitos
De simpático influxo, ao velho austero
Pelas rugas das faces deslizaram
Gotas de suave, enternecido pranto.

XI

Serena a reflexão comoções d'alma,
O Lusitano continua: — « Certo
Que hás dito bem: tão profanado e abjecto
De amigo o santo nome hão posto os homens,
Que mal sei eu se injúria ou honra é ele ».
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois volvendo-se
Menos aflito ao missionário, disse:
— « Embora! pois que enfim tenho encontrado
Consolação tão doce a minhas mágoas.
O meu nome — inda mal! bem conhecido
Por esse novo império do oriente —
É Luís de Camões. Em tenros anos
Ânsia ardente de glória e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre... e mais funesta — me levaram
Às africanas praias, dura escola
Da portuguesa mocidade. Alegre,
Que me sorria então verde esperança
No enganoso porvir — entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue régio e dum martírio ilustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pai tinha eu ainda... Honrado velho,
Na vereda da honra me puseste;
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

«Ah! se um filho que há visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquela voz que o acariciou na infância,
Bradar-lhe: — Avante! — aquele braço amigo
Que o embalou nos dias da inocência,
A apontar para a estrada da vitória;
Oh! se a tal homem covardia pode
Entrar no peito vil... Não é possível.
Eu aprendi a combater com ele,
Lembra-me o dia — porventura o máximo
De minha vida, se ontem, se outro ainda
Nos de minha existência não contara —
Quando no estreito [1] a barbaresca frota
Nossas naus vitoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição d'armas,
Foi a primeira vez que o mauro alfange
Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
Junto a meu pai — à frente o viram sempre...
Sobre o amigo baixel a pano cheio
Caía a nau de seu comando... [2] Um silvo
De peloiro soou. — Mirado a ele
Certeiro mouro tinha. — Estendo o escudo...
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A bala resvalou — e já sem força,

[1] De Gibraltar.
[2] Histórico.

Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cai. »
—« Leve ferida
Que um dos olhos!... »
—« Oh! dous nos há dado
Liberal natureza. — Que vale isso!
Salvei meu pai. »

XIII

— Voltei por fim à pátria
Outra vez de esperanças iludido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exarados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram — nem o esquecimento
Dum inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o ofendi, jamais. — Se é ofensa
Ter olhos para ver a formosura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos lábios anelantes
Faíscas desse amor; se o dom da lira
— Di-lo-ei funesto ou chamar-lhe-ei ditoso?
Que me outorgara o céu, votei às aras
Desse amor que foi única ventura
Da minha vida — única, inocente
Causa de meus acerbos infortúnios,
E agora... »
Sobre o peito a dextra aperta,
Como em chaga dorida a mão do enfermo
Para acalmar a dor; pendeu-lhe a frente

Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da aflição se patenteiam.

XIV

— « Se é crime », continuou, « ter alma e vista,
Foi essa única ofensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde. [1] Por má sorte,
Laços fatais de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento igual, a igual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós falava.
Cobiça empederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

« Nada na corte obtive contrastado
Por tão forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pai. — Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela pátria hão barateado
Para perder à míngua o resto dele,
Meu pai, de pura mágoa e de despeito,
Fenecera em meus braços. — Só no mundo,

---

[1] O Conde da Castanheira: veja nota no fim.

Que me restava? Perecer como ele,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a afronta duma pátria ingrata.

XVI

De tais ideias combatido o ânimo,
Um dia às margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa majestade de suas águas
Coalhadas de baixéis que as ricas páreas,
Que os tributos do oriente vêm trazer-lhe.
Andando, meu espírito agitado
Se enleava nas glórias, nos prodígios
Que a tão pequeno canto do universo
A metade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De troféus portugueses; via o nauta
Que ousou galgar o tormentório cabo,
E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas santas. Retiniam-se
Nos trémulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros as muralhas prostram
Do rio Ormuz, da próspera Malaca,
E da soberba Goa, empório novo
Do novo império imenso. Ajoelhados
Via os reis de Sião e de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os ceptros,

E render, suplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Dio estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruínas
Dos inflamados bastiões — dispersos
Os palpitantes membros desse filho
Por quem não correm lágrimas paternas;
Não, que mártir da pátria é morto o filho.

XVII

Desse pai venerando — esse Fabrício
Da lusitana história, renovando
Sob os arcos triunfais da ínclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitânia e Roma! —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflamavam num êxtase de rapto
Meu peito português memórias grandes.
Quem tais milagres d'heroísmo e d'honra,
Quem tanta glória a tão pequeno berço
Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, à mais pequena nação do orbe
Deu mares a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superfície, a terra?
Eles. — E a pátria, por quem tanto hão feito,
Que digno prémio lhes há dado? — A fome

Num hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a desonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os socorros últimos
Sobre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata... ingrata pátria! — Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo [1]
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmero d'artes
Protegidas dum rei que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento,
À lealdade, ao valor, ao patriotismo.
— Nem sempre; mas tão pouco de virtude
Basta num rei para esquecer-lhe os crimes!

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Naquelas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Colunas, as abóbadas altivas,

---

[1] Igreja do convento de Belém.

As palmas, as cordagens enlaçadas,
E o sinal santo que as remata e une,
E que por toda a parte está marcando
As vitórias do Lenho triunfante,
O vexilo da glória portuguesa,
Nunca, nunca tão alto me chamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano
Não fariam jamais os Portugueses
O que hão feito no mundo... Dei c'o túmulo
De custoso lavor que aí resguarda
As cinzas do monarca afortunado.
Afortunado em vida; — a morte, fecha-lhe
Selo do Eterno os lábios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulcro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degraus do túmulo; insensível,
No recostado braço a frente inclino,
E descaí num lânguido delíquio,
Que nem morte, nem sono, mas olvido
Suavíssimo é da vida. Sono embora
Lhe chamaria, se as visões tão claras,
Mais rapto d'alma em êxtase sublime
Que imagem vã de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural efeito
De agitados sentidos, porventura
Mui crédulo serei... mais alta causa
Do fenómeno estranho então a tive.

XX

« Oh! sonho não foi esse. — Afigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrelas
No puro azul dos céus: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana forma irregular — qual soem
Ao pôr do Sol fantásticas figuras
As nuvens debuxar pelo horizonte.
Logo mais certas, mais distintas formas,
Qual mole cera em mãos d'hábil artífice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvíssimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sobre o peito c'o índice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chama,
Como luz de carbúnculo, brilhava
Na víscera patente; e em radiosas
Letras lhe soletrei: *Amor da pátria.*

XXI

« Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quase por tal prodígio enfeitiçado;
Quando estes sons, entre áspero e suave,

Mas solenes ouvi: — « Jovem ousado,
Grande empresa te coube — acerba glória,
De que não gozarás! Desgraças cruas
Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
A pátria, que foi minha, que amei sempre,
Que amo inda agora, grã serviço aguarda
De ti. Um monumento mais durável
Do que as moles do Egipto, erguer-lhe deves.
Pirâmide será por onde os séculos
Hão-de passar de longe e respeitosos.
Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
Ingratos nascerão. Tu serve a pátria:
É teu destino celebrar seu nome.
Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
Salva do esquecimento essas ruínas
Que já meus netos de amontoar começam
Nos campos, nos alcáceres de glória,
Preço de tanto sangue generoso.
Um dia... — Em vão perante o excelso trono
Do Eterno me hei prostrado; irrevogável
A sentença fatal tem de cumprir-se —
Um dia inda virá que, envilecido,
Esquecido na terra, envergonhado
O nome português... — Opróbrio, mágoa,
Dura pena de crimes! — tábua única
Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
Do naufrágio. Tu só dirás aos séculos,
Aos povos, às nações: *Ali foi Lisia.*

Como o encerado rolo sobre as águas
Único leva à praia o nome e a fama
Do perdido baixel.[1] — Parte. Salvá-lo!
Salvá-lo, enquanto é tempo! — Extinto... Infâmia!
Extinto Portugal... Oh dor!... » — Rompeu-lhe
O derradeiro acento destas vozes
Em som de pena tal e tão tremendo,
De tão profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me ribomba.
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fora.

XXII

« Dir-vos-ei que serena a mente e plácida,
Que as ideias distintas conservava,
Não como é d'uso ao despertar dum sonho?
Fé não me prestareis: mas em minha alma
Tão claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No pressuposto de seguir meu fado,
E às descobertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória prometida
De engrandecer o ninho meu paterno.

---

[1] Veja nota a este verso, no fim.

Uma só coisa — confessá-lo é força,
Mas que dizê-lo peje — acobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fora
A terras lá tão longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem ao menos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupai-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n'alma se travavam
Batalha, amor e pátria. Amor vencia
Quase... não triunfou... »

XXIII

Aqui chegava
O contar de sua história, quando à porta
Da cela redobrados golpes batem.
O missionário abriu; um pajem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.
— « Um cavaleiro busco
Ontem da Índia vindo. »
— « Ontem chegaram
Os galeões da frota: cavaleiros
Muitos viriam. »
— « Santa Fé se chama
O galeão; e o cavaleiro... Lede. »
Do pajem se aproxima o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescrito leu que assim dizia:

A Luís de Camões — logo *Escudeiro;*
Mais abaixo — *Em mão própria.*
— «Entregai, pajem:
Sou esse. De quem vem?»
— «De quem não manda
Mais palavra que as letras vos não digam.»
Corteja e parte logo. — Que será?

CANTO QUARTO

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam:
. . . .
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam:
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar, e céu.

Lusíad.

I

— « Quem não teme ir de encontro a seu destino,
E provar-se homem... nas desertas rocas
Do castelo mourisco, sobre a serra
Da Lua, achará prémio, o maior prémio!
E castigo também da sua audácia.
Amanhã no expirar da luz ». — A carta
Mais não dizia. — « Qual estranho enigma!
Prémio, castigo a mim!... A mim! Duvidam
Se tenho coração!... Exigem provas!
Quem? Para quê?... Irei? Porque não?... Vamos.

Espera-me talvez a hora querida
Da vingança... Amanhã?... Amanhã!... hoje.»

II

—«Irei, sim», rompe o vate, continuando,
Alto, o discurso que até'i na mente
Consigo meditando revolvera:
«Irei, sim. Não achais que devo, amigo?»
—«Deveis o quê?»
—«Ir.»
—«Onde?»
—«Onde é meu fado.»
—«Quereis dizer à corte? Ouvi que a Sintra
Se fora el-rei com o conselho e cabos
Principais do exército. É voz pública
Que hão-de aí resolver graves projectos
D'alta valia: mas...»
—«E que me importa
A mim corte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões...»
—«Tenhais embora.
Mas, já que estais na corte, ou perto dela,
Avisado seria aproveitar-vos
Da ocasião. Por boca anda de todos
Que do jovem monarca se prepara
Nova jornada às costas africanas.
Em bem a fade e o céu!»
—«Dizem-no? É certo?
Um mancebo inexperto, única esp'rança

Do reino, que, inda mal! já tanto inclina
Da primeira grandeza! — Ah! confiança
Tenho que inda haverá nesse conselho
Um português que português lhe fale,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei preza...
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
Dará sempre o que, ao dá-lo, se arreceia
Da verdade que diz. — É tarde, é tarde;
Fomos, não somos já». Continuaram
Em práticas iguais os dous amigos;
Mas o Luso, a quem n'alma se alevantam
Ideias que as da pátria suspenderam,
Destarte diz: — «Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mistério
Com véu impenetrável. Minha vida
Toda há sido de estranhas aventuras.
Quem sabe? — acabará por esta agora.
É de fracos tremer, mas de prudentes
Acautelar-se é lei. Meu haver único,
Todos os meus tesouros são um livro.
Pouco valor — nenhum tem porventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fruto. Escrito em partes
Com lágrimas há sido, e bem pudera
Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros
Das montanhas, nos vales deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruído das procelas,
Ao dos grilhões nos cárceres — contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado

Para levar ao cabo a empresa ardida
Deste livro que tanto me há custado.
Já náufrago nas águas desse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, às ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar. — Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim... quem sabe? acaso
Útil poderá ser à minha pátria.
Ela, e o seu amor, todo o inspiraram,
À sua glória inteiro é consagrado. »
— « Tão longa viagem, tão p'rigosa é essa? »
— « Longa não; perigosa... Eu sei? Não, certo. »
— « Quando entendeis partir? »
— « Eu? esta noute. »
— « Assim que, em nada mais servir-vos posso...
Nem já de vossa história interessante
Ataremos o fio? »
— « Oh! sim: nem longo
Será ele. »
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma ideia
No tumulto confusa, assim prossegue:

III

— « Falei-vos, se a turbada fantasia
Me não engana, da tenção tomada
Por quase inspiração — vão sonho acaso.
Com pensamentos tais saí do templo:

Escondia-se o Sol d'além dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos céus tranquilos
Infante a Lua, como o arco ebúrneo
Que ao númen que nesse astro afiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais belo pôr de Sol jamais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitária praia respirando
A fresca viração que mal das águas
Leve encrespava a superfície apenas;
Uma voz me chamou — voz que em meu peito
Ouve inda o coração, voz doce e meiga,
Que nunca mais... oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos... — volvo o rosto:
De baixa gelosia me acenava
Com um cândido véu, mais nívea e cândida,
Formosa e breve mão. Flutuando ao vento
O véu caiu, e a dextra desparece.

IV

« Ergui-o palpitando: um nó o atava.
Trémulo o desabrocho — era oiro puro.
Oiro daquelas tranças tão queridas,
Rica jóia d'amor. Co'a doce prenda
Vinha um bilhete: abri-o, li: — « Roubado
Foi este instante a bárbaros tutores.
Insensatos! vigia mais do que eles

Amor, que pode tudo. A minha glória,
Pu-la em teu coração; minha ventura,
Minha vida, o meu ser de ti confio.
Parte — é força partir... — Ausência dura,
Separação cruel só pode unir-nos.
Sai a frota amanhã; vai alistar-te.
Campo no oriente a grandes feitos se abre.
Volta com nome tal que tudo vença.
Eu viverei de lágrimas... — Embora.
Matar-me-ão saudades... — Não, não hão-de.
Ver-me-ás ainda; um anjo ontem mo disse
Num sonho tão feliz! — Era eu vestida
De riquíssimas galas... e alva c'roa
De rosas me toucava... tu a um lado,
Triste — não sei porquê, outros de luto:
Não me admirou, que nosso amor não querem.
E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
Tamanho se fará teu nome e glória,
Que encha o universo. — Vai: adeus!... Terrível,
Amargo adeus é este... Não importa.
Parte... e jamais te esqueças... ».

V

« Uma lágrima
Delira o mais das letras; — quente ainda
A senti no papel... — Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, extático,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Água acima passava uma falua:

Bradei, acodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,
Da popa dum galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra; — alfim o céu e as águas
Sós com minhas tristezas me ficaram.

VI

« Próspero o vento foi. Por esses mares [1]
Que humana geração jamais abrira,
Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. À sestra nos ficavam
As mauritanas várzeas tão regadas
De sangue luso. Vimos a frondosa,
Vicejante Madeira, a primogénita
De nossas descobertas, e a mais bela
De quantas pelo Atlântico dispersas
O generoso Henrique adivinhara.
Massília estéril, e os queimados serros
Donde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinário cabo vendo,
Que verde em seu extremo apelidamos.
Vimos também as Fortunadas [2] ilhas,
E entrando as que d'Hespério o nome tomam, [3]

---

[1] *Lus.*, canto v, desde a est. 3 até 10.
[2] Canárias.
[3] As de Cabo Verde.

As orientais costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
Donde o curvo Gambeia ao Tejo manda
As ricas páreas do caudal luzente.
As Dórcadas [1] passámos, que dos silvos [2]
Das víboras na areia inda retinem;
Crespas tranças outrora que inflamavam
O cérulo Neptuno. Ao austro a proa,
No imenso golfo entrámos, transcorrendo
A Leoa serra aspérrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incrédulo discípulo
O apelido tomou. [3] Ali a fértil,
Vastíssima região que lava o Zaire, [4]
Ganha por nós à fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
À dextra nos ficava a plaga imensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após os nossos foram:
Que ousar e perfazer tamanho feito
Fora a humanos esforços impossível
Se o braço português não ajudasse.

---

[1] Ilha do Príncipe, etc.
[2] *Lus.*, canto v, desde a est. 11 até 14.
[3] Ilha de S. Tomé.
[4] Reinos de Angola e Congo.

VII

« O astro novo, não visto doutra gente
Antes que o luso nauta lho amostrasse,
Já no hemisfério oposto nos brilhava.
Víamos-lhe essa parte menos bela
Onde raras estrelas pasce a pólo:
Ali, pesar de Juno e de seus zelos, [1]
Vimos banhar nas águas de Neptuno
As inflamadas Ursas. Pelos topes
Dos mastros, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chama
Do santo, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodígios
Que hei visto, longo fora; e conhecidas
Serão elas de vós que os largos mares,
Que as vastíssimas plagas descobertas
Pela nobre ardileza lusitana
Corrido haveis também. Destas paragens
Velas demos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a força descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia [2]
Nos fecha o claro céu; amaina o vento
E em tanta escuridão batendo as velas

---

[1] *Lus.*, canto v, desde a est. 15 até 25.
[2] Idem, canto v, desde a est. 37 até 38.

Em podre calma, à pavorosa cena
Dobram tremendo horror. — O mar ao longe
Dá longos, oucos brados que rebramam,
Como se desse em vão nalgum rochedo.

VIII

« Éramos cerca do famoso cabo
A que mudou boa esperança o nome
Que primeiro lhe demos, das tormentas.
Ao pensar em tão ásperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufrágio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse cabo nos custaram
Para ir edificar sublime império,
Novo reino entre gentes tão remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me português. E é pois tal feito
Feito d'homens?... — O vento repentino
Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos mares o estampido
Dum trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procela horríssona,
E em tamanhas ideias confundida,
No ar se me afigurou troar de irada
A potestade imensa dalgum génio
Que os cancelos do Oriente ali guardasse;
Cuidei ver a grandíssima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiara d'Ásia o árbitro do mundo,

E que de tanta audácia portuguesa
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu passo tão defeso,
Da boca negra, e pálido de cólera,
Fatídico dissesse.[1] — « Ó gente ousada,
Mais que quantas no mundo hão cometido
Empresas grandes, não te basta o mundo
D'homens sabido para tantas guerras,
Tais e tão cruas, com que, tão pequenos,
Fatigais o universo? De tão longe
Vindes quebrar meus términos vedados,
A demandar em regiões ignotas
Onde cevar essa ambição de glória,
Essa implacável sede de conquistas
Que no inquieto peito vos referve?
Acabareis por fim co'a empresa ardida,
Sim, vencereis; mas a vitória cara
Tem de custar-vos. Inimigo eterno
Aqui em meu tremendo promontório
Vos espero; aqui áspera vingança
De quem me descobriu tomarei. — Morte,
Morte é o menor dos males que vos guardo.
Nem da beldade as lágrimas formosas,
Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
De maternal ternura hão-de amolgar-me . . .
E não se acabará só nisto o dano;
Antes por vossas mãos o mor castigo
Recebereis: do império cimentado

---

[1] *Lus.*, canto v, est. 41 até 48.

Com tanto sangue e com virtudes tantas,
(Breve as heis-de perder) medonhos crimes,
Devassa tirania, infandos vícios.
Superstição cruel minarão cedo
Os nobres fundamentos. Aluído
Baqueará por terra o sólio altivo
Que sobre as ruínas erguereis dos povos.
Vis descereis pelos degraus do vício
Do trono a que a virtude vos alçara ».

IX

— « Assim na extasiada fantasia
Um eco misterioso me soava:
Di-lo-ei presságio triste em já grã parte
De seu fadar cumprido!...
« Enfim dobrado [1]
O imenso, proceloso promontório,
Vogámos, longe, os mares interpostos,
Que do índico lago aquém separam
As requeimadas costas africanas.
Saudámos a dura Moçambique,
Porta do Oriente que a Ásia lusitana
Parece unir aos áfricos domínios,
Por onde, desde a Europa, às partes quatro
Se dilatou o português império.

---

[1] *Lus.*, canto v, desde est. 62 até o fim.

X

« Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos; da soberba
Cidade d'Albuquerque os mouros entro.
De sobressalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias que o triunfo
Viram do forte Castro. — Aqui da guerra
No duro trato, ora ao Gentio rudo,
Ora ao pérfido Mouro combatendo,
Longo continuei; porém do Marte
Português quão diversa é hoje a sorte
Não glória já, mas frívolas contendas,
Injustas opressões nos arrancavam
A preguiçosa espada da bainha.

XI

« Cheia a imaginação do misterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiara a fantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Ódios, perseguições. — Já malferido
De eiva de morte arqueja o império d'Ásia.
Os devassos costumes, a impiedosa
Sede de mando, a sórdida cobiça

Dos ministros da lei, e até — sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
Dos que, indignos do altar, o altar profanam
Com sacrifícios bárbaros de sangue,
A um Deus só de paz e de bondade,
Em vez do puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pálidos cadáveres,
Suspiros da viúva, ais do órfão triste,
Lágrimas, sangue e morte oferecendo...
Tudo, a golpes contínuos, redobrados,
Vai prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerques.
Qu'é desse esp'rito que animava os fortes?
Qu'é desse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E a arriscadas acções, a empresas grandes,
A mais que humanos feitos os levava?
Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;
Fomos: — de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor que geme longe,
Como voz de sepulcros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora.

XII

« Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descaimento, em tal baixeza,
Cometer, perpetrar? — Inúteis p'rigos
Em guerras mais inúteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora

Do sangue desparzido em prol da pátria,
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome português assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heróis fundadores dum império
Que tão bastardos netos destruíam.
Em vão clamei; as minhas verdades duras
Mole ouvido os tiranos ofenderam:
Puniu desterro injusto a minha audácia. [1]

XIII

Anos sete vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas [2] escaldadas
Do eterno fogo que as consome e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia península. — Um repoiso,
Plácido quanto o gozam desgraçados,
Encontrei na escalvada penedia,
Onde na roca estéril se alevanta
Macau, fértil agora das riquezas
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Ali, só com meus tristes pensamentos,
Livre ao menos dos homens, só comigo,
Co'as lembranças da pátria, co'as saudades

---

[1] Histórico.
[2] Filipinas.

Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, sequer tranquilo.

XIV

« Nas penhas dessa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitária gruta, [1]
Onde as náiades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: à entrada lhe vicejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe entalharam
Misteriosas mãos ignotas letras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitário discíp'lo de Confúcio
Nessa caverna as eternas verdades
Do grande *Tien*, do Deus da Natureza,
Que ao Sócrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
Que ao amante de Fédon. [2] — Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
'Té se perder no extremo horizonte.
Ali de soledade amarga e doce
Esquecidas passei horas ditosas:
Ditosas — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me há corrido
Horas que tais se chamem. — Nesse poiso

[1] Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.
[2] Sócrates. Veja nota no fim.

De suave tristeza me acudiam
À memória as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideias do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

XV

« Pátria, oh pátria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado à fama,
Que de ti digno, digno de Natércia
As gerações pasmadas me aclamassem!...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fumo que se ergue da choupana
Para subir aos céus — que Euros dispersam,
Quase punindo-o de tenções tão altas!
Que pode em pró da pátria um desgraçado,
Perseguido, no exílio imerecido?...

XVI

« Uma voz cá do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
— Pode mais do que a espada, a voz e a pena;
Feitos de glória imortaliza o canto,
Salvam do olvido as musas. Vive a fama
Que em versos divulgaram numerosos

Vates de Grécia e Roma. É menos digno
De eterno carme o peito lusitano, [1]
A quem Neptuno e Marte obedeceram?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos e de vãos Rogeiros?
Do incerto Eneias para si não toma
Fama e renome aquele Gama ilustre
Que ousado em p'rigos, firme e duro d'alma
Mais do que permitia esforço humano,
Cometeu e perfez acção tamanha?

XVII

« Na mente, como um ímpeto invencível,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrojo, desmedida a altura
Onde me afoita de subir a ideia.
Embora, embora! seguirei meu fado.
As ninfas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim criassem novo engenho ardente
Que a tão subida empresa se elevasse.
Cometi, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'anos foi: e enfim completo,
Com ele à doce pátria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarca

[1] *Lus.*, canto I, est. 3 até 12.

Prezador das virtudes, do heroísmo
Que em meus versos cantei. — Mais doce ainda,
De mais subido prémio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existência há sido. — E pois que nada,
Nada já 'gora me ficou na terra...
Ei-lo, senhor, o livro: apresentá-lo
Cuidei outrora à esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depô-lo
Aos pés doutro monarca mais potente,
Que melhor galardão pudera dar-me
Por quanto hei merecido... — Hoje...»

XVIII

Suspenso
Nesta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ela, se disperde
Em longo e cortadíssimo suspiro.

CANTO QUINTO

Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na Terra sempre triste.

Cam., Sonet.

I

« Correi sobre estas flores desbotadas,
Lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,
Que a aridez do sepulcro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II

O viço de meus anos se há murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Bárbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;

Vaguei sòzinho à míngua e sem conforto
Pelos palmares onde ruge o tigre;
Tudo sofri no alento duma esp'rança
Que, no instante de vê-la, me há fugido...
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III

« Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancólica das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcíone,
E com ela gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais;[1] e aos longos pios
Da ave triste ajustei meus ais mais tristes...
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

IV

« Os ventos pelas gáveas sibilaram;
Duras rajadas d'escarcéu tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co'as roxas agonias

---

[1] Veja nota a este verso, no fim.

Malditas da esperança... — E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrela,
Único norte meu. Por mar em fora
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véu dos interpostos séculos:
Quis-me punir do ousado sacrilégio
Com que os segredos seus vulguei na lira.
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarelos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procela.
Vi-o a esquálida barba, de despeito,
Arrepelar-se, e a cor terrena e pálida
Ao clarão dos relâmpagos luzir-lhe
Da sanguinosa cólera inflamada.
Não me aterrou, que do almejado porto
Me alumiava o farol de luz amiga...
Lume consolador, fanal d'esp'rança,
Quando na praia já, sem luz me deixas!
Engano lisonjeiro da existência,
Que verdade cruel te há dissipado?
Que ímpia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela?

V

« Os ecos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo

Aprenderam teu nome. E o meigo acento
De minha branda lira repetindo,
No sussurro das folhas recendentes
A filha de Ciniras murmurava;
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam...
A criminosa Mirra parecia
De tão virtuoso amor envergonhar-se...
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI

« Oh gruta de Macau, soidão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna
Que escutaste meus lânguidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas,
Oh fresquidão amena, oh grato asilo
Onde me ia acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a pátria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terríveis
Que hão-de afrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás às porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos portugueses
Se português eu fui, se amei a pátria,
Se além dela e d'amor, por outro objecto

Meu coração bateu, lutou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Pátria, pátria, rival tu foste d'*Ela!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ela* e por ti sofreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Ténue conserva da existência aflita...
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VII

« Desamparou-me! — Triste e sem conforto
Fiquei só, neste vale de amargura.
Linda, mimosa flor, à sombra tua,
Rasteira grama vegetava apenas
Minha tímida esp'rança. Amareleço,
Desabrigada planta, ao sopro ardente
Do norte queimador. — Quem te há cortado,
Quem, rainha das floridas campinas,
Te decepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva também, que não arranca
A humilde ervinha que sem ti falece?
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Oh! levai-me contigo à campa fria. »

VIII

Canção, canção de morte era esta sua,
Que em som carpido os montes repetiam

Da umbrosa Sintra. Sobre um calvo serro
Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos sossegados ventos,
Qual moribundo cisne gorjeando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A enternecida Inês, vendo o seu vate,
Seu imortal cantor gemer como ela.
Ele uma seca, emurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava
No ansiado peito: a fio e fio as lágrimas
— Embalde! — sobre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não tornava ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulcro.

IX

Nascia o Sol: a névoa que rebuça
De húmido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em véu ligeiro
Rara se adelgaçava; resplendiam
No sossegado mar os doces raios
Da recém-nada luz. A amena veiga, [1]
Delicioso vale a quem de Tempe
Cede beldade e fama, se estendia

---

[1] Colares.

Pelas faldas da serra. As perfumadas
Árvores d'áureos pomos reluzentes
Que à veloz Atalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,
E o tão ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
Donde, virgíneas tetas imitando,
Pende o céreo limão — pendor não grato
No lindo pomo a que o semelha o vate —
Sobre a relva, inda fresco-rociada
Das lágrimas da aurora, se avistavam
Pela imensa campina, recolhendo
A aura criadora nas lustrosas folhas
Donde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
À vinda alegre dessa luz benéfica,
Remoçadora eterna da existência,
Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Sintra, a formosa Sintra se amostrava
Ao monarca das luzes — qual princesa
Do Oriente ao régio noivo se apresenta,
Voluptuosos perfumes exalando
Das longas sedas com que brinca o zéfiro.

XI

Oh Sintra! oh saudosíssimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio à natureza
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmúrio
Das despenhadas linfas misturado!
Quem, descansado à fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto há hi mais belo no Universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existência,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ânsias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delícias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
D'amizade e d'amor, não hei-de um dia
Perguntar-vos por eles? Soletrando
Não irei pelas árvores crescidas
Os caracteres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'entalhara?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardam fiéis os seixos vivos

O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer — tão breves foram!
Dias de glória — ternas mãos gravaram!

XII

Há corações ainda que o conservam
Esse ignorado — mal sabido nome.
Oh! sim, que os há! Salvai, salvai, ó musas,
De meus escuros versos estas linhas,
Não para a glória — sonho vão de néscios!
Mas em memória, doce de guardar-se
Nalgum sensível peito. — Onde não gira
Meu sangue... — E o sangue quão diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleais! co'a memória, mas que rara
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gira
Meu sangue — e o sangue quão diverso corre!
Peitos achei sacrários de amizade,
Corações de anjos...

XIII

Sintra, amena estância,
Trono da vicejante Primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe há corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa

Eterno já nos hinos enramados
De imorredouras flores. — Impotente
Aí quebra a fúria do fremente oceano
À raiz de teu firme promontório...
Mas que infrenes um dia as altas águas
Soltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite é aí — galgá-lo ousassem,
E levar os delfins enamorados
Folgar nos sítios em que geme a rola,
E filomela modulou queixumes,
Suavíssimo encanto da espessura;
Mas que prodígio tal novos trouxessem
Os séculos de Pirra — inda o teu nome
Não o esquecera transmudado o mundo.
Leva-to além das passadouras eras
Do bardo misterioso [1] o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamiso — onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutéria divina lhe afinara —
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cisne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos acordados
De Leónidas que dorme... Não, não dorme;
Vela, co'o escudo e lança em torno roda
Da àrvorezinha tenra que plantaram

---

[1] Byron's Child Harold's Pilgrim.

Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá? — ou do consórcio adúltero,
Ímpia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,
Filhos d'Heleno, perecei como ela.

XIV

A vós já volvo, ó solidões de Sintra,
E ao vate que suspira melancólico
Entre esses que parecem dispersados
Túmulos de gigantes — ou ruínas
Dalgum primeiro templo cujos mitos
Esquecidos aí jazem, desprezados
Nesses brutos lascões. — Últimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas asas dos plácidos favónios,
Quando uma voz: — « Não é de ânimo grande
Sucumbir aos reveses: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão às lágrimas. Segui-me. »
— « Onde? a quem?... Ah! sois vós? »
— « Sou eu, amigo;
Cavaleiro, sou eu. Vinde; à justiça
Porta abrimos enfim: ver-vos deseja
E ouvir-vos o monarca. »
— «A mim! »
— « Puderam

Chegar ao trono as vozes da verdade.
Sabe quem sois el-rei; louvou com ênfase
O amor da pátria glória que a alta empresa
De perpetuar seu nome há cometido,
Dando aos heróis de Lísia eterna fama.
Vinde, que à hora nona vos aguarda
Impaciente. »
—« Mas o livro?... »
—« À corte
Vim por ele e por vós; comigo o trouxe.
Há muito o conhecia: amigos vossos
Dele com grande preço me falaram
Em Goa e Moçambique. »
—« E como ao ouvido
Chegou del-rei meu ignorado nome? »
—« Sabereis tudo: dai-vos pressa; é tempo
De preparar-vos à solene audiência
Que havereis do monarca. »

XV

Ambos desciam
A íngreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Trémulos passos caridoso empenho
Do oficioso coração. Renasce
O ardor súpito no inflamado peito
Do guerreiro acordado do letargo
De que o desperta esperançosa a glória.

CANTO SEXTO

> Não tinha em tanto os feitos gloriosos
> De Aquiles, Alexandre na peleja,
> Quanto de quem o canta os numerosos
> Versos; isso só louva, isso deseja.
>
> *Lusiad.*

I

O ceptro de Manuel, nas mãos já débeis
De Joane[1] começado a desdoudar-se
Do esmalte das vitórias e triunfos
Com que tanta virtude o adereçara,
O ceptro que, nas mãos doutro Joane[2]
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fora vara de lei e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura,

---

[1] D. João III.
[2] D. João II.

Ora na dextra de inexperto jovem
Vergado a maus conselhos, vacilante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máquina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lísia
Do zénite de sua glória descrevia
Curva afrontosa a miserando ocaso,
Que de Alcácer nas tórridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e d'honra
Bastará a fazer reis, fora um rei esse;
Mas... — Sebastião reinava. Mal dormido
Sobre os avitos louros, já correra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado
Cuidou já da fortuna a vária roda
Ter fixado co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas e vitórias sonha;
E entanto sobre as ondas mal seguras
Voga, à lei delas, o baixel do estado.
Ávidas mãos, do abandonado leme
Validos travam, não a endereçá-lo
Para o rumo perdido; mas cobiça

Treda, que os move, a sirtes, a naufrágios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Em suas iras de flagelo aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escurial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labirinto escuro enrevesavam
Os descuidados passos do monarca.
Murmurava em silêncio malsofrido
Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hipocrisia:
No profanado altar, fogueiras, vítimas,
Do oriente ao ocidente lhes afumam
O incenso da cobiça, e o vapor negro
De sangue e morte que regala os monstros
Em taças de ouro, com prazer de tigres,
De lágrimas de viúvas se embriagam;
E os suspiros dos órfãos desvalidos,
Como deleite de suave música,
Os danados ouvidos lhes afagam.

IV

Eco antigo do nome lusitano,
Memórias de Pachecos e Albuquerques
Sós continham ainda os inimigos
Do vacilante império. Alucinado,
Ignorante dos males que lhe encobrem,
Crê reinar sobre um povo afortunado
Do Tejo ao Zaire, e do Amazonas ao Ganges,
O mancebo infeliz: tão vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triunfos, que glórias, que esperanças,
Que séc'los de vitória, que virtudes
Não vão, num dia, perecer com ele!
Sorvei, areias d'África, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As asas mortas
Exânime enrolou, caiu por terra
O temeroso Drago que amparara
As quinas tanto séc'lo; então primeiro
O leão de Pirene o olhou sem medo.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E português ainda, conservava
No ânimo real leve influência.
Aio dera o avô ao jovem príncipe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,

E em virtudes e letras ilustrados
Cavalheiros da corte. Não se atreve,
Conquanto o desejara, o rei mancebo
A afastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil empana o lustre
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fatais, iníquos procedores.
Feios labéus da púrpura oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Diante dessa honrada singeleza
Tem recuado a intriga — e despeitosa
Curvado a prepotência a cerviz dura!
Os validos, que o temem, que o detestam,
Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarca mal esperto:
Mas não puderam inda. Pura, ingénua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hipocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem comentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão.[1] Poucos amigos,
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos dele todos. Desse número
Era — e não muitos mais de seu estado,
O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

---

[1] Veja nota a este verso, no fim.

VI

Santo fervor que à lusitana corte
Trouxera o venerando missionário,
Do aio real na protecção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixara
C'os neófitos seus alma e cuidados.
Versado nos antigos exemplares
De Grécia e Roma, aos cânticos sublimes
De Job e de Isaías se aprazia
De comparar, em horas mais folgadas,
Canções de Esmirna e Mântua: amiúde o viram
Sobre os prantos de Dido verter lágrimas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um poema de que ouvira
Falar já tanto, e de homem tão famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
Às homéreas belezas, aos apuros
Das virgilianas graças — mais ainda
De originais, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
— Cantores que jamais cuidou possível
Igualar, exceder por arte humana —
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflamou de nobre entusiasmo:
— « E obra tal (exclamou), tamanho engenho;

Tão nobre amor de pátria, tão sublime,
Árdua empresa, trabalho tão difícil
Não terá galardão? Quem há mer'cido
Tanto da pátria por espada e pena,
Ingrata a pátria o deixará sem prémio?
Irá mendigo e súplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,
O humildoso favor de que lhe aceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe mate a fome
Nem lhe cubra a nudez? — Oh!... » Resoluto
Toma o bordão, caminho vai a Sintra,
A Aleixo fala, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu conta, e as virtudes
E assinalados feitos do homem grande
Que em vão apouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres sentimentos,
Fácil se entendem, fácil comunicam
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII

Meneses disse ao rei: — « Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos anos
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e único
Da bondade real — talvez justiça! —
Poderia esperar? »
— « Tudo: explicai-vos.
Tudo: que pretendeis? »

—« Pouco vos peço:
Que ouçais um infeliz. »
—« Onde está ele?
Venha, mas seja breve; o tempo é curto:
E meus empenhos... »
—« Praza a Deus que sejam
Aos Portugueses e ao seu rei profícuos! »
—« Certo o serão: a glória nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda já de ir encontrá-la,
E... Porém dom Aleixo não aprova
As tenções do seu rei. »
—« Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fora dele,
Real senhor, respeito e obediência
São os deveres únicos dum súbdito. »
—« O homem que sois, Meneses, bem conheço:
Amei-vos desde a infância, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei-o, e tão sincero,
Tão leal o não tenho. »
—« O Céu permita
Que o cuideis sempre, e que infiéis não sejam...
Senhor, o desgraçado por quem rogo,
Nada vos pede; é português e altivo,
Como o são portugueses: mas tal feito,
Tão gloriosa empresa em prol da pátria
Cometeu e perfez, que já desaire
Real seria de a deixar sem prémio. »
—« Quem é esse homem? Que fez ele? O Gama,
O Albuquerque igualou? »
—« Fez mais do que eles;

Que os tornou imortais. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo dessas glórias do oriente,
Dessas conquistas d'Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das letras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaivéns da sorte
O porvir sempre incerto. Que soubéramos
Das façanhas de Aquiles, da piedade
Do fundador primeiro dessa gente
Romana cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgílio e Homero não ficassem
Mais duráveis, segundos monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Nos é força a nós outros cavaleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o pode a pena.»
—«Assim mo heis ensinado e o tenho certo.»
—«Dos mais famosos príncipes o exemplo
Vo-lo dirá melhor. Vede Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triunfos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos
Que imortal o fizeram: vede Augusto
Prémios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glórias celebrava.
Valem mais do que os feitos portugueses
Os de Gregos, Romanos? Mais vitórias,
Mais troféus, mais virtudes nos reconta
Sua falada história?»

— « Não, amigo,
Não; e eu farei que inda maior se exalte
O nome português pelo universo. »
— « Assim apraza aos Céus! »
— « Praz, sim. Ou morte
Honrada, ou glória igual a meus passados
Ganharei eu ».
— « A glória dum monarca,
Nem sempre armas a dão. Dinis pacífico,
Joane [1] o justo... »
— « Assaz mo tendes dito.
Falemos, dom Aleixo, desse livro... »

VIII

E Aleixo quanto ouvira ao missionário
Breve lhe expõe: o mérito da obra,
O glorioso renome que lhe fica
De protector das letras; enfim tudo
Quanto para inflamar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha
— « Ouvi-lo quero » disse o rei, « chamai-o
Da minha parte: prémio terá digno
Dele e de mim, se o que dizeis é certo. »

---

[1] D. João II.

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao empenhado amigo,
Que de tais esperanças enlevado
Por devesas e grutas, por montanhas,
Da fresca Sintra em derredor discorre,
'Té que o protegido alfim encontra.
Juntos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros embalados
A hora aprazada para a audiência aguardam.

CANTO SÉTIMO

...... Vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Lusíad.

I

Eu vi sobre as cumeadas das montanhas
D'Álbion soberba as torres elevadas
Inda feudais memórias recordando
Dos Britões semibárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio, fui sentar-me
Na barbacã ruinosa dos castelos,
A conversar co'as pedras solitárias,
E a perguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
Nos românticos sonhos, procurava
Áureas ficções realizar dos bardos,

Murmurei os tremendos esconjuros
Do Escaldo sabedor — falei aos ecos
Das ruínas a língua consagrada
Dos menestréis: — perfiz solenemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os génios misteriosos, as aéreas
Vagas formas da virgem d'alvas roupas [1]
Que, as tranças d'ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisível que lhe tangem
Os domados espíritos que a servem,
Como o subtil Ariel, [2] por invencível,
Encantado feitiço...

II

— Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho,
Ou triste realidade dissipava
Fantasias de vates. Nem seteiras
Me bruxuleavam namoradas cores
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzela
Deitada em hora escusa ao cavaleiro
Que aventuras correr se vai ao oriente
E a ganhar do infiel a Terra Santa.

---

[1] Scott's poet. romanc.
[2] Shakespeare.

Nem, d'além valos, nos corcéis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço
Onde se espelha vacilante a Lua,
Enquanto aguardam que da ameia soe
Corno de anão que abata a erguida ponte,
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas à lançada viva
Disputar-se o colar de ouro maciço,
Prémio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

III

Nada!... Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do Outono, e bronco entulho
Dos muros derrocados — soltas pedras
E imunda terra à vista afiguravam
Insepultos cadáveres, golpeados
Membros, inda cobertos d'aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castelão soberbo. Nas ameias
Se me antolhavam hórridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo — certo amigo dos tiranos,
Que regalado o trazem. Tristes vítimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor que a seus vassalos
Vilões de sua terra — seus como ela —
Quis do poder que tem mostrar a alçada!

IV

Ao pé dessas janelas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquícios
Dos já pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha à escuridão sombria
De fétidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a idade, que destruiu palácios,
Memórias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a tais vestígios
De atrocidade e crimes — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada,
No limiar dessas portas: *Escarmento*
Às gerações porvir. — Doía-me alma
Na solidão das ruínas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergéis da pátria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Sintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila — que memórias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lísia! Nem seteiras
Nem torreões nem barbacãs nem fossos.
E que havia mister desse aparato
Dado a tiranos, que inimigos vivem

De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenárias hostes de Janízaros
Precisava um monarca lusitano,
Que precedido vai por débeis canas,
Símbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos? — Santas eras!
Se pudésseis voltar, dias ditosos!

VI

Alto o dia, horas oito; já nos átrios
Girava do palácio a vária turba
Que a audiência do rei, ou do valido,
— Quantos do mais escuro sevandija
Que tais mansões infesta! — ali aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Tímido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortesão soberbo. Altivo o grande
Com gesto protector ali corteja
O artífice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dívidas antigas
De tamanho senhor, tão dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nédio abade,
Que engordou nas fadigas evangélicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa côngrua tanto abaixo
Na hierarquia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola ténue

Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pretende aquele? — O episcopado;
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos dum pingue benefício
Desfrutado na corte.

VII

— Nesta cena
Tão variada em actores e interesses,
Dous novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem,[1]
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio. — «Vem da Índia
A requerer: — Não trazem doutra gente
Estas frotas de Goa». — Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delfos
Devotos peregrinos, quando os quícios
Do misterioso limiar se movem,
E o oráculo — terrível ou propício? —
Vai por obscuros carmes explicar-se.

---

[1] Expressão do elegantíssimo D. Franc. Man. de Melo, *Guia de Casados.*

VIII

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d'entorno, alguém procura.
Quem será o invejado aventuroso?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordial saúda; e conversando juntos
Poucos momentos — eis dão os porteiros
O devido sinal, menestréis tangem;
El-rei chega, no trono toma assento.
Breve a audiência foi; não sobra o tempo
Para as santas funções de magistrado
A militares reis: às armas cede
A toga prezada. — Audiência é finda.

IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:
— « Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
O vosso protegido não vejo. »
— « Ei-lo, senhor, o nobre cavaleiro
Que desejais ouvir. »
                                        — « Sim, quero ouvi-lo,
Quero e desejo: não ignoro o preço
Das boas letras, nem dum raro engenho
A estima desvalio: em prol da pátria
Uns obram co'a espada; cumpre a outros
Co'a pena honrá-la. »
                                        — « Se honra a minha pena,

Real senhor, a minha amada pátria,
Di-lo-ão sabedores e letrados.
Para servi-la... espada e braço tenho
Que por si falarão. »
— « Digna resposta
De português! Honrado sois, amigo.
Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo. — É este (disse,
Falando aos cortesãos) de quantos d'Ásia
Aqui vêm, o primeiro que não fala
Em suas cicatrizes. »
— « Bastas eram,
Senhor, as de Pacheco, e... »
— « Eu não ignoro »
Àsperamente el-rei o interrompia
« Os feitos de Pacheco. »

X

Olhos pasmados
Os cortesãos cravaram no soldado
Que tão crua verdade se afoitava
A proferir ali: algum já cuida
Que de escuro castelo a torre o aguarda,
Ou que ao menos... — Compondo um tanto o vulto
Tornou el-rei:
— « Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha verde à fresquidão sentar-nos.
Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas. »

XI

Seguem todos o rei; a encosta sobem
Do monte; e pelos bosques onde o louro
Inda as glórias de Castro está c'roando.
Inda viceja co'as memórias dele, [1]
A real companhia vai entrando.

XII

Estavam d'altas árvores à sombra,
De aveludada relva em fresco assento.
Atento o jovem rei fitava ansioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de glória resplendente,
E na divina inspiração aceso.
Qual deveras o imita, qual fingindo;
Mas todos se compõem do rei a exemplo.
O vate começou: pausado acento,
Respeitoso não tímido, lhe alonga
Solenemente o cadenciar medido
Do metro numeroso. O heróico assunto [2]
Primeiro expõe do canto: armas e glória
Dos barões lusitanos que fundaram
Do oriente o império novo; os grandes feitos

---

[1] Célebre quinta de D. João de Castro.
[2] *Lus.*, canto I.

Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo as Tágides musas invocando
Porque alto som lhe dêem e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente:
— « Dai-me — com voz mais elevada clama —
Dai-me uma fúria sonorosa e grande,
E não de agreste avena ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e belicosa
Que o peito acende, e a dor ao gesto muda,
Um canto igual a meu erguido assunto,
Se tão sublime preço cabe em verso. »

XIII

Depois ao jovem rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d'amor pátrio cintilantes,
Ao ouvir cantar dos feitos portugueses
Convida; pinta-lhe em vivazes cores
A grandeza do povo a que preside,
A lealdade, o valor; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Já da tuba a Calíope travando,
Em terso estilo, e não de inchada pompa,

Mas — qual fluente e majestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia —
Tal por seu grande assunto o vate imenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos céus o alto poder sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sobre tamanha empresa convocava.
Cuidas ver, lá num trono de diamante,
Sentado o pai dos numes; por seus lábios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. E seu propósito
De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
De Nisa o vencedor cioso impugna
A sentença do númen. Quem sustenta
A heróica Lísia? É Vénus bela,
Afeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja língua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tão zeloso de seu culto,
Tão devoto amador de seus altares!
O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Já surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da pérfida malícia. Eis lá Mombaça,[1]
Onde falsos Sínons a engano o levam,
Cru exício lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Ericina linda,
Que a assinalada gente andas guardando,
Tu, do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste. — Aqui do vate
O estilo se embrandece, espira o canto
Suavíssimos perfumes de Amatunta;
Rosas de Pafos e jasmins de Gnido
A namorada lira lhe coroam,
Quando a bela Dione à sexta esfera
Segue enlevado. — Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gosto
Que o deleitoso quadro acende n'alma.
O mimo dos pincéis tão delicados,
Não lho deu natureza, que o não tinha;
Deu-lho amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tão querido,
Tão grã privado seu jamais abrira.

---

[1] *Lus.*, canto I.

XVII

Mármores de Praxíteles, esmeros
De Fídias, de Canova, oh! que beldades
Retratais imperfeitas! — Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pigmalião obtida,
Quando há-de o apuro do cinzel mais destro
Tais mimos igualar? Aquele gesto
Que as estrelas, o céu e o ar namora,
Aquele afrontamento do caminho
Que a beleza lhe aviva? Como as graças,
Os espíritos vivos que inspiravam
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
Vê-la diante do padre omnipotente
Como na selva do Ida se amostrara
Ao mui feliz troiano!... que, se a vira
Tal o que já por vista menos bela
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Bárbara lei! — o houveram devorado,
Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo colo que a neve escurecia;
Lácteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flamas que lhe saem d'alva petrina;

Desejos que como horas enrolados
Pelas lisas colunas lhe trepavam...
Quem tal expressará, quem tais belezas,
Na sílice ou painel ou brandos versos,
Pintar já soube? — Não a viu tão bela
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Príamo. — Escondidos
Por delgado sendal outros encantos...
Escondidos só quanto mais acenda
E redobre o desejo que penetra
O véu dos roxos lírios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angélico semblante,
Aquela doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: — qual a dama
Em amorosos brincos maltratada
Do incauto amante — que se ri, se aqueixa
E se mostra entre alegre magoada.
Jove não resistiu — quem tal pudera?
Beijo acendido à súplica responde.

XX

Propício o fado aos fortes viajantes
De sorrir-lhes começa. Já Melinde
Amigos braços lh'abre: já do Gama

Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são. Pasma o rei bárbaro
De ouvir dos povos da soberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.
Pinta-lhe, quase cume da cabeça [1]
Da Europa toda, o português império,
Pátria do esforço outrora e liberdade.
Diz o pastor que do ferrado conto
De seu cajado abate águias romanas;
Henrique [2] o mauro jugo espedaçando,
E abrindo com sua espada triunfante
De Lísia o fundamento. Ao filho ilustre [3]
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'roa
A vitória lhe tece; e as santas Quinas,
Por eterno brasão, dos céus recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui também refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A oferecer as inocentes vidas
Pela dada palavra. — Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, tórridos Algarves. [4]
Vem outro Afonso [5] o vencedor d'Alcácer,
Do mouro pertinaz exício extremo.

---

[1] *Lus.*, canto III.
[2] Conde D. Henrique.
[3] D. Afonso Henriques.
[4] Veja nota a este verso, no fim.
[5] D. Afonso II.

Mas do segundo Sancho a mole inércia
De privados regida, não tolera
Nação altiva que outro rei não sofre
Que não for mais que todos excelente.[1]
Das impotentes mãos as rédeas toma
O conde bolonhês:[2] à glória volvem
As armas portuguesas. Melhor sorte
Coube a Dinis, pacífico monarca:
Às conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e enobreceu co'as letras;
E às formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as áureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'ele florecem.

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das soberbas castelhanas,
Do venerando pai empunha o ceptro:
Afonso,[3] que nos campos do Salado
As hostes granadis prostrou tremendas
Com pequeno poder. — Viçosos louros
De tamanha e tão próspera vitória
Caso triste murchou, crueza bárbara
Que à belíssima Inês deu morte injusta.

---

[1] *Lus.*, cant. III, est. 93.
[2] D. Afonso III.
[3] D. Afonso IV.

O próprio amor, cuja ferina sede
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
Inda às soidosas margens do Mondego,
Junto à fonte que lágrimas formaram,
Verte sobre ele desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endechas do vate, as vão cantando;
E do bárbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Tamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Inês repete a lira.

XXII

Brandas ninfas do plácido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que encobriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente daquele por quem vive,
Só, gemedora rola, vai carpindo
A ausência do seu bem, do seu amado,
E aos montes, às ervinhas ensinando
O nome que no peito escrito tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas cristalinas
Só lágrimas formosas derramastes,
E, por memória, em fonte convertidas,
O nome lhe pusestes, que inda dura,
Dos amores de Inês que ali passaram;

Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mistérios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. — A lira anseia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tão meigos,
Mas tão cortados de uma dor tão viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

XXIII

Ausente é o esposo: solitária vaga
Pela várzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos enganos d'alma, suavíssimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisonjeira esperança do futuro.
Oh! quando ela outra vez naqueles braços
O tornar a apertar, quando... Armas soam
De cavaleiros, e corcéis nitrindo
Nos átrios do palácio... escuta... É ele,
O seu Pedro, oh ventura! — « Esposo, esposo! »
Mas pelo ausente esposo o pai responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Súplice implora os bárbaros. O ferro

Embebem crus no peito cristalino;
E as vivas rosas que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem
C'os inocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retratam.
Já pelos lábios derradeira foge
A última vida, o último sopro em ósculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Já da formosa luz se extinguem... Trémula,
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda afagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternais. — « Esposo,
Esposo... esposo!... » balbuciando, expira.

CANTO OITAVO

Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

Lusíad.

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que enrugou Mavorte,
E onde aflição, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colheram lágrima, houve delas
Mal enxutas do pranto involuntário
Que ais d'amor, que entusiasmo de virtude,
Patriotismo ou glória destilaram
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vai canal aberto
Que só entopem vícios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,

Libertador de Roma? Já suspensas
As segures estão... Tão firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas eles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, também é homem.

II

Louvor ao vate insigne! — Pouco dizem,
Que sentem mais. O jovem rei aplaude
Com franco entusiasmo, e entre si pensa:
— « Um dia ofuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assunto. »

III

Trazem no entanto moços de pelote,
Em ricas salvas d'ouro alto-lavradas,
— Páreas de avassalados reis do Oriente —
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçã, transparente porçolana,
Raro produto do Chinês longínquo,
— Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais copas. — Ali se enchem
Ao límpido jorrar da fresca fonte
Da fria água de Sintra, e saborosa
Mais que o licor do Reno, ou que as sulfúreas

Lágrimas de Parténope.[1] Tomaram
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate prosseguiu.

IV

Está contando
O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos. — Diz-lhe de Fernando[2]
Os amores adúlteros e o tíbio,
Froixo governo que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo Castelhano,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V

Mas do letargo vil em que o prostraram,[3]
À voz de Nuno[4] o português acorda.
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou e liberdade e pátria,
Nomes que outrora em peitos lusitanos
Eram de chama eléctrica cintilas
Que os corações briosos lh'inflamavam.

---

[1] Lachryma christi.
[2] *Lus.*, canto III.
[3] *Lus.*, canto IV.
[4] Nun'Álvares Pereira.

Embalde o poder todo de Castela,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajunta.
Joane [1] por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno dele.
Não curva a jugo estranho o colo altivo
A nação, indomável quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
O eco da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.
Guadiana, tuas águas, de assustadas,
Vejo-as atrás volver. — Que anjo de morte
É esse que discorre d'ala em ala
Co'a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavalos, soa o vale,
Lanças escalam, os broquéis sonoros
Estalando retinem. — « Sant'Iago! »
— « São Jorge e avante! » cada qual rebrama.
— « Vitória! A quem? » — « Ao Lusitano, a Nuno. »

VII

Já não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portugueses: treme África adusta,

---

[1] D. João I.

E a triunfada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnânimos. — Mas cara
Custa a vitória: vês, o novo Régulo
Só pelo amor da pátria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos cárceres;
Vive porém seu nome e claro brilha
Para glória da pátria, e eterno opróbrio
De príncipes covardes que hão descido
A ignorado sepulcro em leitos d'ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
Alto começo à lusitana glória
Que, do extremo ocidente, a longes terras,
A mundos novos, mares não sabidos
Triunfante correu. — Jamais no mundo
Se viu trono real assim rodear-se
De generosa prole. Não se acoitam
Molemente na púrpura paterna
Os filhos de João, nem se crêem grandes
Em torpe ociosidade vegetando
À sombra do diadema que em suas frentes
Descuidadas não pesa: — Henrique o grande,
O sábio Henrique, o protector filósofo
Das ciências que honrou; Fernando, o santo
Mártir da pátria; Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo; João, o austero,
Alma romana em coração de Luso;

E Duarte, o pacífico, o piedoso
Que tão breve reinou.

IX

Tenro inocente
Vestiu manto real o quinto Afonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua idade inexperta. Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Bizâncio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos de sangue das civis discórdias.
Toda a tua glória, vitorioso Afonso,
Esse apelido insigne que hás tomado
Ao destruidor da desleal Cartago,
Nódoa tão negra à fama te não lavam.
Teu nome, e o de teus pérfidos validos,
Todo o bom português detesta. — Esconde,
Esconde, Afonso, a púrpura sanguenta
Traz a glória imortal que resplandece
D'entorno ao filho teu. Se há hi rei justo,
Rei cidadão, monarca magistrado, [1]
Rei que obedeça à lei, que a guarde ao povo,
Que o ceptro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna opressores, oprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o mérito,

---

[1] Rei cidadão, rei homem, pai e amigo. — *Ferreira.*

Busque a virtude em sótãos de humildade
Para a exaltar sobre arrasados paços
Do crime audaz e da soberba inútil;
Rei que o ofício [1] de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados mares,
Por descobertos cabos — esperanças
De futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a cívica folha imarcessível
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heróis. Sanguíneas gotas
Mancham sempre a grinalda das vitórias;
E o clamor da viúva, o grito do órfão
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as bênçãos dum povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por eras e eras se prolonga
Às gerações por vir. Um rei como este,
Dai-lhes um rei como João segundo;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao ceptro.
— Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos — que essa dita
Ao feliz Manuel o Céu guardava.

[1] *Mon métier de roi:* dizia Frederico o grande.

X

Então reconta o sonho misterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarca, ao romper d'alva,
Em visão bem-fadada apareceram.
Diz a intentada, perigosa empresa [1]
Que ousou de cometer; trabalhos, riscos
Na longa e lassa via suportados:
Moçambique a traidora, castigada
Para escarmento e pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Tétis formosíssima que amava;
Tétis que já cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, única, despida,
Quando se achou c'um árido rochedo
De hórrido mato e de espessura brava.

XI

Enfim chegado com ditoso auspício
Às melindanas praias, aqui finda
O ilustre Gama a narração pedida.

---

[1] *Lus.*, canto v.

Já pazes firma a aliança amiga [1]
Com o africano rei; e alfim nos mares
Índicos voga, demandando a terra
Que desejada já de tantos fora. [2]

XII

Consumou-se a alta empresa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos. [3]
Tudo vence a constância e nobre audácia
Do forte capitão. Co'a alegre nova
Do descoberto Oriente, à meta austrina,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII

Agora os sons do canto embrandecidos [4]
Co'as delícias de Pafos e Amatunta,
Por namorados bosques, águas límpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
— Eis vês a filha das cerúleas ondas,

---

[1] *Lus.*, canto VI.
[2] *Lus.*, canto VII.
[3] *Lus.*, canto VIII.
[4] *Lus.*, canto IX.

A bela Vénus, que repoiso amigo,
Delicioso lhes traz; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por mares, céus e terra em formosura,
Tudo ajuntou ali: copados bosques,
Coutos d'amena sombra; vicejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lhas bordou mais lindas
Que o próprio leito onde com doces beijos
Zéfiro lhe mitiga o ardor da sesta;
Murmurantes arroios, mansamente
Em seu correr, de amores conversando
Co'as dríades do bosque; os rubicundos
E dourados tesouros de Pomona...
Oh! que cena de lânguidos prazeres,
Que paraíso de deleite, ó Vénus!
Pelo travesso filho asseteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bela deusa, que promete
A suspirar tão doce um doce prémio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegres,
Os esforçados nautas já descobrem
Entre a alva espuma das ambientes águas
Viçar a ilha formosa: — qual no seio
Lácteo-tremente da modesta noiva
Puro verdeja o esponsalício ramo.
Já proa e rumo para ali apontam;

Eis chegam, eis do encanto e maravilha
Absortos pasmam... pela sombra amena
Se embrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lha tinhas, Ericina,
Menos áspera já, mais doce e linda.
Correndo vão após as ninfas belas,
Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
Nem tudo escondem; fogem, mas tão leve
Não corre o lindo pé que não tropece...
E caem... Certa amor canta a vitória,
Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão macios! Breve e rápido
No seio do prazer se esvai o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura soas
Das cumeadas da glória, harpa que os hinos
Fatídicos, nos ecos alongados
Do porvir enublado, obscura tanges,
Donde só vagos sons confusos coam
Na terra, esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens — harpa misteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas proféticas repete
Na remontada lira. — Etérea ninfa [1]

---

[1] *Lus.*, canto x.

Os porvindouros feitos e virtudes
Dos heróis Lusos no domado Oriente
Ao céu com doce voz está subindo.

XVI

Já voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abrira o Gama,
O senhorio dos frementes mares
Vitoriosos ocupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a ele ou logo à morte.
O grã Pacheco, o lusitano Aquiles,
No passo Cambalão soberbos naires
Do Çamorim potente desbarata:
Por vezes sete em áspera batalha
Triunfa em terra e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que à pátria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A púrpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triunfo o conduzis, ingratos!
Num hospital, de andrajos vis coberto
Morre Pacheco do seu rei na corte...

XVII

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as águas tinge

De sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pai: Dabul, Cambaia,
Enseadas de Dio, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exício e morte.
Inveja vil de pérfidos validos,
Não é tua esta vítima; seus ossos,
Não lhos possuirás, ingrata pátria.
Seu fado negro foi, mas antes ele;
Antes perder a vida às mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que à fome... à fome, e no seu pátrio ninho!

XVIII

Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te, Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
Lá no grémio da Aurora onde nasceste;
Em vão embebes venenosas setas
No arco certeiro, e os crises refalsados
Com peçonhas mortíferas temperas:
Malaios namorados, Jaus valentes,
Todos ao luso vencedor sucumbem.

XIX

Medina abominável, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas

Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas torres de Columbo.

XX

Sequeira, os dous Meneses, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o pátrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arábias. Baçaim se entrega
Ao Cunha ilustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Dio; Castro o forte,
O honrado, o vencedor, o triunfante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza e amor de pátria
Jamais pronunciarão homens na terra.

XXI

Tágides belas, que em meu verso humilde
Os ecos reflectis da voz celeste,
Das imortais canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me falece o alento,
Na extenuada lira os sons se quebram,
Como suspiros de oprimido peito.
Diga Urânia bela aos seus validos
Que segredos lhe disse das esferas,
Da vastidão dos orbes, do mistério

Da criação inteira: eu vate humilde,
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu pátrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributário feudo.

CANTO NONO

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que amor arma brandamente?

Lusíad.

I

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O entusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assunto, a arte engenhosa
Que num só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portuguesa história
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade e fama: louva o estilo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a matéria; o sacro fogo
Do pátrio amor, de glória, de heroísmo,
Que, dum por um, nos versos lhe cintila,
De cortesãos, aplaudem c'o monarca
Alguns; outros sinceros congratulam

O trovador moderno que descanta
Na doce lira o que perfaz c'oa espada.
Trasborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Meneses. Mas não faltam
Ao pé do sólio nunca — inda mal! — nunca —
Peitos vis, corações à glória alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o ódio
Ao cantor dos Lusíadas: não sofre
Vício e ignorância que virtude e mérito
Apreciados sejam, conhecidos.
Fingem no entanto, que fingir é a arte
Máxima de palácios...

II

— « Folguei muito »
Dizia o rei, e o gesto abraseado
A verdade do dito afiançava,
« Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo
Ao sublime entusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena e bem mesquinha
O português que não mover tal canto. »
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heróico vate;
E o mancebo real: — « Voltai a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido. »
Entrou a corte pelos átrios régios.

III

Rápido ia o Sol no céu descendo:
O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor-próprio, mais doces quando ouvidas
De lábios de monarcas: não promessas
De merecido prémio — nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideias tais despontam, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos
Que do ansiado espírito lhe travam.
A mensagem, a carta misteriosa
Revolve, e as circunstâncias; as palavras,
Interpretá-las quer. — Em vão; não podem
As conjecturas mais; força é do dia
Aguardar impaciente o lento ocaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castelo hoje em ruínas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos séculos depois vaivém mais duro
Pelas íngremes rocas dispersaram

As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora dessas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte: — ímpia fadiga,
Trabalho improbro e duro! A asa do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sobre a face da esquecida terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não puderam ser obra esses vestígios
Do imenso Babel que vês prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernais a roca antiga
Que a prumo a descaíram — e fixada
No encantado equilíbrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que vês, e a doble cerca
Do castelo, e a cisterna que às devotas
Abluções, ali perto da mesquita,
Suas águas filtradas ministrava.
E essa que, de tão longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Alá mandava aflito crente
Quando já sobre as asas da vitória
Cruz inimiga remontava à altura,
As humilhadas luas arrojando
De precipício em precipício ao abismo;
Essa inda em pé, no meio das ruínas

Desmanteladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram.
As estrelas do Yaman e os enlaçados
Caracteres do Hedjaz!...

VI

Árabe é todo
O aspecto que estás vendo. Mas atenta
Aí nessas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Céltico dólmen recordando o culto
Do sanguento Endovélico, o terrível
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII

Talvez permite AQUELE que de tudo
É norma eterna e lei, assim durarem
Quaisquer memórias que o respeito, a crença,
Errada embora, dos mortais levante
Em seu nome... Das fábricas dos homens
Morredouras como ele — estas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo.

VIII

Ali, no mais solene das ruínas
E no mais alto, ali num canto ainda
Sólido da muralha fabricara
Solitário habitante desses ermos
Mansão tranquila e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçarias de heras verdejantes
Forra a cortina da parede bronca,
E em caídos festões se balanceia
Sobre a entrada do lôbrego retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade misterioso amante,
Entre as fragas erguera a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em caracteres bem distintos;
E o nome de *Beatriz*, também gravado
Na sílice do monte, lhe responde,
Como eco das endechas namoradas
Do cantor da soidão. Sentado viram
O génio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido atento
Às canções magoadas e suavíssimas

De Bernardim saudoso e namorado.[1]
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que — em seu mal — romântico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princesa — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Êxtases d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda[2] vivem que de vê-lo
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas carícias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E amiúde suavíssimas cantigas
De apaixonado assunto modulando.

X

Súbito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado[3]
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na púrpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.

---

[1] Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.
[2] No tempo da visita de Camões à serra.
[3] Veja nota no fim.

Vê-lo-á, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tão longa, da romage
Devota; mas só vê-lo — e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Cruéis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou à pátria, e morre.

XI

Este foi de poisada solitária
O fundador, e único vivente
Que desde então as frias cumeadas
E ruínas habitou da antiga torre.
E este era o sítio que aprazava a carta
De incógnita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lâmpada
Do firmamento máxima. Descia,
Como um véu, a nebrina sobre a serra;
Já lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensível devolvendo,
'Té lhe poisar as orlas na planície.
No meditar profundo embevecido,
O guerreiro, que aguarda há muito a hora
Lenta da noite, não deu fé da névoa
Que húmida todo em derredor o fecha.
Despertou-o a frieza inesperada
Que no alto das montanhas vem co'a noite.

Como no seio envolto de uma nuvem
Misteriosa se cuida; — olha d'entorno,
Nada vê, tudo encobre a névoa espessa;
Nada vê, mas distinta uma voz ouve:
— «Cumprido é o sonho, mas quebrado o encanto.
Ainda a viste — única vez na terra!
Nunca mais a verás. O véu, qu'é dele?
E a trança que, ao sepulcro sonegada,
Prenda foi de ternura?»
— «Ei-la comigo,
Sempre comigo. Restituí-la à campa,
Quando à campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mistérios e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
És tu, ou do moimento há suscitado
Poder fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar?»
— «Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu teu inimigo.
Teu inimigo hei sido: e eterna vida,
Se cruz, para tormento, os céus ma dessem,
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
Pouco seria. Tu só me roubaste
Aquele coração: tu sim, tu foste.
Tu mo roubaste, que, sem ti, meu fora.
Em vida te adorou; na morte... A morte,
Quem, senão tu, à ingrata lha há causado?
Saudades a privaram da existência.
Consola-me que ao menos não gozaste
Tanto amor, tanta fé, tanta beleza,

Que não mer'cias, não. Se digno dela
Houve mortal, a mim, que não a um... »
— « Conde! »
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insofrido guerreiro. Mas tranquilo
O rival lhe tornou: — « Sois ofendido?
Desafrontai-vos; ferro e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porém a minha espada
Jamais demandará um peito que ela...
Sim, que ela amou. Transviou-se a paixão d'alma,
Bebera o sangue que essas veias gira,
Que nesse coração bate co'a vida:
Mas veda-o juramento sacrossanto;
Guardá-lo-ei. — Maior é o sacrifício
Que prometi, maior. »

XIII

Tira um retrato
Do seio: olhos sanguíneos, arrasados
De despeitosas lágrimas, cravava
Na pintura; — com ímpeto os afasta
Logo, e diz: — « Cumprirei o que hei jurado.
Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua; força é dar-lhe inteira
Execução, qual à minha honra cumpre.
Ei-lo aqui, o legado precioso;
Pela mão do inimigo amor to entrega. »

XIV

Comovido do íntimo do peito,
Magoada vista punha no retrato
O guerreiro, em cuja alma combatiam
Paixões tão desvairadas, tão confusos
Sentimentos e afectos, que expressá-los
Não saberia o coração que os sente.
— « Prenda cruel d'amor, dádiva infausta...
Antes querida!... » Aqui parou cortado,
Co'as ideias, o fio das palavras.
Mas continuou depois:
— « Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o ódio que me tendes,
Generoso rival, não me é possível
Abrir-lhe o peito, não. Odiai-me embora,
Que vos amarei eu, mau grado vosso.
O retrato... Oh! jamais não será dito
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luís de Camões de outrem vencido.
Guardai-o vós, senhor, guardai-o; é vosso:
A um inimigo tal amor o cede. »

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dous rivais briosos que alta prova
Assim do nobre peito heróica davam
Em magnânimo duelo de virtude.

No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancores lhe frangeram;
E bem se via que os jurados ódios
Ao generoso feito se rendiam.
Lutaram todavia; mas vitória
Em peito bem nascido há sempre o brio.
— « Vencestes, cavaleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nulo,
Por vencido me dou em leal batalha:
De mim disponde. »
Avaliar o preço
De tais momentos, corações só podem
Grandes como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços. — Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram: onde há língua
Com próprios termos para instantes desses?

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
Juntos choraram; juntos, esse objecto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separaram-se alfim. — « Não deis ouvidos »
Disse o conde ao guerreiro, à despedida;
« A louvaminhas tredas de palácios,
E a promessas de corte. Hoje estivestes
Com el-rei; grande fama heis alcançado
E favor do monarca: mas dobradas

Serão as malquerenças d'inimigos,
Os ódios da ignorância, e vis conluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entrast' a el-rei; — mal acertada porta.
Contai c'o desfavor dos precatados
Validos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso; abonos tendes
Em qualidades tais para seu ódio.»

XVII

Próximo o dia não tardou no oriente;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a corte. Na poisada,
Cuidadoso da delonga, o missionário
Com ânsia o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII

Correra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado canto.
Pronto se oferece quem germanas artes [1]
Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue.
Doutos e indoutos com geral aplauso
Viram do novo Homero o canto insigne

---

[1] Imprensa.

Que à pátria glória monumento augusto
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

CANTO DÉCIMO

Que exemplos a futuros escritores:

Lusíad.

I

O Tejo o ouviu no algoso de suas grutas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as ninfas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras cores debuxaram
A injúria, o crime, a ingratidão tão feia
Que indelével nos fastos portugueses
É mancha horrenda e vil...

II

Arqueja exangue,
Definha à míngua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da pátria indigna,

O cantor dos Lusíadas. — Ah! como!
Que é das gratas promessas do monarca?
Que é de tanta esperança lisonjeira?
Perfídia baixa e crua, onde hás pousado?
No coração da inveja e da ignorância,
Do fanatismo bárbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortesãos hipócritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura d'ímpios bonzos,[1]
E a tirania infame de validos
O guerreiro cantor asseteara.
Nas cavernas do peito refalsado
Ódio cego lh'entrou; os beiços roxos,
Áridos com a sede da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tão terrível,
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na boca desse vate ousado.

III

Vingar-se é força; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem. — «Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
À indigência, à miséria aí sucumba,
E de sua ousadia o crime expie.»

---

[1] Veja *Lus.*, canto IX, est. 27 a 29, e canto X, est. 150.

Assim no coração lhes fala o ódio,
E o cumpriram assim. Todo no apreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua cólera
Rei dera o céu ao povo lusitano.
Só armas cura, só vitórias sonha:
Geme entanto a nação, quase pressaga
Do desastre que a aguarda. Em Sintra fora
Resolvida afinal pronta partida,
Que o monarca impaciente apressurava.

IV

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegara; o paço busca,
Ninguém o atende; o virtuoso Aleixo
Procura... No palácio já não vive:
Tão livre sustentou, tão nobre e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de si o aparta;
E triunfando da virtude a intriga,
Por traidor e revel, ao cego jovem
Seus imigos infames o afiguram.
Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quase um séc'lo o viram,
Não coitar-se na púrpura, mas dar-lhe
Mais brilho e honra com leais virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi esta nova
Triste presságio, corte d'esperanças.
Corre audiências em vão; — vazio é o trono.
Frio ministro em nome do monarca
Ouve indif'rente as súplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes
O divino Camões...

VI

Entanto as velas
Já pelo Tejo undivago branqueiam:
As falanges de intrépidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'entorno as mães, estão esposas
Os filhinhos nos braços amostrando
Aos pais, que o gesto angustiado voltam
Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dous, que aí na praia
Tão estreitos se abraçam? Correm lágrimas
Por olhos que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,

Peitos que o não contêm.
—« Adeus!... A vida
É mais difícil, filho, do que a morte:
Suportai-a; mostrai-lhe que sois homem,
Que sois cristão: perdoai... »
—« Perdoar eu!... Nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Único amparo só que me restava;
Que d'envolta co'a pátria, co'as esp'ranças
Dum povo inteiro, a vil sepulcro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Acento de meus lábios moribundos
Será de maldição sobre essas frentes
Carregadas de crimes. »
— « Perdoai-lhes,
Perdoai: a afronta própria é juiz suspeito. »
—« A minha afronta, oh! essa, eu lha perdoo.
Mas a da pátria... »
—« Adeus, adeus!
Chegava
El-rei então; sinal de partir soa:
E o vate e o missionário assim findaram
Sua triste despedida; — que mandado
Acompanhar a armada o monge fora
Repentino, essa noute. O tredo fio
Descobrira o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina à Providência,
E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fora em efeito o ódio dos validos
Que ao infeliz Camões arrebatara
Protectores e amigos. Desterrado
Por eles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por eles enviado à certa ruína
Que ao malfadado rei, à flor do exército,
À pátria, nas areias escavaram
De África adusta, o missionário fora.

IX

Já se movem as naus; e as altas pontes
Se ouriçam de belígeras falanges.
Redobra o pranto: — âncora sobe, antenas
Se expandem... Lá te vás, e para sempre!
Nas pandas asas dos traidores ventos,
Independência, liberdade e glória.

X

— «Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que se perde no horizonte,
Consigo o vate diz: «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, neste árido deserto
Da vida, me falece. Um bordão único,

A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer... » — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu: era o seu Jau que aflito
O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar: — « Ah! se eu não fora »
— Com os olhos e as lágrimas dizia;
Com os olhos, que os lábios não ousavam —
« Ah! se eu não fora um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe! »

XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste
Seu falar mudo, seu dizer de lágrimas,
— « Tens razão; injustiça é grande a minha
Inda tenho um amigo. »
                                        Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Ao generoso António desafoga
O coração que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo a quem sinais de tanto afecto

Movem no íntimo d'alma, sente um golpe
De bálsamo cair-lhe sobre as chagas
Do coração lanhado: a dextra lânguida
Poisa no ombro fiel, o peito encosta
Sobre o peito leal do amigo... — Amigo
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que és tu mais? — Era de ver, e digno
Espectáculo adonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em atitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorara.

XII

— « Oh meu amigo, oh meu António » disse
No remendado seio a face altiva
Escondendo, o guerreiro: « Oh! esta noite
Aonde, em que poisada a passaremos? »
— « Meu bom senhor, um gasalhado tenho [1]
Achado já; que bem vi eu não íeis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é; mas sabeis... »

---

[1] Veja nota no fim.

— « Sei, amigo,
Que só tu, neste mísero universo,
— E o sepulcro também — alfim me restam. »

XIII

Juntos à margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noite era formosa,
Clara e brilhante a Lua. Oh! que memórias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitam amargas? Perto passa
Daquela gelosia, aquela mesma[1]
Donde os doces penhores, donde a carta
Recebera fatal. Quão demudada,
Quão diferente está do que a já vira,
Essa praia tão plácida e saudosa!
Um plátano frondoso que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se encostou, aguardando a hora tardia,
— Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propício
A amantes, o ocultou de agudas vistas
De curiosos profanos e inimigos...
Ai! seca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consome.

---

[1] Veja canto IV, no princípio.

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, meses passam
Arrastados e longos — qual o tempo
Para infelizes anda — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas a mão tremente,
Encarquilhada e seca já sobre eles
Ia estendendo a pálida indigência;
E a fome... a fome alfim. — Clamor pequeno
Que de minhas endechas ténue soa,
Se junte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso António,
Já pelo mundo engrandecido ecoa.
Vede-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta tímido esmolando
Os chorados ceitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dai, Portugueses,*
Dai esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do estranho [1] bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguesas.

---

[1] M. Raynouard, na sua ode a Camões.

XV

Não pode mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o enfezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existência;
Perto a barreira viu... Aí jaz o túmulo.
Chegado é pois o dia do descanso...
Bem-vinda sejas, hora do repoiso!
Com a trémula mão tenteia as cordas
Daquela lira onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a pátria... — oh! e que pátria os Céus lhe deram!
Of'rendas recebeu de hinos celestes:
Pela última vez as cordas fere,
E esse adeus derradeiro à pátria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

— « Terra da minha pátria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço ocupa
O cadáver dum filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó pátria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hinos
Não voaram por ti à eternidade?
E tu, mãe descoroável, me enjeitaste!

Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou teu filho: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha pátria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo à sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquilo direi: *vivi*; — tranquilo
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado ímpio dos maus. Eu sossegado
Na terra de meus pais hei-de encostar-me...

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véu que enubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... Oh! qual te hás feito,
Mísero Portugal!... oh! qual te vejo,
Infeliz pátria! Serves tu, princesa,
Tu, senhora dos mares!... Que tiranos
As águas passam do Guadiana? [1] A morte,

---

[1] O cativeiro castelhano dos 60 anos.

A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lísia.

XIX

«Que naus são essas que ufanosas sulcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões bárbaros [1]
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos Portugueses.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcáçar
Da glória lusitana... uma faísca,
Esquecida a tiranos, lá cintila: [2]
Mas quão débil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
Só te ergues desse leito de miséria
Para cair, desfalecer de novo.

---

[1] Holandeses, etc.
[2] Veja nota no fim.

XXI

« Onde levas tuas águas, Tejo aurífero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno que de ouvi-lo estremecia.
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A língua, o nome português na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extinto
O paterno casal cair de todo,
Ingratos filhos, a memória antiga
Não guardareis do pátrio, honrado nome?
« Oh pátria! oh minha pátria!... »

XXII

A voz, que afroixa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho que na estância humilde
Entra do vate: — « Perdoai se ousado
Entrei, senhor, mas... »
— « Quem sois vós? Há inda
Homem no mundo que a poisada obscura
Dum moribundo saiba? »
— « Cavaleiro,

Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De África hoje cheguei... »
—« Ah! perdoai-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis? »
—« Tristes novas, cavaleiro.
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo ». — Ao vate a carta entrega:
Do missionário era, que dos cárceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e plácido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De alívio e de esperança. —« Extinto é tudo
Nesta mansão de lágrimas e dores »
— As letras dizem —« tudo; mas a pátria
Da eternidade, só a perde o ímpio.
Deus e a virtude restam; consolai-vos... »

XXIII

—« Oh! consolar-me » exclama, e das mãos trémulas
A epístola fatal lhe cai: « Perdido
É tudo pois!... » No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passara,
Fecha lânguidamente os olhos tristes.
Ansiado o nobre conde se aproxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: —« *Pátria, ao menos*
Juntos morreremos... » E expirou co'a pátria.

Onde jaz, Portugueses, o moimento
Que do imortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulcro sequer... Raça d'ingratos!
Nem isso! nem um túmulo, uma pedra,
Uma letra singela! — A vós meu canto,
Canto de indignação, último acento[1]
Que jamais sairá da minha lira,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tamanho crime,
E eterna a voz me gelará nos lábios.
Lira da minha pátria, onde hei cantado
O lusitano — envilecido! — nome,
Antes que nesse escolho, em praia estranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde lugar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

---

[1] Veja nota no fim.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Saudade:
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios . . . . pág. 1 e 2

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa. A isto alude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bocas dos Sicambros:

o que particularmente se deve entender dos Franceses tão presumidos de sua língua tão apoucada. De que a denominação de Sicambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau que, em um dos seus opúsculos latinos, de si próprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa ideia que têm os Franceses de seu idioma, é a universalidade que ele por toda a Europa obteve: por aqui também se explica o mui pouco ou quase nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicável é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos autores e literaturas estrangeiras ajuízam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor sílaba dos originais.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de inglês e em Inglaterra havia demorado, diz blasfémias quase incríveis quando se mete a traduzir as sublimidades de Milton ou as originais e enérgicas altivezas de Shakespeare. Iguais barbaridades cometeu pretendendo revelar os mistérios de Dante. E que injustiças não fez ele ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de português saber nem uma letra! Conhecia sòmente dos *Lusiadas* o poucochinho que era possível ver pelo infiel e baço reflexo da péssima tradução de Fanshaw em inglês: língua que ele Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me a pena mais longe do que eu queria a falar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De *saudade* quisera eu dizer ainda alguma coisa. — Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação oblíqua, do latino *solitudo*. Oblíqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por esta síntese (ou pela análise que é óbvia) se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancólico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos porque suspira, amigos, amante, pais, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve entender *este desejo do ausente e solitário*, que os Latinos, à míngua de mais próprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam chari capitis? —

Já daqui mesmo se vê a insuficiência do termo *desiderium* para vivamente pintar a ideia do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocábulo padecem outras línguas, basta comparar as versões que desta sublime ode de Horácio fizeram os diversos tradutores.

Nenhum livro aqui * tenho de meu, nem onde refrescar memórias do que li, nem para adquirir o que não sei: por isso, e porque não tenho a feliz reminiscência de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que noutro tempo observei nos lugares paralelos de Francis e Daru, os dois mais nomeados tradutores do lírico romano. Também me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horácio, como aquele que melhor o imitou — verteu esta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Santos usou do termo saudade na sua — força é dizê-lo — insípida versão. Mas o certo é que das línguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a ideia e a expressão (embora insuficiente à ideia) de Horácio se possa trasladar, se não for a saudade portuguesa que lhe é superior. O *regret* dos Franceses, além de diferente coisa, mais para a angústia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a sua suavíssima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda que, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distinção de *plaindre*, se diga das coisas ausentes; todavia nos mesmos Sinónimos de Girard se verá quanto acerto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quisera eu também ver como se traduzirá, a não ser em português, aquele tão belo e delicadamente voluptuoso pensamento de Catulo, ao pardalzinho da sua Lésbia:

---

* No cabo de Normandia, em França, onde se escrevia esta nota.

Quam desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubel jocari,
Et solatiolum sui doloris.

. . . .

Quando saudades minhas a angustiam
E acha não sei que gozo no folguedo,
Pequeno alívio para a dor que a punge.

(*Nota da primeira edição.*)

Amador Arrais traduzindo a bela e melancólica poesia do salmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de ortografia e pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só nesta tradução, mas no uso amiudado que da palavra faz em outros muitos lugares; como: — « Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus »; — e noutra parte: — « Bom foi a Lot fugir para a *soedade* ».

É foro da língua portuguesa conservar todas estas variedades de escritura e de sentido. Em prosa, porém, eu diria sempre, nestes casos, *soledade*, e não *saudade*, *soidade* ou *soedade*, para designar a *situação do que está só*; assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sítio solitário em que esse está*. Salvas todavia as liberdades poéticas: as quais liberdades não são, ainda assim, a anarquia das doidices românticas exageradas. — (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam . . . pág. 2

Quase todo este poema foi escrito no Verão de 1824 em Ingouville ao pé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei ali cerca de dois anos da minha primeira emigração, tão só e tão consumido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Génio, me quebrava a saúde e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação higiénica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. Branca, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro desse ano de 24, completando-a antes do Camões que primeiro começara, e que só fui acabar a Paris no Inverno de 24 a 25. E quase que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que numa água-furtada da Rua do *Coq-St.-Honoré* passávamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto Feio, ele trabalhando no seu *Salústio*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscritos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro. — Graças a Deus, de mim sei e dele creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!... — (*Nota da segunda edição*).

Nota C

Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram . . . pág. 2

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim afectos de alma. Antiquíssimo deus é o amor, a amizade, ainda a ira, a tristeza, a alegria; porque o não será também a saudade? Beatifico-a eu, que neste caso me tenho por tão bom como os meus predecessores, e principalmente gregos.

Que aviaram divindades
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Vénus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rolas? — (*Nota da primeira edição*).

Nota D

Deixa o caminho da infeliz Pirene . . . . pág. 3

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Espanha; e em França era tema de todas as vaidades da restauração o imbele triunfo do Trocadero. Daí a seis anos estava vingada a injúria da liberdade peninsular; vingada, não, castigada: que há um Deus e uma Providência para os povos também. — (*Nota da segunda edição*).

Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo! . . . pág. 3

Na primeira edição lê-se

Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* neste sentido podia ser taxado de galicismo. Aconselharam-me *gasalhoso*, por superiores abonos clássicos. Mas gasalho, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. — A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-no para o melhor e mais interior dela, como a filho querido e bem-vindo.

Eu quis designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre naquela ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e cora-

ções abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscrito. — (*Nota da segunda edição*).

Nota F

Certo amigo na angústia . . . . pág. 3

O Sr. António Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portugueses somos devedores de impagáveis obrigações, não só pelos muitos socorros com que generosamente acudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição deste opúsculo, e nesta segunda folgo de ter de estampar por inteiro o seu nome que, receoso de o comprometer, ali encolhera na só inicial do seu último apelido. — (*Nota da segunda edição*).

Nota G

O extremo promontório
Que dos montes de Cíntia se projecta . . pág. 5 e 6

A Roca ou Cabo da Roca, ponta extrema da serra de Sintra a que os Antigos chamaram serra da Lua. — (*Nota da primeira edição*).

Nota H

Gesto onde o som da belicosa tuba
Jamais a cor mudou . . . . pág. 6

Inverti naqueles versos a ideia de Camões:

> Mas da tuba sonora e belicosa,
> Que o peito acende, e a cor ao gesto muda:

não no contrário sentido, mas em outro diferente. Camões fala do tremendo som do clarim, no princípio da batalha, que muda a cor do rosto aos combatentes; eu quis

expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem já nem esse tremendo som pode fazer enfiar. — (*Nota da primeira edição*).

Nota I

Às feições nobres do gentil guerreiro . . . pág. 6

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descrições dos biógrafos e o retrato de Severim de Faria. Além disso, a palavra gentil nem sempre se refere às qualidades do corpo e semblante. Os Ingleses ainda hoje a usam para expressar atributos morais: e entre nós, só de modernos tempos tem ela outra significação. Gentil-homem não quer dizer homem belo: *gentileza de uma acção*, *gentileza de proceder*, claro, não são frases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. — (*Nota da primeira edição*).

Nota J

Já na terra,
Que a olho se avizinha, as mal distintas,
Diversas cores, etc. . . . . pág. 7

Estes versos não podem ser inteligíveis para quem nunca embarcasse; nem, se neles há alguma verdade de pintura, lha poderá achar quem ignore o prazer inexplicável que sentem olhos cansados da monotonia dos céus e das águas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso espectáculo da terra que pouco a pouco se avizinha. — (*Nota da primeira edição*).

Nota K

«Piloto!» gritam; e a um sinal de bordo . . . pág. 8

É de ver no riquíssimo poema de Byron, o *Child-Harold*, a descrição da entrada de Lisboa, etc. O leitor

português encontrará aí coisa que não é muito para lisonjear o amor-próprio nacional: mas tenha paciência, que ainda assim não é muito grande a injustiça do nobre lorde. — (*Nota da primeira edição*).

Nota L

Torre antiga e veneranda,
Hoje tão profanado monumento
Das glórias de Manuel . . . . pág. 8

É o primeiro edital que está logo à entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega: — « aqui moram bárbaros ».

O belo monumento da torre de Belém está com efeito literalmente *desfigurado* pelas *superfetações* de moderna e vulgar arquitectura, do mesmo modo que estão viciadas e ininteligíveis todas ou quase todas as antigas e venerandas relíquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena península em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente: a igreja e convento de Belém foram invadidos por estes iconoclastas de nova espécie, bárbaros, estúpidos e destruidores como aqueles monges da Meia Idade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cícero e Tito Lívio para escrever por cima as inúteis cenreiras de seus comentários e súmulas.

No templo magnífico de Belém, naquele precioso exemplar de *gótico florido*, ou antes de um género tão único e especial que se deveria designar talvez *manuelino*, * as duas principais capelas do cruzeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinas de damasco e painéis destes de se dizer ao autor: — *Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sobre a praia é toda tão recosida de remendos caiados no meio

* Obteve por fim o indicado nome, hoje europeu, depois das últimas publicações do sr. conde de Rackzinski.

daquela pedra polida e amarelada dos séculos, com tanta janelinha de água-furtada por entre aqueles veneráveis arcos da sua primitiva estrutura, que ali só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruínas da grandeza antiga emplastadas da mesquinhez moderna, o triunfo do mau gosto e da ignorância sobre a ciência desprezada e proscrita. — (*Nota da segunda edição*).

A torre de Belém foi desemplastada e restaurada em 1843 pelo bom gosto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu ilustre governador. A igreja de Belém limpou-se entanto, e se puseram vidros de cor em duas janelas, graças ao amorável e ilustrado zelo de S. M. El-rei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cada vez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vândalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao Céu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos néscios que nos governam e que só a zurros atendem; mas chegam à alma dos que a têm, e pouco a pouco vão calando na opinião até que algum bem arrancam a esses mesmos papelões impotentes que erigiram a ignorância farfalhuda e a impotência presunçosa em qualidades de homem de Estado. — (*Nota da quarta edição*).

Nota M

Do homem, que é mau do berço à sepultura . . pág. 10

Não quis, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tão misantropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fruto de hábitos ruins, e depravação que os degenerou; não que das mãos do Criador saíssem as bestas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superfície da Terra. — (*Nota da primeira edição*).

Nota N

—«À fé que não», gritou c'o acento austero . . pág. 10

Bofé e À fé são interjeições portuguesíssimas ambas, que valem: *por certo, por vida minha;* e são abreviatura de: *à fé de quem sou; por minha fé; por minha boa fé.* Bofé pode acaso ser taxado de arcaísmo, e não o usarei eu em escritura séria; mas à fé, não. — (*Nota da primeira edição*).

Nota O

Por vida minha o que quereis ao Índio? . . . . pág. 10

Na minha primeira edição lê-se — « Por vida vossa »: que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. — (*Nota da segunda edição*).

Nota P

Intervir na disputa malferida . . . . . . pág. 12

O advérbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legítimo português, aumenta, que não diminui a força do particípio. Um homem *mal ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiúde se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escritores: « batalha mal ferida » por « batalha mui travada e renhida », etc. — (*Nota da primeira edição*).

Nota Q

Rico de afrontamentos e trabalhos . . . pág. 13

O afrontamento é o efeito do nímio trabalho; e o trabalho a causa do afrontamento ou cansaço; nisto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de afronta e derivados, por *injúria*, insulto, ou pena e a aflição que delas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o próprio da palavra. Um homem afron-

tado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e também aflito de qualquer agravo. Mas *afrontamento* sempre se toma na acepção natural: *afrontoso*, ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, desonrador e infamante. Morte afrontosa, castigo afrontoso, disseram os nossos autores. — (*Nota da primeira edição*).

Nota R

Poucos pardaus contém... (Menos me ficam pág. 15

Moeda da Índia que o comércio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos*

Vieram fazer-lhe os danos,
Que Capua fez a Aníbal.

O bom Sá Miranda, que já disto se queixava naqueles versos, em outra parte dá testemunho da muita abundância com que a moeda circulava no reino até pelas mais sertanejas comarcas:

Eu já vi correr pardaus
Por Cabeceiras de Basto.

(*Nota da segunda edição*).

Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime . . pág. 17

Em Warwickshire, pátria de Shakespeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei à volta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais sossegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permitido asselar aqui os sentimentos da minha estima e saudade a uma família verdadeiramente respeitável e *inglesa*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum

dia chegarem estas insignificantes folhas à abençoada e tranquila pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não há um só pensamento no meu espírito em que se não misture a memória da sua amizade, mais sagrada para mim que nenhuma outra. — (*Nota da primeira edição*).

Nota T

— E essoutro ? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro . pág. 21

A ideia deste missionário castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausível. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos *Lusíadas*, quando fala de um Fray Josepe Indio, proprietário que foi do famoso exemplar de lorde Holland. — (*Nota da primeira edição*).

AO CANTO SEGUNDO

Nota A

Que agudos uivos desgrenhadas gritam . . pág. 25

As carpideiras, mulheres cujo ofício era preceder os cadáveres nos saimentos, levantando sentidos prantos, arrepelando-se e fazendo outros vários trejeitos que naquele tempo eram de uso. Este costume antiquíssimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Províncias há ainda na Europa onde subsiste todavia. — (*Nota da primeira edição*).

Nota B

De escuro vaso e longo dó vestidos? . . pág. 25

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou luto e vaso, que é o mesmo, não é fácil dizer hoje ao certo. Conjec-

turo que *vaso* seria porventura o que agora chamamos fumo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e luto que se traz no chapéu e espada, e que também no chapéu antigamente se trazia, mas tão comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funerais dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o autor do Elucidário para dizer que *vaso* era um capelo. — (*Nota da primeira edição*).

Nota C

A gemedora viração da noite . . . . . . pág. 26

Escrevo desvairadamente «noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo» e semelhantes, não só por conservar esses ricos foros da língua, mas porque nesta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita eufonia e beleza. — (*Nota da primeira edição*).

Nota D

Clarão triste dos mortos . . . . pág. 26

É frase mui comum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poética e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convém muito distinguir o que é *familiar* numa língua, do que só é *vulgar*; aquele é quase sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom critério e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos. — «Luz de mortos» dizemos de uma luz baça e que tristemente aclara, como a tocha fúnebre à roda da essa, ou da procissão do enterramento. — (*Nota da primeira edição*).

Nota E

Ruim agouro! Um saimento fúnebre . . pág. 26

Funeral, enterro, saimento, enterramento são palavras sinónimas, i. é, são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se aproxima, não que seja idênticamente a mesma. Vocábulos há que em sua raiz, derivação (e essência, para assim dizer) têm acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distinguimos o uso clássico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distintas. Força é também dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infalível norma neste ponto, e de seguir-se às cegas. Esta deficiência dos clássicos, a notou já o sr. bispo titular de Coimbra, S. Luís, nos seus sinónimos. À filosofia dos nossos tempos, que tem aclarado as mais remotas províncias da literatura e das ciências, a ela só é possível o dar fio a este labirinto, e mondar com regra e ordem as incultas devesas das línguas que sem ela se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem contudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falamos uma linguagem solene, rica e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a francesa: já não digo ingerir-lhe tanto vocábulo peregrino como a inglesa, que fique ela recosida manta de retalhos, belos de per si, mas de estropiada e feia simetria quando vistos juntos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom dicionário de sinónimos e outro de origens ou etimológico, nunca chegaremos a falar uma língua perfeita e de nação civilizada. Quem se ocupará disso? A academia, que ficou no *azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulário?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim sinonìmicamente: *Saimento* é a procissão que conduz o cadáver (o que em francês se diz *convoi*): mas o restante e o antecedente da cerimónia do funeral já se não podem chamar saimento. *Enterro* é mais lato, e compreende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a própria e privativa acção

de *dar à terra* o cadáver. *Funeral* é o termo genérico em que todos estes, e ainda mais, como espécies, se compreendem. Digo ainda mais, porque *exéquias*, por ex., são funeral também e nada têm com o enterro, saimento, etc. Assim aquelas quatro palavras, parecidas no sentido e escritura, e todas da mesma família, têm contudo entre si certas diferenças que, sendo matiz imperceptível para o literato, são notáveis distinções para o que fala e escreve com exacção a sua língua. — (*Nota da primeira edição*).

Nota F

Entravam
Os viajantes no templo . . . . pág. 29

Diz-se por aí em português, *viageiro* ou *viajor*, ou *viajante* ou *viandante*, indistintamente: mas é mister distinguirem-se estes vocábulos, porque há entre eles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arrais, tão sòmente se pode dizer da pessoa do que viaja; pois é da índole da nossa língua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalíssimos; desta sorte *amador* só se pode dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tão restrito. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, ideia, amante, nunca dizemos coração amador, ideia amadora, etc. Assim *viajor* é estrita e ùnicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas também qualidades, circunstâncias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrário, é impessoal e só se refere a coisas, atributos. Trabalhos, incómodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que à letra quer dizer andador de caminho, também é pessoal; mas distingue-se de todos aqueles, em que sòmente se pode dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes* mas nunca *viandantes*. O viajante corre terras e mares; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas

da estrada pelos perigos das ondas. — (*Nota da primeira edição*).

Nota C

— «Natércia» d'eco em eco repetiram . . pág. 36

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagrama a D. Catarina de Ataíde. — Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poético do que Márcia ou Marília com que nos secavam os poetas e soneteiros da escola que ùltimamente morreu, *apunhalada* e *envenenada* pelos Antonys de aguda pêra e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, eu vou com a *revolução*. Mas neste lugar conservei o anagrama em respeito ao meu herói e mestre. — (*Nota da segunda edição*).

AO CANTO TERCEIRO

Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas . . pág. 38

O til é madeira escura e de pouco polimento que naquele tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. — (*Nota da primeira edição*).

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indígena que é, esta bela árvore. — (*Nota da quarta edição*).

Nota B

De Perugino ou Vasco, à infância da arte... pág. 38

Perugino floresceu na Itália à volta do século XV, infância da pintura; Vasco, dito o grã Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. — (*Nota da primeira edição*).

Muitos escritores nacionais e estrangeiros tinham

começado a duvidar de grã Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portugueses não fosse mais que um mito. As viagens e escritos do conde de Rackzinski comprovam por fim a existência de grã Vasco, a sua naturalidade que é Viseu, e a excelência de suas qualidades de artista. — (*Nota da quarta edição*).

Nota C

Virtude
Que o filósofo disse humanidade,
Caridade o cristão . . . . pág. 38

Já dos versos citados no princípio desta nota, e muito mais dos que se seguem, parece depreender-se uma ideia e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessário rectificar.

A filantropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoísmo, senão nos efeitos, no princípio ao menos: deriva da regra social « faz aos outros o que queres que te façam ». Espera retribuição, vem do desejo e da precisão dela. A caridade nasce da sublime elevação da alma a Deus, por Ele e para Ele obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

A caridade pois não é o mesmo que a filantropia: ou mais exactamente, a caridade é uma filantropia mais pura. Aquela é virtude de homens, esta é de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Cristo: « Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os próprios inimigos ».

Graças a Deus que há catorze anos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas naquela idade nem o espírito reflecte tão fundo, nem o coração comunga tão íntimo, em nossas ideias e sentimentos. Daí parece talvez agorentado pelo sarcasmo filosófico o pensamento ardente da alma que se envergonhou de aparecer todo e como é. Reputo quase

uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo sòmente na nota o que não quis emendar no texto. — (*Nota da segunda edição*).

Nota D

Do castelhano cenobita o hóspede . . . . pág. 41

Nem uma só vez se achará em nossos escritores a palavra «espanhol» designando exclusivamente — o habitante da Península não português. Enquanto Castela esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Espanhas, Aragoneses, Granadis, Castelhanos, Portugueses e todos, éramos por estranhos e domésticos comummente chamados *espanhóis;* assim como ainda hoje chamamos alemão indistintamente ao Prussiano, Saxónio, Hanoveriano, Austríaco: assim como o Napolitano e o Milanês, o Veneziano e o Piemontês indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independência política depois da batalha de Alcácer Quibir, deu o título de reis das Espanhas aos de Castela e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas espanhóis somos, e de espanhóis nos devemos prezar todos os que habitamos esta península. — (*Nota da primeira edição*).

Nota E

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue régio e dum martírio ilustre . . pág. 45

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão de el-rei D. Duarte, tendo ficado de arreféns por Ceuta, em poder dos Mouros, morreu no cativeiro por se lhes ela não entregar. Camões imortalizou — aliás celebrou esta imortal constância do *infante santo*, que, diz ele:

Só por amor da pátria está passando
A vida da senhora feita escrava.

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tão insigne feito, deve-se-lhe também o vulgarizar-se um erro comum — pois geralmente se crê pelos que não têm profundado a nossa história (e quantos o fazem?) que por sua vontade única o infante quisera antes passar a vida, de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta: o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão el-rei D. Duarte, mas sim as Cortes que resolveram se não desse Ceuta pelo resgate do infante. O que el-rei muito sentiu, mas não ousou contrastar. — (*Nota da primeira edição*).

Nota F

Ao vingativo conde . . . . pág. 48

O primeiro conde da Castanheira, D. António de Ataíde, grande valido de el-rei D. João III. Veja o que a este propósito diz D. J. M. de Sousa na sua magnífica *Lus.*, vida de Camões. Veja também Memória do sr. bispo de Viseu no tomo 7 das da Academia R. das Ciências de Lisboa de 1821. — (*Nota da primeira edição*).

Nota G

O templo
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz . . . . pág. 51

O templo de Belém, em que me não canso nunca de falar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde que deixou de o ser, só devia aplicar-se a um asilo de marinheiros inválidos. A sua história, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o caracteriza para esse destino. Colégio de rapazes, obrigado portanto a alterar-se na forma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casarão velho, remendado sem gosto, do que o belo monumento antigo que é, isso é que ele nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicário de tudo quanto fosse glória do nome português devera ser aquela bela igreja. Ali o verdadeiro Panteão. Ali jazigo de reis — quanto melhor que num esconso recanto de S. Vicente! Ali todos esses túmulos e inscrições que desaparecem e se obliteram todos os dias por essas igrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedro Álvares Cabral não será mandado sair, um dia destes, da igreja da Graça em Santarém pelo regedor de paróquia? * Os ossos dos Velascos aí andaram nas ruínas de Lisboa à vista de nós todos — em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está à porta de S. Domingos de Benfica, como quem vai para sair; começaram os frades — acabará outro possuidor tão bom como eles. D. Dinis expulso pelas freiras de Odivelas para uma capelinha obscura, em ela caindo — e que templo antigo e venerando ficará em pé em Portugal com mais dez anos como estes últimos cinco! — Irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por ele nos pintou o reino esclarecido e florescendo

---

* O Sr. Varnhagem copiou, o ano passado, 1838, do jazigo de Pedro Álvares Cabral, que é na Graça de Santarém, o singelo e curioso epitáfio do ilustre descobridor do Brasil: diz assim:

Aquy jaz Pedraluares Cabral e dona Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aqual depoIs da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João noso snôr hu terceyro deste nome.

Esta infanta D. Maria é a que nascera em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Filipe, príncipe de Castela, a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valhadolid. — Jaz no Escurial.

De onde se deduz que Pedro Álvares Cabral se finou entre o ano de 1527 e o de 1545. *(Nota da segunda edição).*

O mais que neste lugar se diz na nota H ao terceiro canto, pág. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora suprimo, é erro que proveio da pressa com que se extraiu a inscrição e a notícia de um jornal literário de Lisboa em que primeiro aparecera. *(Nota da terceira edição).*

Em constituições, leis e costumes
Da terra já tranquila claros lumes!

Ali, digo eu, em Belém o nosso *Poets-corner*, para desagravar os manes de Camões, para dar poiso honrado às cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem póstuma vem a justiça a ninguém.

No *Diário do Governo*, n.º 163 deste ano barbárico, aí vem o *Paço de Sousa* a vender — por quanto? — Um ministro português que se atreve a mandar pôr em almoeda uma relíquia daquelas, não sei com que o compare. Com o pródigo sem vergonha que manda à feira da ladra os retratos de seus avós. Que tira daí o miserável? Com que comprar uma sardinha talvez. Viveu um dia mais, e desonrou-se para sempre.

Mais outro capítulo de acusação contra o nosso beduíno Tesouro. A igreja do Carmo de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memória do que é, mas também por ser um dos mais belos tipos do gótico puro (ou assim dito) — aluga-se todos os anos por não sei quanto: e aquelas relíquias que deviam ter sentinelas à vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma soma que decerto há-de cumular o défice do nosso orçamento em muito poucos anos: — creio que são doze mil-réis! — Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que ali habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo deagradou já o interior da igreja, que está quase na altura das ideias modernas. — (*Nota da segunda edição*).

Finalmente o Tesouro teve vergonha e já não aluga a igreja de Nun'Álvares. Mas quem toma cuidado destes e doutros que tais monumentos? Acho que ninguém: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. — (*Nota da terceira edição*).

No memorável ano de 1852 decretou o fomento que a igreja de Nun'Álvares fosse convertida em sala de

exposição de indústria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e pior sentido. Não pode ser senão templo o que é templo e de tal história. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avesso.

Um porém veio enfim a direito; que foi a nomeação do meu ilustre e nobre amigo, o Sr. Marquês de Loulé para provedor da Casa Pia. Do ilustrado zelo e apurado gosto daquele fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que ele merece e deve ter, mas também que restaurado o monumento, se desagrave a arte e a história que nele estão vilipendiadas com tanto desacato. — (*Nota da quarta edição*).

Nota H

Como o encerado rolo sobre as águas
Único leva à pátria o nome e a fama
Do perdido baixel . . . . pág. 55

Sucedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da Índia, lançava o capitão ao mar um rolo encerado e bem fechado de folha-de-flandres em que incluía o nome do navio, dia e ano em que se perdera, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim daquele galeão. Veja Hist. trág. mar. — (*Nota da primeira edição*).

Nota I

Um reflexo
De inspiração maior que humana coisa . . pág. 55

O pensamento verdadeiro e dominante deste poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de imortalizar o nome português com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos, suas meditações, tudo tem um fim predestinado — a composição dos *Lusíadas*. (*Nota da segunda edição*).

Nota J

Uma carta fechada a fio negro
De seda . . . . pág. 56

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas cortes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e príncipes nas *grandes ocasiões.* — (*Nota da primeira edição*).

Nota K

— Santa Fé se chama
O galeão . . . . pág. 56

Na primeira edição sacrificou-se a verdade histórica ao que pareceu mais poético, lendo-se:

— O galeão Dom Vasco
Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Santa Fé. Nele embarcou em Sofala o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, Déc., D. J. M. de Sousa, Faria e Sousa, etc. — (*Nota da segunda edição*).

Nota L

Corteja e parte logo. — Que será? . . . . pág. 57

É verso agudo, acintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideias que a acompanha. — (*Nota da primeira edição*).

AO CANTO QUARTO

Nota A

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após os nossos foram . pág. 66

Julgava Cristóvão Colombo ou Colon que a Ásia se prolongava para o oriente; e supunha, com a maior parte dos sábios do seu tempo, que a circunferência da Terra era menor do que ela é na realidade. A este duplo engano, às informações e papéis que, pela parentela de sua mulher, houve dos navegadores portugueses, devemos principalmente a descoberta da América. — Casara na Madeira Colombo com uma senhora Perestrelo. Veja vida de Colombo por seu filho Fernando Colombo, cap. v, Washington Irving, liv. I, cap. 5.

Os célebres mapas da Cartuxa de Évora (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35), dizem-me provar que em Portugal, antes de Colombo, havia já noções da América.

Colombo residiu algum tempo em Islândia, cujos navegadores, está hoje fora de toda a dúvida, conheciam o norte da América muito antes dele.

E os famosos sibilinos versos de Séneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem os explicará?

Pedro Álvares Cabral, por outro acaso — o de Colombo não fora mais — completou a descoberta do italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colombo. Américo Vespúcio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um português que reivindique as usurpações que todos os dias nos fazem estranhos, e releve

mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! — (*Nota da segunda edição*).

Temos no Sr. Visconde de Santarém quem nos desforce de todas as usurpações. — (*Nota da quarta edição*).

Nota B

O astro novo, não visto doutra gente
Antes que o luso nauta lho amostrasse . . pág. 67

Os Portugueses só passaram o Equador em 1472. Então lhes apareceram novo céu e novas constelações; então viram os primeiros olhos europeus o pólo austral e as quatro estrelas últimas que lhe ficam ao pé. Mais de um século antes disso, Dante tinha adivinhado estas quatro estrelas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente.

DANTE, *Purgat.*, canto. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? — Certamente o mesmo *Ignotos Deus* que inspirou a Séneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a ciência do erudito, o cálculo do sábio?

Em boa e singela prosa, o que me parece provável é que alguma tradição cítica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores desse tempo, chegasse a Séneca, e por superior talento avaliasse ele o que outros escarneceram talvez. Alguma saga dinamarquesa ou islândica achou acaso no Dante o mesmo génio transcendente que avalia e preza o que a vulgaridade trata muita vez de absurdo e ridículo. — (*Nota da segunda edição*).

Nota C

No ar se me afigurou troar de irada
A potestade imensa dalgum génio
Que os cancelos do Oriente ali guardasse . . pág. 68

Parece-me muito provável que realmente a vista daquele imenso e terrível promontório suscitasse a Camões a ideia magnífica da sua metamorfose: talvez a não houvera ele concebido se de Portugal não saísse. — (*Nota da primeira edição*).

Nota D

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome português assim manchava . . pág. 73

Alude à célebre composição — *Disparates na Índia.* — Que ela foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da pátria, são abono todos os biógrafos de Camões.

Faria e Sousa, na segunda vida do poeta, n.º 18, não se atreve a desculpar a aspereza e veemência da sátira. Na memória do snr. bispo Lobo parece provar-se que o desterro para Macau fora suavizado com o provimento no cargo de provedor-mor dos defuntos que o governador Francisco Barreto, simultâneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões esta sátira, fundando-se no nenhum talento poético que lhe nota. Por mim adopto mais fàcilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos *Lus.*, por D. J. M. de Sousa Botelho, Paris, 1817; Mem. da Ac. R. das C. de Lisboa, tomo VII, 1821. — (*Nota da segunda edição*).

Nota E

Que ao Sócrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
Que ao amante de Fédon . . . . pág. 74

As crónicas dos Chins reduzem toda a nossa cronologia a coisa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confúcio não é inferior em bondade de moral a Sócrates; e quando os amores de Fédon fossem tão platónicos como os viu Mendelssohn, ainda assim não seria o Grego superior ao Chim. — (*Nota da primeira edição*).

Veja contudo a eruditíssima obra de Paw que reduz a seu justo valor as exagerações dos cronistas do *império celestial*, e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos outros Jesuítas das *Cartas edificantes*.

V. *Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois*, Paris an III de la Rép. Franc., 2 vol. — (*Nota da segunda edição*).

AO CANTO QUINTO

Nota A

Alta a noute, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais . . . . pág. 80

Encontram-se no alto mar umas avezinhas que de noite dão sentidíssimos e longos pios, às quais os marinheiros puseram o nome de *almas-de-mestre*, crendo supersticiosamente que são as almas dos *mestres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam naquele fadário de pios enquanto seu corpo não chega a terra e obtém sepultura cristã. — (*Nota da primeira edição*).

Nota B

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi . . . . pág. 81

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assaz foi refutada esta miserável acusação que só a paixão cega de tão louca rivalidade podia fazer dizer a um homem aliás erudito e não sem engenho. — (*Nota da segunda edição*).

Nota C

Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam . . pág. 84

Às abas dessa encosta parece ter sido antigamente a principal parte da vila, ou primitiva povoação de Sintra. — (*Nota da segunda edição*).

Nota D

Do bardo misterioso o eterno canto . . . . pág. 88

Lorde Byron, que em seu extraordinário e inimitável poema, o *Child Harold*, fala de Sintra com o entusiasmo que as belezas da natureza excitam em génios como o dele. Este grande poeta, o maior do século presente, acabava de expirar na Grécia, onde o levara a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e à sua morte aludem os seguintes versos, que são imitados de uns do seu amigo e biógrafo, o suavíssimo Anacreonte do norte, Th. Moore:

Onde um suspiro
De morte, etc.

(*Nota da primeira edição*).

AO CANTO SEXTO

Nota A

Africana terra,
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura . . . . . pág. 92

Era grande e altamente político o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Espanha reunido sob uma só coroa, conceberam que Portugal, para ser independente deveras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras de África, os Algarves de além.

Mas foi sempre — talvez será sempre fado de Portugal não ter nunca ideia política, sistema constante de governo. Variou-se, varia-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e pérolas da Ásia, depois o ouro e diamantes do Brasil fizeram desprezar as praças de África, onde era preciso gastar muito e perseverar muitíssimo antes que produzissem para a alfândega e para o erário.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tão loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Esta mesma grande calamidade despopularizou a ideia. Tanto caso se fazia das praças de África naquele tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa comum da nação. No entanto meteram-lhe os Castelhanos guarnição, e lá ficou deles.

O que são as coisas! Se nós tivéssemos hoje as nossas praças de África, não seríamos poderosos e queridos aliados dos Franceses? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? Às portas do estreito, um pé na África, outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa léguas de quem todos escarnecem? Já não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é

velho, e correr para diante sem saber aonde. Sofisma que esqueceu a Jeremias Bentham. — (*Nota da segunda edição*).

Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres. . . pág. 94

D. Aleixo de Meneses, aio de el-rei D. Sebastião. — (*Nota da primeira edição*).

Nota C

De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem comentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão . . . . pág. 95

Estes versos censuram a fastosa e farisaica profissão dos hipócritas; mas não houve a mínima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade — aliás orgulho ridículo e mal disfarçado.

Já havia Cristianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Igreja o que só regia a Igreja. — Este argumento de um anglo-americano há pouco voltado ao seio da religião católica, é a morte do Protestantismo. — (*Nota da segunda edição*).

Nota D

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho . . . . pág. 96

Veja-se as Conf. de S. Aug.—(*Nota da primeira edição*).

AO CANTO SÉTIMO

Nota A

Oh! nobres paços da risonha Sintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila . . . . pág. 106

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sobre se houve ou não nas Espanhas o sistema feudal pròpriamente constituído, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos de arquitectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aqueles tão ricos e pitorescos montes coroados de castelos senhoriais ainda ouriçados de ameias e bastiões — quem não dirá: « aqui dominou o feudalismo em toda a sua plenitude? » — Mas o que visitar as áridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Espanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o *paço* do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos igualmente espelhados pela aba da serra, ao longo do vale, e sem mais distinção, apenas diferentes nas proporções ou no gosto do edifício — esse dirá necessàriamente: « Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o domínio africano; de um para outro não havia servidão, nem senhorio, nem mister de castelos e pontes levadiças: destruiram o inimigo comum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu — raça exclusiva de trabalhadores no alheio ».

O estudo das artes é de mais auxílio à ciência, do que talvez ela cuida em seu orgulho. — (*Nota da segunda edição*).

Nota B

Que precedido vai por débeis canas . . pág. 107

Os porteiros da cana, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sá Miranda na sua carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarcas portugueses com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem. — (*Nota da primeira edição*).

Nota C

Menestréis tangem . . . . pág. 109

Nome que tinham no paço os músicos que ùltimamente eram designados, creio eu, com o ignóbil título de músicos das cavalhariças. Dava-se-lhes ainda aqueloutro no tempo de D. João IV. — (*Nota da segunda edição*).

Nota D

E do bárbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Tamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Inês repete a lira . . . pág. 119

As traduções dos *Lusíadas* começaram logo a espalhar-se por todas as línguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interesse e universal entusiasmo quase desde o momento que apareceu o poema, o adoptarem-no logo por seu tantos países e línguas diferentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quase sempre sido o pobre Camões, observa o ilustre literato, com os seus tradutores! A respeito de Mickle e Lorde Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: « *It is one of the curiosities of litterature that two englishmen of considerable genius should have employed themselves at different times in interpolating a portuguese poet.* — « É notável curiosidade literária que dois ingleses de considerável talento se empregassem, em diferentes tempos, em interpolar um poeta português ».

Mas Inglaterra, e a sua literatura, se alguma ofensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memórias são, com a edição do morgado de Mateus, e a Memória do sr. bispo de Viseu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têm alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quão pouco tenho procurado, e quão rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferência que, desde 1820, quase sempre tenho tido com os ministros que nos têm governado sob o regímen constitucional. Nestas raras excepções entrou a mercê que empenhadamente solicitei do favor real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao autor das Memórias de Camões. O *Diário do Governo*, que tanta coisa nos publica que melhor fora não dizer, nunca se dignou comunicar à Nação este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da rainha. Julguei de serviço público deixá-lo trasladado para aqui:

« Atendendo ao que Me representou João Baptista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinário, Ministro Plenipotenciário junto a Sua Majestade Católica; e querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testemunho do apreço em que Tenho o distinto serviço que fez à Literatura Portuguesa na publicação das suas *Memórias de Camões*, que assim deram novo brilho à glória toda nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson de o Nomear Cavaleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 de Abril de 1833. — RAINHA. — *António Fernandes Coelho.* »

O episódio de Inês de Castro é talvez a parte dos *Lusíadas* que tem sido mais popular na Europa, e mais

vezes traduzida em todas as línguas cultas. Mas em todas ou quase todas o foi já o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traduções de que pude achar memória, ou examinei eu próprio.

TRADUÇÕES DOS LUSÍADAS DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO PORTUGUESA DE 1572.

I. — 1580. — Tradução castelhana por Benito Caldera, com este título: — *Los Lusíadas de Luis de Camões, Traduzidos em octava rima Castellana per Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion. — Con privilegio. — Impresso en Alcala de Henares, por Juã Gracian. Año de M. D. LXXX.*

1 vol. em 4.to pequeno com uma gravura em madeira no princípio, representando um soldado no acto de montar a cavalo, sem numeração de páginas ou de fólios. — Antes do poema vem uma epístola ao leitor por Pedro Laynes — sonetos ao A. pelo licenciado Garay — por um amigo — por Luís de Montalvo — pelo mestre Vergara — por um amigo — e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: — En Alcala; — En Casa de Juan Gracian — 1580.

Conserva-se um exemplar desta rara tradução na biblioteca de el-rei de Inglaterra em Buckingham-house.

Veja Nic. António, Bibl. Hisp. Nova; — Barbosa, Bibl. Lus., tom. I, pág. 500; — De Bure 3547; — Brunet, Man., pág. 207, tom. I; — Duclos, Dict., tom. I, pág. 231. — Osmont, Dict. Tip., tom. I, pág. 163. — Fournier, Nouv. Dict. port. de Bibl. — Bibl. Croftsiana, n.º 4633. — Bibl. Pinelliana, n.º 689. — Adamson's Memoirs, tom. II.

II. — 1580. — Tradução castelhana por Luís Gomes de Tapia, com este título: *La Lusiada de el Famoso Poeta*

Luys de Camoes. Traduzida en verso Castelhano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia — Con privilegio. — En Salamanca. — En casa de Juan Perier, Impressor de Libros, ano de M. D. LXXX.

1 vol. 4.to pequeno em 307 fól. Tem argumentos em prosa no princípio, e anotações no fim de cada canto.

Antes do poema contém dedicatória — versos latinos de Francisco Sanchez — um soneto em castelhano pelo autor — versos latinos de Francisco Sanchez — versos latinos de Álvaro Rodrigo Zambano — um soneto em italiano por Diogo Vanegas — uma canção por D. Luís Gôngora e Pedro de Vega — sonetos em castelhano por D. Luís de Valençuela e D. António Peralta — catálogo dos reis de Portugal.

Um exemplar desta obra existe na biblioteca de el-rei de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder do morgado de Mateus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet., 1755, pág. 87. — Vej. Adamson's Mem., tom. II.

III. — 1591. — Tradução castelhana por Henrique Garces; com este título: *Los Lusiadas de Luis de Camoes, Traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias. En Madrid. Impresso con licencia en casa de Guilhermo Drouy, impressor de libros.* Año 1591. 1 vol. 4.to.

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e enviuvando foi cónego no México. Vej. Nicolau António. Bibl. Hisp. Nov. I. — Barb., Bibl. Lus., tom II. — Reis Enth. poet., pág. 150. — O título, privilégio, censura e quatro sonetos ocupam oito páginas sem numeração; o poema 185 fól. — Um exemplar desta raríssima edição existe na biblioteca do meu amigo o Sr. James Gooden, em Londres.

IV. — 1612. — (À volta de) — Tradução francesa, anónima. Não foi possível aos mais diligentes bibliógrafos

modernos descobrir um exemplar desta tradução, de cuja existência nos consta indubitàvelmente todavia pelo testemunho de Nicolau Ant. Bibl. Hisp.; Fernandes, ed. dos Lus. de 1609; Baillet; Mickle; Garcês Ferreira que a atribui a um M. Scharon; Adamson's Memoirs, tom. II; e outros.

V. — 1613. —Tradução italiana anónima: provàvelmente Ms. pelo testemunho de Nervi. Vej. Manuel Correia que lhe assina esta data de 1613; Adamson's Memoirs, tom. II.

VI. — 1622. — Tradução latina por D. Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa; com este título: *Lusiadum Libri X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Tarrensi, Ulyssipone ex officina Gerardi de Vinea*, 1622, 1 vol. 8.vo.

Reimprimiu-se no *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum etc.* Lisboa, 1745.

Tive na minha pequena colecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em poder do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar desta 1.ª edição foi vendido na venda de Crevena por 2 fl. 14 st. Catal. Crev., tom. III, pág. 289.

Vej. Nic. Ant., Bibl. Hisp. Nov., vol. II; Barbosa, Bibl. Lus., tom. III; Faria e Sousa; Severim de Faria; Adamson, tom. II; e outros.

VII. — 163... — Tradução latina por André Baião com este título: — *Lusiada Indiae orientalis argonautae*, Ms. actualmente existente na Biblioteca Romana.

André Baião, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu em 1639.

Vej. Bibl. Hisp. Nov., tom. I; Bibl. Lus., tom. I. Montfaucon Bibl. Mss., vol. I, pág. 179; Reis Enth. poet.; Adamson's Mem., tom. II.

VIII. — 16... — Tradução latina de António Mendes, com este título: — *Lusiaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poema Latinis versibus redditum.* 4.º Ms.

Vej. Barbosa, Bibl. Lus., tom. I, pág. 327.

IX. — 16... — Tradução latina por Fr. Francisco de

Santo Agostinho Macedo, com este título: *Lusiada de Luís de Camões traduzida em língua latina. Ms.*

Macedo o enciclopédico nasceu em Coimbra 1596, morreu em Pádua 1681.

Esta tradução chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum*, cujo sexto volume é todo ocupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio por fim a publicar-se por não ter recebido a última correcção de seu autor, diz uma nota de editor no referido 6.º vol.

Deve existir hoje este Ms. na Biblioteca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum*, creio eu.

Vej. Barbosa, Bibl. Lus., tom. I e II; Adamson, tom. II.

X. — 1655. — Tradução inglesa por Sir Richard Fanshaw, com o seguinte título: *The Lusiad, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.* — Dignum laude virum Musa vetat mori: — Carmem amat quisquis carmine digna facit. — HORAT. — *London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms, in St. Paul's church yard. M. DC. LV. fol.*

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e neste carácter residia quando se concluiu o casamento de el-rei Carlos II com a infanta D. Catarina. Foi depois embaixador em Madrid onde morreu em 1666.

É dedicada a tradução ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do *Satyricon* de Petrónio com uma tradução do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglês. Retratos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra *newly* no frontispício desta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga tradução por autor diverso. Mickle, *Dissert. on the Lus.* em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o editor das cartas de Fanshaw: « During

the unsettled times of our anarchy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, were *printed and published* without his consent or knowledge, and before he could give them his last finishing strokes: such was his translation of the Lusiads».

Mickle loc. cit.: Adamson's Mem., tom. II.

XI. — 1658. — Tradução italiana por Carlos António Paggi, com o título: *Lusiada Italiana di Carlo António Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de'Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Sgnore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira.* 1658. 1 vol. 12.mo.

Contém uma alegoria precedendo o frontispício, gravada; duas dedicatórias a Monsig. Giocomo Franzoni e al III. Sign. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; — sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant., Bibl. Hisp. Nov., tom. II; Adamson's Mem., tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma tipografia logo no seguinte ano 1659. — Há exemplares no Mus. Britân., na colecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII. — 1735. — Tradução francesa por Duperron de Casterá, com este título: *La Lusiade du Camoens, poême héroique, sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, por M. Duperron de Castera, 3 vol., 12.mo, Paris, 1735.*

Com uma série de estampas, e uma alegoria no frontispício. É dedicada a S. A. S. o Príncipe de Conty. Contém além da dedicatória em verso francês, e da inscrição em verso latino da alegoria, um prefácio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e índice de matérias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, Man. du Lib., tom. I, pág. 207; Duclos, Dict. Bibl., tom. I; Osmont, Dict. Tipogr., tom. I, pág. 163.

Há uma ed. de Paris 12.mo, outra de Amsterdão em

8.vo, ambas em três vol., e no mesmo ano de 1735. — Outra ed. de 1768.

XIII. — 1762. — Tradução em verso alemão dos episódios de Inês de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Gil, Beytr. zu Braim chwig Antreigen.* 1762. St. 25, pág. 193; St. 26, pág. 210.

XIV. — 1772. — Tradução em oitava rima italiana anónima; com este título: *La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da' Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua excelenza Il Virgilio di Portugallo. Scrita da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nella stesso metro tradotta in italiano de N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunt al Poema da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772, Prezzo li fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova.* — Multosque per annos — Errabant anti fatis maria omnia circum. — ENEID. LIB. I.

1 vol. 12.mo de 304 pág. dedicado *al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvadore Pez di Villamarina.* Argumentos em verso no princípio de cada canto, e notas marginais no decurso da obra. Há um prefácio depois da dedicatória. — Atribui-se geralmente ao conde Laureanni, algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder de M. Adamson.

XV. — 1772. — Tradução em verso francês por S. Gaubier de Barrault; com este título: *La Mort d'Inès de Castro; et Adamastor: morceaux tirés et traduits de la Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Françoise en vers et complete de ce fameux Poeme Portugais. Ouvrage dédié & présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII, jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne. De l'Imprimerie Royale. Avec approbation.* 1 folheto de 32 pág. em 4.to, com o texto ao lado.

São ùnicamente os episódios de Adamastor e de Inês de Castro, traduzidos verso por verso: dedicatória em prosa francesa a el-rei D. José.

Aquino ed. de Cam. 1782; Adamson, tom. II.

XVI. — 1776. — Tradução em verso rimado inglês por Júlio Mickle; com este título: *The Lusiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.* — Nec verbum verbo, curabis redere fidus — Interpres. — HOR. ART. POET. — *London.* — *Oxford.* — *M. DCC. LXXVI.* 1 vol. 4.to.

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contém, antes dos *Lusíadas*, uma introdução; a história da descoberta da Índia; a história do crescimento e queda do império português no Oriente; vida de Luís de Camões; dissertação sobre os *Lusíadas*; observações sobre a poesia épica.

Aquino ed. de Cam. 1782, tom. I; Adamson's Mem., tom. II.

XVII. — 1776. — Tradução, em resumo, em prosa francesa por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este título: *La Lusiade de Louis de Camoens; Poeme Héroique, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant. 2 vol. 8.vo, Paris, 1776.*

Precedem o poema uma advertência do editor, uma vida de Camões: no princípio de cada canto um argumento em prosa. Excelentes gravuras com explicações em prosa também.

Aquino ed. de Cam. 1782, tom. I; Mickle Diss.; Bibliothéque d'un homme de goût, tom. I, pág. 239 (ed. de 1808); Brunet Man. du lib., tom. I; Fournier, Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII. — 17. — Tradução em verso francês por Florian, com este título: *Episode d'Ignez de Castro, traduit de la Lusiade de Camoens — chant III.*

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX. — 1788. — Tradução anónima em prosa francesa do episódio da ilha dos Amores, na colecção intitulada: «*Voyages Imaginaires, Romanesques, merveilleux, allégoriques &c. Amsterdam* 1788, 8.vo» com o título seguinte: *L'Isle enchantée, Episode de la Lusiade, tra-*

duit du Camoens. Tem uma bela gravura de Vénus falando a Cupido.

XX. — 1807. — Tradução em oitava rima alemã por Frederico Kuhn e Carlos Teodoro Winkler; com o título: *Die Lusiade de Camoens. Aus den Portugiesischen in Deustsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung.* 1807. 8.vo.

É dedicada ao conde Carlos Boze, secretário de estado de el-rei de Saxónia: pretende-se na dedicatória que é a primeira tradução dos *Lusíadas* em alemão.

XXI. — 1808. — Tradução alemã do primeiro canto dos *Lusíadas*, com o texto português ao lado; com este título: *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiada des Camões. Hamburg bey Friedrich Perthes.*

XXII. — 1811. — Tradução em verso francês dos episódios de Inês de Castro e da ilha dos Amores, por Parseval Grand-maison, no poema rapsódico intitulado *Les amours épiques*, 1 vol. 8.vo.

A edição que cito é a segunda; não se pôde descobrir a data da primeira.

XXIII. — 1814. — Tradução em oitava rima italiana, por António Nervi; tem por título: *Lusiada di Camoens, Transportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta*, *anno* 1814. 8.vo.

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou ilustrações.

XXIV. — 1818. — Tradução castelhana de Dom Lamberto Gil; com título seguinte: *Los Lusiadas, Poema Epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Dom Lamberto Gil, penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid*, 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos*, 3 vol. 8.vo.

O primeiro vol. tem o título acima, e contém prólogo — vida de Camões — juízo crítico — relação da viagem de Gama — e os primeiros cinco cantos dos *Lusíadas.* — O segundo volume contém o resto dos *Lusíadas;* no terceiro há prólogo — e poesias várias que vêm a ser uma escolha dos poemas menores, notas, etc.

XXV. — 18... — Tradução inglesa de parte do IV.º canto dos *Lusíadas*, e de algumas selecções das Rimas por Lorde Strangford; com o título: — *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens, London 18*... Um pequeno vol. em 12.mo.

XXVI. — 1825. — Tradução em prosa francesa por Millié, com este título: *Les Lusiades, ou Les Portugais, Poème de Camoens, en dix chants. — Traduction nouvelle avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié.* — « La découvert de Moçambique, de Melinde et de Calicut a été chantée par le Camoens dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide ». MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob n.º 24. De l'impremerie de Firmin Didot. M. DCCC XXV. 2 vol. 8.vo.

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Mateus). Antes do poema, um prefácio — vida de Camões — o soneto de Tasso e uma imitação francesa dele. No fim de ambos os volumes, notas — argumentos — conceitos dos literatos sobre os *Lusíadas* — notícia sobre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francês por M. Millié.

XXVII. — 18... — Tradução em oitava rima alemã pelo Dr. C. C. Heise, com o título: *Die Lusiade, Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen ubersetzt von Dr. C. C. Heise. — Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer, 2. vol. 12.mo.* — No frontispício tem este dístico alemão:

« Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen ».

Contém, antes do poema, uma espécie de *endereço* a Camões — argumentos nos princípios — e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhece-se que é deste século.

XXVIII. — 1826. — Tradução em oitava rima italiana por Briccolani; tem título: *I Lusiadi del Camoens*

recati in ottava rima da A. Briccolani. Parigi 1826, *co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe*, n.º 24. 1 vol. 32.mo.

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sete para oito anos. Tem no princípio a mesma gravura da edição portuguesa em 32.mo. feita em Paris, pela de 8.vo de Didot e na sua oficina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX. — 1826. — Tradução em verso solto inglês por Musgrave; com o título: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens. — Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave.* — Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetis. — Excerpam numero. Neque enim concludere versum — Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos. — Sermoni propriora putes hunc esse poetam. — Ingenium cui sit, cui mens divinor, atque os — Magna soniturum, des nominis hujos honorem. — HORAT. SAT. L. I, 4.

London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC. XXVI. 1 vol. 8.vo.

Precede o poema, dedicatória ao conde de Chichester — prefácio. — Seguem-se no fim notas.

XXX. — 1828. — Tradução dinamarquesa por Lundbye; com o título: *Luis de Camoen's Lusiade oversat af oct Portugisiske ved H. V. Ludby. Kopenenhagen.* 1828, 2 vol. 8.vo.

O A. era secretário da legação dinamarquesa em Tunes.

XXXI. — 1833. — Tradução em verso alemão por Donner; com título: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdeutsch von J. J. C. Donner. Stuttgard.* 1833. 1 vol. 8.vo.

É uma bela edição em caracteres romanos. Autor contemporâneo bem conhecido.

XXXII. — A tradução hebraica, referida por Mickle, e feita com muito engenho e elegância por Luzzeto, um e erudito judeu autor de vários outros poemas, que morrera na Palestina — trinta anos antes do tempo em que Mickle escrevia. — 1775.

XXXIII. — A tradução em prosa latina por Filipe José da Gama, tão louvada na ed. de 1779 das obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV. — A tradução em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o título *Lusiadum Libri. VII. Ms.*

XXXV. — A tradução em verso francês pelo Sr. Duque de Palmela que os particulares amigos do ilustre autor sabem estar muito mais adiantada, posto que dela só aparecessem amostras no *Investigador português em Londres* de 18... — Posso dar testemunho do muito que admirei algumas das mais belas e mais difíceis passagens dos *Lusíadas*, quando o nobre poeta (espero que se não ofenda do nome) me fez a honra de mas ler, há onze para doze anos em Londres.

XXXVI. — As duas traduções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, ilustre viajante daquele país que aqui vimos em Lisboa este ano de 1839.

XXXVII. — Os comentários e tradução russa em 2 vol. 8.vo, que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e inteligência.

XXXVIII. — Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure também traduziram em francês parte dos *Lusíadas* — (*Nota da segunda edição*).

XXXIX. — 1839. — Tradução sueca por Lovén, com este título: *Lusiaderne, Hjeltedikt of Luis de Camoês ofversatt från Portugisiskan, Joriginalsts versform, Af Vils Lovén. Stockholm, tryckt hos L. J. Hjerta*, 1839.

1 vol. 12.mo grande, de 224 pág., prefácio de IV pág., notas no fim, em XVI pág.

XL. — 1841. — Tradução em verso francês por Aubert; com título: *Traduction des Lusiades de Camoens, par Ch. Aubert. Paris* 1841. 1 vol. 12.mo.

XLI. — 1841. — Tradução em prosa francesa por Ortaire Fournier e Desaules; com título: *Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, par M. M. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis. Paris* 1841. 1 vol. 12.mo. — (*Nota da terceira edição*).

XLII. — 1852. — Tradução em verso inglês dos primeiros cinco cantos, com o título: *The Lusiad of Camoens. Books I. to V. Translated By Edward Quillinan. With notes By John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c. &c. London* 1853. 1 *vol.* 8.vo. — (*Nota da quarta edição*).

AO CANTO OITAVO

Nota única

Louçã, transparente porçolana,
Raro produto do Chinês longínquo,
Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais copas . . . . pág. 124

Raríssima era ainda a porçolana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da Índia que fez o nosso santo arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires ao papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixelas de ouro e prata, como impróprias de um sucessor de S. Pedro, e usasse daquela que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Fr. Luís de Sousa, vida do Arc. — (*Nota da primeira edição*).

AO CANTO NONO

Nota A

O trovador moderno que descanta . . . . pág. 140

O nome de trovador não foi privativo dos provençais, porque portugueses e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuíno da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavaleiro andante, e não no vulgar

e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista.* — (*Nota da primeira edição*).

Nota B

Arrebatada
Por anjos infernais a roca antiga
Que a prumo a descaíram — e fixada
No encantado equilíbrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens . . pág. 142

Vistos de certo ponto e distância, os rochedos primitivos e descarnados daquela serra parecem com efeito colocados ali por meios sobrenaturais.

Não haverá entre eles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou nestoutros versos:

Céltico dólmen recordando o culto
Do sanguento Endovélico, o terrível
Irminsulf dos ferozes Lusitanos . . . . . pág. 143

Dolmin, ou dólmen, é o singelo monumento céltico de uma pedra solitária e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do génio, por sangue. Endovélico era deus celta, porventura tradução de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interesse o poeta só indica: trate-as a ciência, que o valem. — (*Nota da segunda edição*).

Nota C

Guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrelas do Yaman e os enlaçados
Caracteres do Hedjaz . . . . pág. 143

Ainda agora — A, D. 1839 — se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quase todo o estuque, e bocados dele com o azul vivo e animado, as estrelas, meias-luas e letras arábicas bem distintas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Veja, sobre a admirável conservação destes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos. Paris, em 3 de la républ.*

Se alguém fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notáveis vestígios antes que de todo se obliterem! — (*Nota da segunda edição*).

Nota D

Estas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo . pág. 143

É facto que pode cada um explicar a seu sabor, mas indisputável para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que sucederam a centenares de gerações — na que jaz abandonada e deserta já — os monumentos, os edifícios públicos e particulares, ou renovados ou caídos, ou sem deixar vestígio sequer, todos testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas de oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Filosofia responderá com um sorriso, a Piedade com um levantar de olhos ao Céu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se hei-de crer sem entender, porque há-de ser antes no que ri e zomba, do que nesse que vive tão certo em sua fé? — (*Nota da segunda edição*).

Nota E

De Bernardim saudoso e namorado . . . pág. 145

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é uma alegoria de seus altos amores do paço. Corre por

verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Sintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. é, a Turim onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Sabóia, são factos: o resto quem o pode afiançar? — (*Nota da primeira edição*).

No volume desta colecção em que se publica o *Auto de Gil Vicente*, vem ilustrado mais amplamente o ponto.

Imprimiu-se, na primeira edição do poema, Isabel em vez de Beatriz, por engano desculpável em quem escreveu e imprimiu em terra estranha, quase sem um só livro português. — (*Nota da segunda edição*).

Nota F

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda . . . . pág. 145

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos decifrada e decifrável do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me acusasse de ter seguido outra diversa no *Auto de Gil Vicente.* Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permitido violar a história, que liberdades não terá ele com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança-se ao mar, no *Auto de Gil Vicente;* mas nenhum *nuncius*, nenhum χορος, veio fora, como na comédia ou tragédia antiga, dizer ao público: — « Bernardim Ribeiro afogou-se com efeito: *nunc plaudite* ». — (*Nota da segunda edição*).

Nota G

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será . . . . pág. 150

Duarte Nunes de Leão define *façanha*, acção notável em cavalaria que se pode citar como aresto e caso jul-

gado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. cron. — (*Nota da primeira edição*).

Nota H

Pronto se oferece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue . pág. 151

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os *Lusíadas* em 1572 na oficina de António Gonçalves. Fez logo segunda edição no mesmo ano, segundo demonstrou o Morgado de Mateus, e já Faria e Sousa tinha descoberto. Desde então, pode-se dizer que a imprensa ainda não descansou de multiplicar exemplares desta assim como das outras obras de Luís de Camões. — (*Nota da segunda edição*).

Nota I

Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une . . . pág. 152

Mais de uma vez se tem feito alusão, neste poema, à imortalidade que o nome de Camões afiança à nossa língua e ao nosso nome. Poucos há tão populares e europeus como o dele. Nestes derradeiros tempos quase que não há língua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o engenho e carpido as desgraças do Homero português.

Lorde Strangford com as suas *paráfrases*, de pouco mérito aliás, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O morgado de Mateus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as simpatias despertadas talvez pelo literário dândi.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques*, apareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu

Camões, que é deste ano, fiz a sensaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, entendendo provàvelmente mal as minhas palavras, aquele escritor, que tão bem tem merecido da nossa literatura, se ofendera delas. Peço-lhe aqui solene desculpa, e declaro a minha convicção íntima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em francês, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa, cujo assunto é a volta de Camões a Lisboa. Não me pode lembrar o nome do autor.

Em alemão apareceu — *Tod des Dichters* — romance por Ludwig Tieck. Berlim, 1834. É seguimento de uma publicação à maneira dos anuais ingleses, intitulada *Novellenkranz*, 1 vol. 12.mo de 347 pág. — Saíram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros literatos da Alemanha.

Numa colecção de poesias dinamarquesas que tem por título — *Nye Digte, Af Tchack Staffeldt* — Kiel 1808, 8.vo, a pág. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de diferentes medidas e a modo dramático, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jau de Camões e vozes de anjos. Contém 24 pág. — (*Nota da segunda edição*).

Li o ano passado dois dramas alemães cujo protagonista é também o nosso Camões, são impressos 183... — (*Nota da terceira edição*).

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo literário sobre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolfo de Cicourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliothèque universelle de Genève*, e tem por título *Catheryne d'Atayde. Genève, imprimerie Ferd. Ramboz et Cie. 1853*. Sinto que a já demasiada extensão destas notas me não permita inserir por extenso todo este opúsculo, bem digno do seu objecto. — (*Nota da quarta edição*).

AO CANTO DÉCIMO

Nota A

À indigência, à miséria aí sucumba ... pág. 154

Seguindo a opinião do Morgado de Mateus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dois irmãos Câmaras — Luís Gonçalves e Martim Gonçalves — com toda a fealdade deste crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam el-rei, e que, segundo diz Faria e Sousa, *eram enemigos del poeta*. Com esta mais arrazoada opinião se conforma o sr. bispo de Viseu, Lobo, quando, ajudado de autoridade e argumentos do mesmo Faria e Sousa, confunde a vilania de Mariz que tão indignamente quis desculpar a ingratidão da corte à custa da reputação de Camões.

Mas já que vai de fazer justiça a todos, façamo-la também ao govêrno daquele tempo, absolvendo-o da acusação, tão repetida há quase três séculos, de que a pensão dos quinze mil-réis que lhe davam era, ainda em cima, tão mal paga que o poeta dizia: « que havia de pedir a el-rei que trocasse os quinze mil-réis por outros tantos açoites nos ministros por quem corria o pagamento ».

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por íntegra, em razão da novidade e interesse do seu conteúdo, os seguintes documentos cujas cópias autênticas me foram oficialmente comunicadas da Torre do Tombo. E folgo de dar aqui público agradecimento à obsequiosa amizade do Sr. Guarda-Mor e à diligência de seus empregados, que tão zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

« Il.mo e Ex.mo Sr. — Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex.ª (de ordem do meu Guarda-Mor) as três cópias juntas do alvará e apostilas de 15$000 réis de tença con-

cedida a Luís de Camões, podendo assegurar a V. Ex.ª não existir neste Arquivo outro algum documento (e muito menos autógrafo) que pertença ao dito Camões. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Real arquivo da Torre do Tombo, 27 de Julho de 1839. — Il.mo e Ex.mo Sr. Cronista-Mor do Reino. — *José Manuel Severo Aureliano Basto*, Oficial Maior. »

« Eu el-rei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que luis de camões caualleyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil réis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presemte de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada um dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira de meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça assentar no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada um dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fosse carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dous e eu Duarte dias o fiz escrever. — Está conforme ao livro 32 da Chancelaria do Senhor Rei Dom Sebastiãõ, fl. 86, v.º — Real Arquivo, 23 de Julho de 1839. — *José Manuel Severo Aureliano Basto.* »

« Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio da guiar a folhas oitenta e seis E passou pela chancellaria a seis de Setembro de *setente e dois.*

— Ey por bem fazer merce a luis de camões dos quinze mil rei cada anno contendos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thezoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora paguarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no Livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do asentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever. — Está conforme ao Livro 33 da Chacelaria do Senhor Rei Dom Sebastião, fl. 229. Real Arquivo, 23 de Julho de 1839. — *José Manuel Severo Aureliano Basto.* »

« Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões. — Ey por bem de fazer merce a luiz de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atraz que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos setenta e oito em diante. E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricula dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha fôrça e vigor posto que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dous de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apos-

tilla — Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancelaria do Senhor Rei Dom Sebastião, fl. 119, v.º — Real Arquivo, 23 de Julho de 1839. — *José Manuel Severo Aureliano Basto.*» — (*Nota da segunda edição*).

Os conscienciosos e infatigáveis desvelos do meu amigo o Sr. Visconde de Juromenha sairão breve a público para « ilustrar esta e outras questões biográficas relativas a Camões » — (*Nota da quarta edição*).

Nota B

—«Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado já . . . . pág. 160

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O sr. bispo de Viseu, na memória tantas vezes citada, claramente provou que «o falecimento do poeta no hospital público de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso. »

Vej. Mem. da Ac. R. das C. de Lisboa, tomo 7, pág. 230. — (*Nota da segunda edição*).

Nota C

Uma faísca,
Esquecida a tiranos, lá cintila . . . . . . pág. 165

Esta é uma profecia de poeta, cujo cumprimento pode ser explicado pelos sucessos de 1640, de 1800, ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte das profecias.

Nota D

Juntos morremos... E expirou co'a pátria . . . pág. 167

É notável coincidência, e que muito lisonjeia o meu pequenino amor-próprio, que enquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para des-

crever os últimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira imortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este ano passado de 1824 expôs no Luvre, em o qual pintou a mesma cena. Valha-nos ao menos, descaídos e esquecidos como estamos, que haja ainda portugueses como o Sr. Sequeira que ressuscitem, de quando em quando, o adormecido eco de nossa antiga fama. — (*Nota da primeira edição*).

Nota E

Onde jaz, Portugueses, o moimento
Que do imortal cantor as cinzas guarda? pág. 168

Camões foi enterrado em sepultura humilde e rasa ao lado esquerdo da porta principal da igreja do convento de Sant'Ana, que então servia de paróquia. Dezasseis anos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão afeiçoado lhe fora noutro tempo, mas que parecia tê-lo desamparado nos últimos tempos de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonçalo Coutinho, agora com diligência e cuidado procurou o lugar quase esquecido — em dezasseis anos! — da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas dificuldades, « por não haver indício » diz o sr. bispo de Viseu, Lobo, « que o fizesse logo advertir », mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da igreja, e assentou sobre ela uma pedra em que fez gravar aquele tão conhecido epitáfio de simplicidade eloquentíssima:

Aqui jaz Luis de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo;
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu.
Anno M.D.LXXXIX.

Martim Gonçalves da Câmara, o famoso escrivão da puridade de el-rei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arre-

pendimento, também agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aqueloutro epitáfio em dísticos latinos, composição do padre Mateus Cardoso jesuíta, toda hiperbólica, engenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hipócritas e fingidos, quanto a singela prosa portuguesa da outra inscrição mostrava sinceridade da alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O cronista franciscano atesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da igreja no sítio onde fora a primitiva sepultura do poeta, e ali foram postos em seu obséquio com emblemas e troféus militares.

No terremoto de 1755 o tecto da igreja, que era de abóbada, caiu com todo o seu peso sobre o centro dela e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da igreja também não foi arruinado, segundo ainda hoje testemunha a existência de muitas lápides, inscrições tumulárias, brasões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A igreja consertou-se; as freiras, que até ali não tinham tido senão coro de cima, fizeram coro de baixo também, tapando a porta principal da igreja que era fronteira ao altar-mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sítio em que a grade do coro de baixo agora parte a igreja quase a meio.

Mas depois destas obras, a ninguém lembrou perguntar se se pusera ou não sinal naquela sepultura: todos se contentaram desmazeladamente com dizer: — « Perdeu-se com o terremoto ». E passou em julgado. Envergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo túmulo de Camões; dizia-se que era um opróbrio, uma afronta nacional, mas não se tratou nunca de ver se era possível repará-la.

Só neste século, um homem não suspeito de entusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas ainda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruiu a loisa, não o jazigo.

Provàvelmente não havia empenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incúria geral portuguesa se ficou na preguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

Em 1825, quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circunstâncias locais, e não tinha nem o menor vislumbre de que fosse possível virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema a modo de *envoy* de proençal, ou com mais exacção de acre *sirvente* que fustiga um crime público — em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Governo, todos pecaram de culposa incúria em não ter feito a mínima diligência para descobrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providências* do marquês de Pombal, milhões de despesas em desentulhos, consertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luís de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o empreender a desafronta da nação e o desagravo do seu grande génio.

Na sociedade que se formara em Lisboa em 1835 com o título da Sociedade dos Amigos das Letras, o Sr. Castilho propôs que se não desse toda a esperança por perdida, que ele tinha fé que ainda talvez se pudesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligências com zelo e empenho.

Nomeou-se uma comissão; o Governo e o Sr. Patriarca da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solenidades explorada a igreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no próprio sítio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos

mortais do imortal cantor dos Portugueses, aparece com efeito uma laje comparativamente nova, sem letra nem divisa, cobrindo um vão argamassado e ladrilhado, com dois ou três degraus que a ele descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insuficiente para um carneiro ou jazigo de família, como outros que há na mesma igreja. Dentro deste vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, à míngua de *autênticos* formais, podem crer em relíquias autenticadas com probabilidades tão vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se pode provar em casos tais, que ali estão as cinzas de Camões. O lugar é o da história; de todos os sinais que ela nos dá para reconhecermos aquele sepulcro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Aparece uma nova, como é nova toda a linha média do pavimento da igreja. Não aparece, apesar das mais escrupulosas diligências, memória de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou família que depois do terremoto ali viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonçalo Coutinho procurava a já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *dificuldades* que fazem hesitar, mas que são muito vencíveis: nenhuma razão se oferece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas ocorrências de Setembro de 1836, tempo em que a comissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatório circunstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai aparecer brevemente ao público. *

O meu amigo o Sr. António Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está actualmente dispondo aquele relatório, de

* Escrevia-se esta nota em 1839. Não me consta que nada aparecesse até hoje. Março de 1854.

cuja publicação resultará certamente o generalizar-se a convicção de tão grande descoberta, e vir enfim a nação portuguesa a recuperar o seu Paládio literário. Dar-lhe-á ela depois santuário mais digno, mais durável, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemo-lo ao menos. — (*Nota da segunda edição*).

Nota F

Canto de indignação, último acento
Que jamais saíra da minha lira . . . . pág. 168

O leitor dirá provàvelmente que foram promessas de poeta, o *promitti tibi pater*. Engana-se. Realmente desde esta época não tornei a empreender uma obra poética, não tornei pròpriamente a fazer versos. A canção à vitória da Terceira, assunto que faria poeta a burra de Balaão do mais prosaico jornalista — com dois ou três pecadilhos mais, se tanto, são os únicos de que me acuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e concluí muitas.

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos têm — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que já não *creio;* e para ser poeta é mister *crer*. Já não creio senão em Deus; e agora, só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomara eu poder comigo que os fizesse — meus ricos versos! Que me não façam *almotacé do bairro*, como dizia o Tolentino — regedor de paróquia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir: eles, coitados, saberão eles que fazem prosa? — (*Nota da segunda edição*).

ÍNDICE


TRAS OS MONTES